

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

**COMPREENSÃO E PRODUÇÃO ESCRITA EM LÍNGUA
PORTUGUESA NA ESCOLA PÚBLICA – O JORNAL #HASHTAG**

ALESSANDRA ENCARNÇÃO

**Rio de Janeiro
2015**

COMPREENSÃO E PRODUÇÃO ESCRITA EM LÍNGUA PORTUGUESA NA ESCOLA PÚBLICA – O JORNAL #HASHTAG

ALESSANDRA ENCARNAÇÃO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como quesito para a obtenção do Título de Mestre em Letras.

Orientador: Professor Doutor Claudio de Paiva Franco

Linha de Pesquisa: Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes

Rio de Janeiro

2015

Encarnação, Alessandra

Compreensão e produção escrita em língua portuguesa – o jornal #hashtag/
Alessandra Encarnação. Rio de Janeiro: UFRJ / Faculdade de Letras / Programa de
Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS, 2015. 194 p.

Orientador: Claudio de Paiva Franco

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de
Letras.

Referências bibliográficas: f. 97 – 101

Anexos: f. 102 – 191

**Compreensão e produção escrita em Língua Portuguesa na
escola pública – o jornal #hashtag**

Alessandra Encarnação

Orientador: Claudio de Paiva Franco

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS da Universidade Federal do Rio de Janeiro –UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo:

Prof. Dr. Claudio de Paiva Franco
Orientador
PROFLETRAS – UFRJ

Prof. Dr.^a Kátia Cristina do Amaral Tavares
PROFLETRAS – UFRJ

Prof. Dr.^a Andrea da Silva Marques Ribeiro
PPGEB – UERJ

Rio de Janeiro
2015

Ao meu esposo, Alexandre
Aos meus filhos, Caio e Nathália
Aos meus pais, José e Maria

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais que, mesmo com sacrifício próprio, sempre me incentivaram, apoiaram e ajudaram a alcançar meus objetivos. Sou o que sou graças a vocês!

Ao meu esposo, por sempre me incentivar e sempre compreender a necessidade de passar horas a fio, dias confinada em casa diante do computador. Seu apoio foi um dos maiores responsáveis por esse momento!

Aos meus filhos, por me incentivarem, por compreenderem a ausência, pelas dicas de títulos e textos, pelo apoio. Amo vocês!

Ao meu querido orientador Claudio de Paiva Franco que, ao longo do curso de mestrado, ensinou-me muito mais do que eu precisava saber para escrever uma dissertação. Muito obrigado pelas sugestões, conversas, orientações, por me acalmar nos momentos de angústia, pelo bom humor sempre, pelo otimismo. Obrigada, do fundo do meu coração, por não desistir de mim!

À professora Kátia Cristina do Amaral Tavares, por seu pronto aceite em participar da banca examinadora e por compartilhar textos maravilhosos, os quais puderam me orientar muito.

À professora Andrea da Silva Marques Ribeiro, pelo incentivo à pesquisa dado no momento de qualificação, sempre com muito profissionalismo e serenidade. Que bom poder contar novamente com seu aceite, agora para participar da banca de defesa.

Aos meus alunos da E. M. Maria Clara Machado, pelo carinho diariamente demonstrado e entusiasmo em participar das aulas do projeto. Saibam que também aprendi muito com vocês!

À amiga Flavia Maia Bomfim, pelo carinho e apoio ao longo da caminhada, dando-me ânimo quando o cansaço se fazia presente, e pela revisão atenta do texto.

À amiga e companheira Flávia Alves Gomes, com quem compartilhei angústias e preocupações, e a quem recorri quando as forças faltavam. Obrigada pelo carinho e pela cumplicidade!

A Deus, sem o qual nada disso seria possível. Por Seu cuidado, Sua capacitação e Sua proteção constante.

Com toda convicção, o processo seria muito mais difícil sem vocês!

ENCARNAÇÃO, Alessandra. **Compreensão e produção escrita em língua portuguesa na escola pública – o jornal #hashtag**. Dissertação de Mestrado, Programa de Mestrado profissional em Letras – PROFLETRAS, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2015.

RESUMO

A presente dissertação tem como propósito contribuir com o debate e estimular a reflexão sobre os parâmetros utilizados na elaboração de material didático desenvolvido para servir de base ao ensino de língua materna (COSSON, 2014; MATOS, CARVALHO, 1984; LEFFA, 2008; DIAS, 2007). A base teórica do trabalho aponta importantes questões conceituais para o desenvolvimento de tal material, elaborado à luz da teoria sociointeracionista da linguagem, postulado por Bronckart (1999, 2006) e Vygotsky (1996, 1998), que refletem sobre um interacionismo sócio-discursivo, e a teoria discursiva de Bakhtin (1990, 1997). A produção desse material tem o objetivo de desenvolver capacidades de linguagem nos discentes do Ensino Fundamental em atividades de leitura e de produção escrita, através de uma proposta de ensino que contemple a produção de textos, associando-a à noção de gêneros textuais (BAZERMAN, 2005; MAINGUENEAU, 1996, 2000; MARCUSCHI, 1983, 2005, 2008, 2015; TODOROV, 1978) e tipos de discurso que acontecem, notadamente, em gêneros jornalísticos, e perceber como esse conhecimento pode contribuir para desenvolver nos alunos participantes o que chamaremos de “competência discursiva”. Cabe ressaltar que o material didático desenvolvido e utilizado em sala de aula serviu de suporte para a produção de um jornal - o Jornal *#hashtag* -, que se tornou um projeto regular da escola. Os resultados pretendem apontar para a necessária discussão da relação entre elaboração de material didático e a formação do desenvolvimento discursivo dos sujeitos envolvidos.

Palavras-chave: interacionismo sócio-discursivo, competência discursiva; gêneros jornalísticos; material didático; produção escrita

ENCARNAÇÃO, Alessandra. **Compreensão e produção escrita em língua portuguesa na escola pública – o jornal #hashtag**. Dissertação de Mestrado, Programa de Mestrado profissional em Letras – PROFLETRAS, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2015.

ABSTRACT

The purpose of this research is to understand the relation between discursive writing skills and the work with textual genres, postulated by Bronckart and Vygotsky, who postulate a socio-discursive interactionism, and the discursive theory of Bakhtin. Therefore, we will seek to reflect on some issues that will provide the basis for the elaboration of a mother-tongue teaching proposal that contemplates the production of texts associated with the notion of textual genres and types of discourse that happen, especially, in journalistic genres, and perceive how this knowledge can contribute to develop in the participating students what we will call "discursive competence", that is, verbal interaction capabilities that demonstrates the understanding of concepts such as the suitability in the language use and speech in order to make the students notice that the narrowing of these notions can and should be worked so closely linked to concepts such as society, language communities, social institutions and citizenship.

Keywords: discursive competence; journalistic genres; understanding; production

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Gráfico dos aspectos sociais que influenciam na produção do texto empírico	27
Figura 2 Logo do jornal, criado pelos alunos	48
Figura 3 Seção “Conhecimento gera conhecimento...” (Unidade Didática 1)	58
Figura 4 Seção “Conhecimento gera conhecimento...” (Unidade Didática 2).....	59
Figura 5 Seção “Conhecimento gera conhecimento...” (Unidade Didática 3)	60
Figura 6 Seção “Conhecimento gera conhecimento...” (Unidade Didática 4)	61
Figura 7 Seção “Conhecendo o gênero...” (Unidade Didática 1)	63
Figura 8 Seção “Conhecendo o gênero...” (Unidade Didática 1)	64
Figura 9 Seção “Conhecendo o gênero...” – título da entrevista (Unidade Didática 2)	65
Figura 10 Seção “Conhecendo o gênero...” – trecho da entrevista (Unidade Didática 2)	65
Figura 11 Seção “Conhecendo o gênero...” (Unidade Didática 3)	66
Figura 12 Seção “Conhecendo o gênero...” – notícia (Unidade Didática 4)	67
Figura 13 Seção “Conhecendo o gênero...” – charge (Unidade Didática 4)	68
Figura 14 Seção “Refletindo para conhecer...” – perguntas e respostas (Unidade Didática 1)	69
Figura 15 Seção “Refletindo para conhecer...” – questões objetivas (Unidade Didática 2)	70
Figura 16 Seção “Refletindo para conhecer...” – criação de legendas (Unidade Didática 3)	70
Figura 17 Seção “Refletindo para conhecer...” – comparação (Unidade Didática 3)	71
Figura 18 Seção “Refletindo para conhecer...” – associação (Unidade Didática 4)	72
Figura 19 Seção “Refletindo para conhecer...”- completar(Unidade Didática 1) ..	73
Figura 20 Seção “Aprofundando para conhecer...” (Unidade Didática 3)	74

Figura 21 Seção “Aprofundando para conhecer...” - texto (Unidade Didática 3) ..	75
Figura 22 Seção “Aprofundando para conhecer...” - infográficos (Unidade Didática 3)	76
Figura 23 Seção “Aprofundando para conhecer...” - interpretação (Unidade Didática 3)	76
Figura 24 Seção “Aprofundando para conhecer...” - comparação (Unidade Didática 3)	76
Figura 25 Seção “Refletindo além do texto...” (Unidade Didática 1)	77
Figura 26 Seção “Refletindo além do texto...” (Unidade Didática 2)	78
Figura 27 Seção “Refletindo além do texto...” (Unidade Didática 3)	79
Figura 28 Seção “Refletindo além do texto...” (Unidade Didática 4)	80
Figura 29 Seção “Praticando para conhecer...” (Unidade Didática 1)	81
Figura 30 Seção “Praticando para conhecer...” – crônica argumentativa (Unidade Didática 1)	82
Figura 31 Seção “Praticando para conhecer...” (Unidade Didática 2)	83
Figura 32 Seção “Praticando para conhecer...” (Unidade Didática 3)	84
Figura 33 Seção “Praticando para conhecer...” – proposta de produção de texto em dupla (Unidade Didática 3)	85
Figura 34 Seção “Praticando para conhecer...” (Unidade Didática 4)	86
Figura 35 Seção “#bombounanet” (Unidade Didática 1)	87
Figura 36 Seção “#bombounanet” (Unidade Didática 2)	88
Figura 37 Seção “#bombounanet” (Unidade Didática 3)	89
Figura 38 Seção “#bombounanet” (Unidade Didática 4)	90

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Unidades Didáticas elaboradas e seus objetivos55

Tabela 2 Seções das Unidades Didáticas elaboradas e seus objetivos..... 56

SUMÁRIO

Resumo	8
Abstract	9
Lista de figuras	10
Lista de tabelas	12
Sumário	13
1 INTRODUÇÃO	14
2 SOBRE COMPREENSÃO, PRODUÇÃO E COMPETÊNCIA DISCURSIVA ...	19
2.1 A competência discursiva e o interacionismo sócio-discursivo	19
2.2 Os gêneros textuais e a competência discursiva	22
2.3 Ações pedagógicas para desenvolver a competência discursiva escrita – a justificativa para a elaboração de um material didático	28
2.3.1 A elaboração do material didático – fundamentação	29
2.3.2 A análise	36
2.3.3 O desenvolvimento	36
2.3.4 A implementação	40
2.3.5 A avaliação	40
2.4 Proposta de sequência didática para a criação das unidades didáticas	40
3 METODOLOGIA DE ELABORAÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO	43
3.1 De onde surgiu o projeto #hashtag: a gênese	43
3.1.1 Contexto de pesquisa	48
3.2 Embasamento teórico para a realização do projeto	50
4 DESCRIÇÃO DAS UNIDADES DIDÁTICAS	53
4.1 Seção “Conhecimento gera conhecimento...”	56
4.2 Seção “Conhecendo o gênero...”	61
4.3 Seção “Refletindo para conhecer...”	68
4.3.1 Seção “Aprofundando para conhecer...”	72
4.4 Seção “Refletindo além do texto...”	76
4.5 Seção “Praticando para conhecer...”	79

4.1 Seção “#bombounanet”	86
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	97
ANEXOS	102

1 INTRODUÇÃO

A questão do desenvolvimento de uma competência discursiva é de grande importância para o estudo da língua, uma vez que é ela quem capacita o falante para suas interações sociais de comunicação, e a escola, embora não seja o único lugar em que tal prática pode ocorrer, deveria ser o principal, promovendo um ensino de língua materna que esteja associado às reais necessidades do uso da linguagem pelos seus falantes, no meio social do qual fazem parte, pois assim privilegiar-se-á a prática social da linguagem e os usuários da língua perceberão sua importância e seu uso prático.

O uso interativo da língua requer algumas capacidades que os falantes devem acionar para que possam se sentir seguros nos diferentes processos de comunicação. Assim, para desenvolver a competência discursiva há uma série de conhecimentos que devem ser acionados pelo usuário a fim de que se dê, de fato, a interação, como o uso os recursos gramaticais linguísticos que a língua oferece, ou mesmo a capacidade de reconhecer e produzir um texto como uma unidade de sentido coerente, completo. É essa competência também que possibilita o usuário a discernir entre textos de gêneros diferentes, como uma notícia jornalística e uma propaganda, por exemplo, e a escolher o gênero que melhor se adequa à sua necessidade.

Podemos dizer, então, que a competência discursiva é a capacidade que os falantes da língua (no caso desta pesquisa, alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal em Magé, localizada na Baixada Fluminense do Rio de Janeiro) têm ou deverão ter para, ao criarem seus textos, escolherem o gênero mais apropriado, dentro de um conjunto de possibilidades de gêneros existentes e estudados através de farta literatura teórica. Esses gêneros podem ser utilizados como exemplos pelo falante, ou podem ser transformados em novos gêneros, através da intervenção individual.

A produção dos gêneros textuais jornalísticos – no nosso caso, a reportagem, a notícia, a crônicas, a entrevista e a charge –, em sala de aula, no lugar social escola, será tratada como uma situação de escrita que embora se aproprie de um gênero já existente no ambiente discursivo jornalístico, possibilite ao aluno o desenvolvimento de mecanismos cognitivos que permitam que ele, ao interagir com esse texto, possa produzir um texto diferente do que já existe, autônomo, e que será produzido com base nas escolhas do próprio autor, tanto escolhas referentes ao gênero, quanto às palavras que utilizará para interagir comunicacionalmente.

A noção de competência discursiva adotada nesta dissertação segue à luz da tese de Bronckart (1999, 2006) com o seu interacionismo sócio-discursivo, a partir, principalmente da psicologia interacionista postulada por Vygotsky (1996, 1998), e da teoria discursiva de Bakhtin (1990, 1997).

Diferentemente da redação escolar escrita pelos alunos com um fim específico, que é a avaliação, e que por isso dificulta que o aluno perceba a prática da língua como uma prática legítima e funcional, os textos produzidos sob o viés que privilegia o desenvolvimento de uma competência discursiva procura atrelar o texto ao uso real da linguagem, capacitando o produtor a interagir, caso necessário, em diferentes situações de ação da linguagem. A este respeito, vejamos o que diz Baltar (2013), ao citar Pécora:

O que levou o aluno a encarar um pedaço de papel em branco não foi nenhuma crença de que ali estava uma chance de dizer, mostrar, conhecer, divertir, ou seja lá outra atividade a que possa atribuir um valor para um empenho pessoal. O que os problemas de redação apontam é que, atrás de cada um destes textos, ao invés de estar um sujeito de discurso, encontra-se um aluno e sua “carga escolar”. A atividade passa a ser algo semelhante a percorrer uma “via-crúcis” gráfica que lhe cabe por dever e por lição de casa e ao fim desta receberá uma recompensa, a nota. [...] A bem dizer, uma boa parte do que foi escrito não chega a ser escrita: é mera redação (PÉCORA, 1992, p. 82).

Ao contrário de um aluno que escreve uma redação por obrigação no ambiente escolar, um usuário da língua que possui a competência discursiva é agente e produtor do seu texto, e dentro de uma situação real de uso da língua, utiliza as possibilidades viabilizadas pela variedade de gêneros textuais que o mundo discursivo possibilita, levando em consideração todo o processo de enunciação próprio das interações sociais existentes.

A importância da reflexão sobre a competência discursiva, trabalhada sob o viés dos gêneros textuais, é a possibilidade que estes dão, no processo, de se conhecer vários gêneros de prática social que atendem a inúmeras situações específicas de ação linguística, possibilitando uma relação de ensino-aprendizagem diferenciada.

Apesar de toda a discussão que já se desenvolveu em torno do tema de ensino de Língua Portuguesa e de todas as publicações que versam sobre a inadequação de se trabalhar o ensino de uma língua que privilegie somente os preceitos da gramática tradicional prescritiva (FARACO, 2001 e 2008; POSSENTI, 1997; LUFT, 1994; NEVES, 2013), este tipo de ensino-aprendizagem ainda é muito comum. Há a necessidade de o ensino poder se libertar de uma prática que preza pelo desenvolvimento da memória, através de termos decorados e taxionomias, a qual alguns autores, dentre eles Faraco (2001), classificam como “normativismo” e “gramatiquice”. O trabalho com o texto – e com o gênero –, dificulta que tal prática seja levada adiante, visto que é impossível que o aluno decore todas as informações que constam num texto.

Assim, ao trabalhar com o texto, o professor estimula o raciocínio, a autonomia em relação à tomada de decisões no que tange à escolha dentre os gêneros possíveis, e para a expressão do que se quer dizer.

É nesse sentido que me propus a pensar práticas de ensino de língua voltadas para o desenvolvimento da competência discursiva, e procurarei defender a ideia de que ensinar uma língua é capacitar seus usuários a

desenvolverem sua competência discursiva para, de forma autônoma, dialogarem com seus interlocutores em situações distintas de comunicação, portando-se de maneira segura na escolha do gênero que melhor atenda a esta ou àquela situação de interação comunicacional.

Face a essa realidade de consciência da responsabilidade de ensinar, e frente às limitações de recursos que enfrento em minha realidade escolar, senti a necessidade de elaborar o material didático que utilizarei (cf. Anexos) para dar suporte teórico à realização do jornal, fundamentando-os através de levantamento teórico.

A parte teórica deste trabalho (Capítulo 2) é conduzida pela Teoria do Discurso de Bakhtin, (1990, 1997), notadamente, no que concerne às suas noções de dialogismo e de gêneros do discurso (enunciados/textos); e pela teoria do interacionismo sócio-discursivo de Bronckart (1999), pelas ideias de Marcuschi (1983, 2005 e 2015), Bazerman (2005), Bunzen (2004), Carvalho e Rojo (2004), Koch (2004), Maingueneau (2000) no que diz respeito à organização das sequências textuais, quando tratarmos a questão da textualização de um texto empírico, pertencente a um determinado gênero.

Levando em consideração o que postulam Matos e Carvalho (1984), Leffa (2008) e também considerando o que sugere Reinildes Dias (2007), ao pensar na produção de material didático, utilizei como parâmetro os aspectos avaliativos defendidos por esses teóricos para a elaboração do material didático. Assim, aspectos que propiciam a compreensão, a reflexão e a autonomia foram contemplados. Além disso, para escolher a sequência em que as seções seriam distribuídas dentro das unidades didáticas, me baseei na teoria das sequências básica e estendida, defendida por Cosson (2014).

O terceiro capítulo deste trabalho está centrado na explicitação de sobre como foi desenvolvida a pesquisa, a partir do trabalho de elaboração do material didático, perpassando pelas estratégias utilizadas para a realização das etapas que precisariam ser efetivadas até a confecção do jornal de sala de

aula.

O Capítulo 4 descreve as unidades e seções do referido material didático, de modo a informar e justificar as escolhas feitas para a utilização na elaboração das unidades.

O Capítulo 5 analisa tanto a contribuição do material didático, quanto o trabalho da produção do jornal de sala de aula como uma atividade de linguagem, e como essa prática pode contribuir para o desenvolvimento e aprimoramento da competência discursiva dos alunos envolvidos no projeto, além de descrever e analisar a ocorrência e as expectativas acontecidas no período. O capítulo trará, também, algumas considerações finais sobre a experiência realizada e mostrará alguns resultados.

Os anexos trazem as unidades didáticas criadas.

2 SOBRE COMPREENSÃO, PRODUÇÃO E COMPETÊNCIA DISCURSIVA

O objetivo deste capítulo é apresentar um breve panorama sobre o ensino de leitura escrita em língua portuguesa, mais especificamente, com base em uma metodologia que incentive a autonomia e a formação de uma competência discursiva. Além disso, apresento as correntes teóricas que servem como fundamentação para a criação do material didático proposto nesta dissertação. Para tanto, o capítulo será dividido em quatro partes:

(a) na primeira (seção 2.1), estabeleço uma breve relação entre a competência discursiva e o interacionismo sócio-discursivo, que devem ser entendidos com a base teórica à qual me filio na elaboração do referido material didático;

(b) na segunda parte (seção 2.2), farei uma reflexão sobre como o trabalho com gêneros discursivos pode contribuir para o desenvolvimento da competência discursiva;

(c) na terceira seção (seção 2.3), justifico teoricamente a necessidade de elaboração de um material didático, apesar dos vários materiais disponíveis no mercado; e,

(d) na quarta e última seção (seção 2.4), explico a teoria que me influenciou a criar as seções das unidades didáticas na sequência em que se encontram.

2.1 A competência discursiva e o interacionismo sócio-discursivo

(...) tomando-se a linguagem como atividade discursiva, o texto como unidade de ensino e a noção de gramática como relativa ao conhecimento linguístico, que se há de compreender e expandir como instrumento de adequação do texto à sua finalidade e destinação, as atividades curriculares em Língua Portuguesa correspondem, principalmente, a atividades linguísticas: uma rica e diversificada interação dialogal, uma prática constante de leitura e produção de textos (PCN, 1997).

Entendo a competência discursiva como a capacidade que os usuários da língua têm ou deverão ter para, ao criarem seus textos, escolherem o gênero que atenda de forma satisfatória suas necessidades de comunicação, dentro de um conjunto de possibilidades de gêneros existentes. Tais gêneros estão disponíveis nas relações de interação social atuais para serem utilizados como modelos, ou para serem transformados em novos gêneros, por meio da atualização individual feita pelos usuários de uma língua natural ao acionarem seus conhecimentos prévios com esse fim. Koch, citando a si mesma, defende a ideia de que essa competência desenvolvida pelo usuário da língua e “que lhe possibilita interagir de forma conveniente, na medida em que se envolve nas diversas práticas sociais”, pode ser denominada “competência metagenérica” (ELIAS, KOCH, 2013, p. 13).

A competência discursiva pode ser adquirida através das atividades de linguagem e interação verbal dos indivíduos, promovidas através dos gêneros textuais, dentro das formações sócio-discursivas e dos ambientes discursivos que existem em sociedade. Sigo, portanto, a tese de Bronckart (1997, 1999, 2006) com o seu interacionismo sócio-discursivo, que é postulada, principalmente, a partir da psicologia interacionista de Vygotsky (1996, 1998), e da teoria discursiva de Bakhtin (1997).

Tomando por base tais preceitos, ao elaborar o material didático aqui proposto, adotei uma abordagem de ensino baseada em gêneros textuais, e nos conceitos postulados pelos teóricos citados anteriormente, analisados ao longo

deste capítulo. Segundo Marcuschi (2008, p. 55), o trabalho com gêneros textuais procura ensinar “não a língua, mas os usos da língua e formas corriqueiras de comunicação escrita e oral”.

Bronckart (1997, 1999, 2006), inspirado na proposição interacionista da ação de linguagem, pensamento e consciência de Vygotsky (1996, 1998), o qual propõe a consciência como fruto de um contato social, através da linguagem, que o indivíduo desenvolve tanto consigo mesmo, quanto com o outro. Para Vygotsky, o homem é entendido como ser histórico e social, constituído na e pela linguagem, através de suas interações sociais, coadunando tal reflexão à interação verbal de Bakhtin (1997), que percebe a linguagem como produto da interação social e do uso. Assim, Bronckart propôs o que chamou de **Interacionismo sócio-discursivo**, no qual postula que as ações humanas devem ser tratadas em suas dimensões sociais e discursivas constitutivas.

É no contexto da atividade em funcionamento nas formações sociais que se constroem as ações imputáveis a agentes singulares e é no quadro estrutural das ações que se elaboram as capacidades mentais e a consciência desses mesmos agentes humanos. As condutas verbais são concebidas, portanto, como formas de ação (daí o termo ação de linguagem). (BRONCKART, 1999, p.13).

Para Bronckart (1999, p. 24), “é sobretudo a obra de Vygotsky que constitui o fundamento mais radical do interacionismo em psicologia, e é então a ela que se articula mais claramente nossa própria abordagem”. O quadro interacionista-social é integrado pela noção de que as condutas humanas são produtos de socialização, e que tais ações se manifestam nos contextos de atividade que acontecem nas formações sociais. É através dessas ações e interações que o indivíduo constrói sua consciência e sua capacidade mental.

Vygotsky (1998) postula sobre o homem ser um organismo vivo que, além de ser dotado de propriedades biológicas, também é, principalmente, constituído socialmente. Conforme Corrêa e Bonumá (2011), ao tecer considerações sobre

alguns pressupostos vygotskyanos do interacionismo sociodiscursivo, as ideias, projetos e sentimentos humanos são traduzidos por capacidades psíquicas, já que ele é um ser consciente, cujo desenvolvimento não acontece separadamente das dimensões históricas, sociais e culturais.

Ainda segundo as autoras Corrêa e Bonumá (2011), a linguagem, em suas funções cognitivas e comunicativas, assume papel relevante no desenvolvimento humano. É por meio dela que

"a criança desenvolve a habilidade de selecionar instrumentos que possibilitam a resolução de tarefas complexas, controla os impulsos, faz preceder o planejamento de ações à execução e domina seu comportamento. Ademais, são os signos e as palavras os primeiros meios de contato social da criança com outras pessoas." (p. 60).

As atividades de linguagem que acontecem dentro de situações sociais determinadas, se constroem situações discursivas diferenciadas, e, ao serem organizadas em torno de unidades verbais – os textos e os discursos –, formam o que mais precisamente, segundo Bakhtin (1997), chamamos de *gêneros do discurso*. Para Marcuschi (2008, p. 84), “entre o discurso e o texto está o *gênero*, que é aqui visto como prática social e prática textual-discursiva”, operando como ponte entre o discurso e o texto.

2.2 Os gêneros textuais e a competência discursiva

Revisitando as discussões teóricas de Bakhtin (1990), percebemos que

Se os gêneros do discurso não existissem e nós não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo do discurso, de construir livremente e pela primeira vez a cada enunciado, a comunicação discursiva seria quase impossível. (BAKHTIN, 1990, p. 283)

Bakhtin, no conjunto de sua obra, ao se referir à unidade verbal de base, sempre mencionou as “propriedades estáveis dos enunciados”, ou seja, os gêneros, como responsáveis pela comunicação humana. Para o autor, os homens se comunicam através dos gêneros e não através de orações ou palavras. Se assim é, os gêneros tornam-se padrões comunicativos socialmente utilizados e funcionam como um modelo comunicativo representativo de um determinado conhecimento social que tem suas bases em uma situação concreta de comunicação.

Assim, o texto visto como discurso estabelece-se como um mecanismo dinâmico de interação, dotado de forte cunho argumentativo-persuasivo, sob um determinado gênero textual. Esses textos valem-se de operações enunciativas específicas de seus *gêneros*, que estão relacionadas à *situação* enunciativa e aos *atores* discursivos, ao veículo de informação, à finalidade do ato e aos contratos comunicativos (MARCUSCHI, 2008, p. 208). Cada “contrato de comunicação” prevê um comportamento linguístico de acordo com as condições da situação, que determinam não só a escolha das formas de construção (gêneros e tipos textuais), como definem e sinalizam o lugar social onde se situam os parceiros do ato de linguagem (Idem).

Nessa mesma linha de raciocínio, podemos pensar os gêneros do discurso como práticas sociais discursivas tipificadas e historicamente situadas (BAZERMAN, 2005; BRONCKART, 1999; BUNZEN, 2004; KOCH, 2004; MARCUSCHI, 2008), uma vez que por meio dos gêneros, realizamos ações e influenciemos os outros e a nós mesmos: pensamos, falamos e escrevemos em forma de gêneros e os utilizamos para criar padrões para nossas atividades cotidianas.

Cada texto bem sucedido, isto é, que cumpre de maneira eficiente seu papel no contexto de comunicação em que é utilizado, cria para seus leitores um fato social, ações significativas mediadas pela linguagem, realizadas através de formas padronizadas, típicas. Os gêneros do discurso estão sempre relacionados a outros textos e gêneros que ocorrem em circunstâncias afins e que “organizam atividades e pessoas ao mesmo tempo que as influenciam” (BAZERMAN, 2005, p.19).

A partir das observações de Baltar (2003, p.53) sobre os pressupostos de Bronckart, entendemos que

"toda produção linguística é uma ação social situada, levada a efeito por indivíduos singulares em formações sociais específicas. Além disso, esse autor [Bronckart, 2006] declara que as únicas manifestações empiricamente observáveis das ações de linguagem humanas são os textos e os discursos que se apresentam como forma de ação social."

Segundo Bronckart (2006), os domínios da atividade e da ação são, respectivamente, da ordem do sociológico e do psicológico, de modo que podem ser estudados com conceitos que têm origem nessas duas disciplinas. Tal realização de linguagem cria modelos de textos que servem como parâmetro para as relações discursivas.

Bunzen (2004), defende um ensino de gênero que não se finde na noção de texto. Para o autor, devemos “ênfatizar o ensino **com** gênero e não o ensino **sobre** gênero” (grifo do autor), sob a pena de cairmos no erro de um ensino que não promove a aquisição de conhecimento, sendo apenas metalinguístico.

Se pensarmos o texto como uma unidade comunicativa, Bronckart (2006, p. 57) distingue três parâmetros que são necessários analisar para que

entendamos o processo pelo qual o agente, através de uma ação de linguagem, produz um texto empírico:

- 1) o contexto;
- 2) a ação da linguagem;
- 3) o conhecimento da possibilidade de gêneros existentes.

Ao realizarmos essa análise, perceberemos que estes três fatores exercem influência sobre a situação de comunicação que está sendo estabelecida, e que as situações de linguagem podem ser percebidas de forma individual e coletiva, uma vez que a linguagem acontece nos aspectos social e subjetivo. Na verdade, o que influenciará na produção de um texto empírico é a percepção individual de mundo de cada sujeito, pois ele precisará acionar seus conhecimentos prévios interiorizados e associá-los a dois parâmetros distintos: ao contexto social em que a comunicação acontece, e ao conteúdo, ou tema, que deverá ser abordado. Quando o indivíduo consegue realizar essa tarefa com eficiência, sabendo escolher dentre os gêneros aquele que melhor se adequa àquela situação, ele está construindo e exercitando sua capacidade de discurso através da ação da linguagem, e realizando o que, segundo Marcuschi (2008, p. 67), é a principal função da língua: “a função mais importante da língua não é a informacional e sim a de inserir os indivíduos em contextos sociohistóricos e permitir que se entendam.”

Ao realizar a linguagem num aspecto social, de acordo com Baltar (2003, p. 54), o agente produtor do texto precisa saber:

- I. qual é o lugar social em que o texto é produzido (mídia, interação comercial, política, escola, etc.);
- II. qual a posição social do emissor, que vai lhe conferir um estatuto de enunciador, ou seja, que papel social que está desempenhando no momento de comunicação (professor, patrão, entrevistador, filho, pai, etc.);
- III. qual a posição social do receptor, quem irá receber e precisará

decodificar a mensagem (interlocutor);

- IV. o objetivo da interação social ou o efeito que o texto poderá produzir no destinatário (interlocutor).



Figura 1: Gráfico dos aspectos sociais que influenciam na produção do texto empírico (cf. Baltar 2003, p. 54)

Enquanto os paradigmas citados anteriormente dizem respeito ao contexto de comunicação, quando refletimos sobre o conteúdo temático, ou seja, o assunto abordado pelo texto, estamos nos referindo às informações que são inseridas de forma explícita ao texto que está sendo produzido, e que são acionadas pelo indivíduo para realizar a interação. Essas informações são representações que ficam na memória desse indivíduo e são compostas de conhecimentos variados. Estes são acumulados de acordo com experiências vividas, com conhecimentos prévios de mundo, e com experiências sociais anteriores, e ficam disponíveis em sua memória, sendo acionados no momento em que precisa colocar a linguagem em ação. Esse mecanismo de resgate de representações pode ser considerado como uma base que orientará o produtor de um texto empírico, mas que não o exime da responsabilidade de tomar uma série de decisões, tais como o gênero textual que utilizará dentre os que estão disponíveis, ou as palavras que utilizará para compor uma sequência linguística.

Os gêneros textuais a que nos referimos anteriormente como disponíveis dentro de um leque de possibilidades, estão disponíveis na sociedade e são ilimitados. De acordo com Marcuschi (2002, p. 19), eles “surtem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas” e, além disso, “caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos”. Sendo assim, a escolha vai acontecer a partir de um cotejo estabelecido pelo indivíduo e definido de acordo com a situação comunicacional em que se encontra, de acordo com as representações que tem interiorizadas.

Segundo Rojo e Cordeiro (2004):

toda prática de linguagem se dá numa situação (de comunicação, de enunciação, de produção ou circulação) que é própria de uma determinada esfera social, em um dado tempo e espaço históricos. Esta esfera neste tempo/espaço admite determinados participantes (com relações específicas), temas e modalidades de linguagem e de mídia, e não outros. Estes participantes articulam seus enunciados em gêneros específicos dessa esfera e as propriedades composicionais e estilísticas desses enunciados em gêneros (forma composicional, formas linguísticas) serão dependentes das relações entre estes participantes. Em especial, das apreciações de valor que estes façam sobre o tema e sobre seus interlocutores (p. 16-17).

Assim, de acordo com esse pensamento, podemos perceber a apropriação e utilização do gênero como um instrumento de socialização do indivíduo, inserindo-o nas atividades de interação social. Se esta apropriação de um gênero existe, e se a ela for acrescentado o estilo individual do produtor do texto, pode-se gerar novos modelos de gêneros textuais diferentes dos já estabelecidos pela literatura existente.

Dentre os teóricos que trabalham com o ensino de língua através dos gêneros, temos as professoras Leonor Werneck, Rosa Riche e Claudia Teixeira (2013), que postulam a necessidade de um trabalho refletido e organizado.

Para elas, ao se pensar na aplicação, em sala de aula, de trabalhos com gêneros, o professor deve se fazer as seguintes perguntas (2013, p. 31):

- a) Que gêneros textuais (GT) usamos com mais frequência?
- b) De que maneira esses GT se organizam (tipologia textual, estrutura textual dividida em tópicos, parágrafos etc.)?
- c) Qual o objetivo e o tema desses GT?
- d) O que mais chama a atenção em matéria de estratégia linguística nesses GT?
- e) Onde esses GT geralmente circulam?
- f) Como posso auxiliar meus alunos a entender esses textos?
- g) Meus alunos precisam aprender a escrever esses GT ou basta saber lê-los?

Cabe dizer, então, que o professor de língua materna, ao trabalhar com gêneros, deve desafiar o aluno não só a compreender o gênero textual estudado, como também a produzir gêneros novos, diferentes.

2.3 Ações pedagógicas para desenvolver a competência discursiva escrita – a justificativa para a elaboração de um material didático

Esta seção dedica-se a uma breve justificativa sobre a elaboração de material didático que se tornou a base para o desenvolvimento do projeto do Jornal #hashtag. Nesta seção, apresento os motivos que me levaram a elaborar

material didático para trabalhar em sala de aula, embora tenhamos no mercado um número quase incontável de livros didáticos à disposição dos professores de LP.

2.3.1 A elaboração do material didático – fundamentação

O que dá a um livro o seu caráter e qualidade didático-pedagógicos é, mais que uma forma própria de organização interna, o tipo de uso que se faz dele; e os bons resultados também dependem diretamente desse uso. Logo, convém não esquecer: um livro, entendido como objeto, é apenas um livro. [...] Podemos exigir — e obter — bastante de um livro, desde que conheçamos bem nossas necessidades e sejamos capazes de entender os limites do LD e ir além deles (Brasil (SEB/MEC), 2006, p.10).

Embora ainda haja muito a ser feito pela educação pública brasileira, sobretudo, no que diz respeito aos níveis fundamental e médio, cabe ressaltar algumas ações políticas efetivadas na direção da busca da melhoria da qualidade de ensino e da formação para a cidadania. Dentre essas ações, vale destacar a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e de outros documentos de referência curricular propostos por estados e municípios; a implementação de sistemas de avaliação do ensino – SAEB, provões – e a criação de uma sistemática de avaliação pedagógica de livros didáticos, o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).

O Ministério da Educação (doravante MEC) afirma que para a escolha dos livros didáticos dentre os que são disponibilizados para a avaliação pedagógica, é importante que o professor tenha conhecimento do Guia do PNLD para analisar e escolher adequadamente os livros a serem utilizados, até porque ele só terá oportunidade de substituir esse material ao final de um triênio.

Todavia, quando há impossibilidade de aquisição de livros para todos os alunos – como é o caso de várias escolas brasileiras e, inclusive, a minha -, e na expectativa de realizar, de forma mais eficiente possível, o processo de ensino-aprendizagem, o professor vê-se obrigado a produzir seu próprio material didático, uma vez que boas práticas docentes de ensino exigem que se pense em diversas variáveis didáticas ao planejar, implementar e aperfeiçoar-se através de cursos.

Na base de um bom material didático, tanto quanto na de um bom projeto de ensino-aprendizagem, estão a seleção e a organização de objetivos e conteúdos (objetos) de ensino. O material didático deve atender às exigências do projeto político-pedagógico da escola, ao processo de aprendizado do aluno e aos objetivos traçados pelo professor, não deixando para trás a realidade sociocultural da instituição pela qual foi adotado.

Como é preconizado nos principais objetivos do PNLD (MEC, 2014) a participação ativa e democrática do professor é condição *sine qua non* no processo de seleção e avaliação do material didático que será utilizado em sala de aula. Diversas pesquisas sobre a importância do material didático no ensino fundamental no Brasil, como em outros países (Nuñez, 2003), têm mostrado que os professores utilizam o livro como o instrumento principal na orientação do conteúdo a ser administrado, fato que transforma esse objeto no maior controlador do currículo escolar e o institui como um dos instrumentos de ensino e aprendizagem.

Os professores devem ter domínio de saberes diversos a serem mobilizados para assumirem a responsabilidade ética de saberem analisar e selecionar o material que utilizarão em suas aulas, e não só isso, mas também devem estar capacitados para avaliar as possibilidades e limitações que esse material pode trazer. O docente deve, também, desenvolver saberes e ter competências que o permitam complementar ou adaptar o conteúdo do currículo mínimo que possuam algumas limitações devido ao seu caráter genérico, impossibilitando-o de contextualizar os saberes e adequá-los para que atendam às problemáticas locais.

Face a essa realidade de consciência da responsabilidade de ensinar, frente às limitações de recursos que enfrentamos em nossa realidade escolar, senti a necessidade de elaborar o material didático que utilizaremos para dar suporte teórico à realização do jornal.

A partir das reflexões de Matos e Carvalho (1984, p. 20) sobre avaliação de livro didático e, principalmente, com base na Ficha de Avaliação de livros didáticos de Língua Estrangeira, elaborada pela professora Reinildes Dias (2007)¹, considere alguns aspectos avaliativos que nortearam a elaboração do referido material. São eles:

- **SOBRE OS ASPECTOS GERAIS E A AUTONOMIA**

- As atividades para o desenvolvimento da competência comunicativa devem estar articuladas em torno de um tema.
- Adequar o tema explorado ao público alvo, fazendo com que ele atenda, também, à necessidade pedagógica pensada.
- As competências textual, gramatical, sociolinguística e estratégica devem ser adequadamente desenvolvidas e operacionalizadas nas atividades de aprendizagem.
- As atividades para o desenvolvimento das habilidades receptivas devem ser articuladas adequadamente ao desenvolvimento das habilidades produtivas.
- As atividades para o desenvolvimento do conhecimento léxico-sistêmico devem propiciar a reflexão sobre a língua, tendo em vista os vários gêneros textuais.

¹ Disponível em: <http://150.164.100.248/arado/Free%20material/Evaluation_check_list2007.pdf>. Acesso em: 14/08/2015.

- As atividades de aprendizagem devem atender às necessidades do aluno, favorecendo o desenvolvimento das múltiplas inteligências.

- A bibliografia deve incluir indicações de filmes, CDs, programas de TV, vídeo clipes, softwares, livros, jornais, revistas, sites da web etc., que venham a mostrar ao aluno a aplicabilidade do tema estudado.

- **SOBRE OS ASPECTOS GRÁFICOS EDITORIAIS**

- A unidade deve apresentar uma diagramação adequada aos seus propósitos comunicativos básicos.

- Elementos de realce (negrito, letras maiúsculas, fontes diferentes da usada no corpo do texto, sombreamento, linhas simples ou duplas etc.) são coerentes e devem ser utilizados para destacar os títulos e subtítulos.

- Deve haver descanso visual (espaços em branco) ao longo do texto.

- Os elementos visuais devem ser de boa qualidade estética e servir para motivar ou aumentar o interesse dos alunos, estando relacionados aos propósitos dos textos estudados.

- Os elementos gráficos (tabelas, gráficos, linhas, “boxes”) devem contribuir para uma maior clareza e precisão da informação veiculada.

- **SOBRE A AUTONOMIA DOS ALUNOS**

- O material didático deve incentivar o aluno a assumir responsabilidade sobre o seu aprender.

- O material didático deve incentivar o aluno a fazer uso das estratégias cognitivas afetivas, sociais e metacognitivas, ao longo de todo o processo de aprendizagem, incentivando-o, também, a dar opiniões sobre o tema abordado.

- O aluno deve ser incentivado a desenvolver projetos e/ou aprender mais a partir do que foi aprendido, ampliando sua criatividade e originalidade, trabalhando sozinho ou em equipe.

- SOBRE OS ASPECTOS TEXTUAIS

- O material didático deve oferecer diversidade de gêneros textuais com funções sociais variadas (artigos biografias, perfis, anúncios, reportagens, folhetos, receitas, contos etc.) que apresentem diferentes suportes (Internet, livros, revistas, jornais etc.).

- A diversidade de temas também deve estar presente.

- Os textos do material didático devem ser autênticos, ou seja, não devem ser construídos especificamente para a situação de aprendizagem, mantendo-se inclusive, seu *layout* original, os créditos referentes à autoria, datas e número de páginas.

- SOBRE AS ATIVIDADES DE COMPREENSÃO ESCRITA

- Deve-se explorar os aspectos relacionados à organização interna do texto (ex.: nº de parágrafos, marcadores do discurso para articular ideias, tipos de sequências linguísticas – descrição, narração, exposição, injunção etc.).

- Deve-se incentivar a produção de resumos da informação lida em tabelas, esboços, mapas conceituais etc.

- SOBRE OS ASPECTOS DA PRODUÇÃO ESCRITA

- Tornar a escrita um processo interativo (relações autor-texto-contexto).

- Incentivar o papel ativo do produtor de textos, envolvendo estágios de revisões para aperfeiçoamento da escrita.
- Mostrar que a produção textual é um processo colaborativo.
- Deve-se produzir pensando em uma diversidade de público-alvo (as produções escritas são dirigidas a diversos públicos: professor, colegas de sala de aula e de outras salas, pais e parentes, vizinhos, comunidade escolar etc.).
- Os *layouts* devem ser produzidos de acordo com os propósitos do texto e os suportes onde serão circulados.
- As atividades propostas devem envolver contextos reais e refletir situações de interação pela escrita para as quais os alunos escrevem no dia a dia.
- As atividades propostas para a produção escrita devem ser fundamentadas em leituras prévias e/ou leituras feitas durante a produção textual.
- As atividades propostas para a produção escrita devem especificar as condições para a produção textual (quem está escrevendo para quem, para qual propósito, onde o texto será produzido e como a mensagem vai ser organizada internamente, assim como as decisões sobre como produzir um *layout* adequado.).
- As atividades propostas para a produção escrita devem envolver os seguintes estágios: pré-escrita, planejamento, rascunho e versões diferentes, revisões de colegas, reescritas, apoio do professor, versão final, “publicações”).
- As atividades propostas para a produção escrita devem incentivar os alunos a usarem a Internet, dicionários, gramáticas, notas de aula etc. como fonte de suporte, antes e durante o processo de produção textual.
- As atividades de pós-escrita devem incluir reflexões sobre os textos que acabaram de ser produzidos, incluindo discussões sobre os gêneros, textos e

seus contextos, a organização interna dos textos e os aspectos léxico-gramaticais.

- SOBRE O ASPECTO DA PRODUÇÃO ORAL

- Deve haver o uso de diferentes estratégias (metacognitivas, cognitivas, afetivas e sociais).
- Deve ser explorada a diversidade de gêneros textuais (conversas e/ou diálogos com funções sócio-comunicativas diversas: cumprimentar, despedir-se, elogiar, reclamar, convidar, pedir esclarecimento etc.).
- Deve haver diversidade de temas e adequação dos temas explorados ao público alvo.
- Deve-se explorar atividades de compreensão, pois elas incentivam o uso de conhecimentos prévios.

A observação desses aspectos na produção de material didático objetiva, principalmente, o êxito do ensino da Língua Portuguesa.

De acordo com Leffa (2008), a criação de um instrumento de aprendizagem (material didático) pode envolver, no mínimo, quatro etapas. São elas:

1. Análise
2. Desenvolvimento
3. Implementação
4. Avaliação

Em nome da eficácia, esses quatro momentos devem funcionar de forma cíclica, o que possibilita novas análises e eventuais reformas.

2.3.2 A análise

Na primeira etapa, a da *análise*, verifica-se o que o aluno já sabe e o que ele precisa aprender. Para Leffa (2008, p. 16), trata-se de um procedimento fundamental, uma vez que considera o conhecimento prévio do aprendiz, tendo-se em mente que ninguém aprende algo que é totalmente conhecido e nem algo que seja totalmente novo. O material a ser produzido deve encaixar-se perfeitamente no espaço do ainda não aprendido. Essa verificação é feita nessa etapa, a da análise.

2.3.3 O desenvolvimento

Na segunda etapa, a do *desenvolvimento*, parte-se dos objetivos que são definidos depois da análise das necessidades. Objetivos constituem a finalidade de um trabalho, a meta que se quer atingir.

Os objetivos podem ser gerais ou específicos. Segundo Leffa (2008, p. 17-18),

Objetivos gerais são elaborados para períodos maiores de aprendizagem, como o planejamento de um curso; os objetivos específicos, para períodos menores, envolvendo, por exemplo, uma aula ou atividade. Ambos devem começar com um verbo que descreva o comportamento final desejado para o aluno. Para os objetivos gerais usam-se geralmente verbos que denotam comportamentos não diretamente observáveis. (...) Para os objetivos específicos, usam-se verbos de ação, envolvendo comportamentos que podem ser diretamente observados.

Ao se estabelecer o objetivo de uma aprendizagem, deve-se ter consciência de que tal objetivo tem três componentes essenciais, os quais devem ser contemplados. São eles:

(1) as condições de desempenho, que especificam as circunstâncias sob as quais o comportamento deve ser demonstrado. Devem ser expressas através de uma afirmação, como por exemplo: “Ao assistir o vídeo de um comercial, o aluno deverá...”;

(2) o comportamento que o aluno deve demonstrar, o qual deve ser expresso por meio de um verbo que denota uma ação diretamente observável; e

(3) os critérios de execução da tarefa que podem ser expressos em termos de velocidade, grau de correção ou qualidade.

É preciso lembrar que, ao se traçar objetivos, a ênfase deve estar sempre naquilo que o aluno deve adquirir e no comportamento que ele deve demonstrar.

É possível ainda, elaborar objetivos de um material didático levando-se em consideração três domínios: o domínio cognitivo, que envolve conhecimento e está articulado à aquisição do vocabulário relacionado a um determinado tópico, à compreensão da estrutura gramatical, à aplicação de regras gramaticais, à análise de textos escritos, à integração de conhecimentos de diferentes áreas e ao julgamento de valor do material escrito; o domínio afetivo, que envolve atitudes e tem a ver com comportamentos que revelam aceitação das diferenças culturais, demonstração de interesse nos tópicos, apreciação de obras literárias e integração do conhecimento da língua em seu plano de vida. Por último, o domínio psicomotor, que envolve habilidades, como por exemplo, reconhecimento de vogais, saber a posição dos órgãos da fala para os diferentes fonemas etc.

Após a definição dos objetivos de aprendizagem, é necessário selecionar os conteúdos pelos quais os objetivos serão alcançados. De acordo com Leffa

(2008, p. 24-27), existem seis grandes abordagens de conteúdo que podem ser utilizadas no ensino da língua materna:

a) a *abordagem estrutural* – o que o aluno precisa aprender são o léxico e as estruturas gramaticais da língua. A preocupação é mais com a forma do que com o conteúdo.

b) a *abordagem nocional/funcional* – a ênfase está no objetivo para o qual se usa a língua. A preocupação está mais na função do que na noção.

c) a *abordagem situacional* – o conteúdo a ser ensinado parte de uma situação em que a língua é usada: visita ao médico, *check in* no aeroporto, abertura de uma reunião de negócios etc.

d) a *abordagem baseada em competências* – parte do princípio de que a linguagem usada numa determinada situação é relativamente independente da situação, dependendo mais de competências e processos linguísticos que perpassam diferentes situações.

e) a *abordagem baseada em tarefa* – caracteriza-se por subordinar a aprendizagem da língua à execução de uma determinada tarefa. É a execução da tarefa que vai determinar que conteúdo linguístico precisa ser aprendido.

f) a *abordagem baseada em conteúdo* – põe a ênfase no conteúdo, usando a língua que o aluno precisa aprender.

Na escolha da abordagem mais adequada é imprescindível considerar os objetivos propostos, além de se estar ciente de que é proveitoso lançar mão de duas ou mais abordagens de conteúdo.

- **A definição do conteúdo**

O conteúdo na produção de um material didático pode ser definido de diversas formas, dependendo da concepção que se tem de língua. Ressalte-se que, quando a questão é produção de material didático, a tendência é privilegiar o ensino baseado na tarefa. Há uma preocupação maior com o mundo real e o uso de dados linguísticos autênticos, de maneira a definir da maneira mais clara possível o que exatamente o aluno precisa aprender para atingir os objetivos definidos.

- ***A definição das atividades***

A produção de materiais de ensino é uma área essencialmente prática, por isso quem prepara o material deve concentrar-se em mostrar na prática aquilo que foi teorizado.

- ***A definição dos recursos***

A definição dos recursos envolve a escolha do suporte sobre o qual a língua vai ser apresentada ao aluno. Tradicionalmente o suporte mais comum tem sido o papel, porém, com o desenvolvimento e barateamento das tecnologias de comunicação, outros suportes tornaram-se populares, como o computador e a internet.

- ***Ordenamento das atividades***

Os dois critérios básicos para o ordenamento das atividades são facilidade e necessidade. Pelo primeiro critério, inicia-se pelo que é mais fácil e simples para o aluno, progredindo gradativamente para o que é mais difícil e complexo. Pelo critério da necessidade, começa-se pelo que é mais necessário e útil para o aluno. A situação ideal é aquela em que se possa unir os dois critérios.

- ***A questão da motivação***

Manter a motivação durante e após a atividade de ensino tem sido uma das grandes metas da educação e é uma das preocupações básicas na produção de materiais. A atividade deve ser prazerosa para o aluno, despertar sua curiosidade e mantê-lo interessado no assunto, mesmo depois que tenha terminado.

2.3.4 A implementação

A terceira etapa que faz parte do processo de construção de material didático é a da *implementação*. Nesta etapa, há três situações que devem ser observadas a fim de que o material produzido surta efeito. São elas: (1) – o material vai ser usado pelo próprio professor, (2) – o material vai ser usado por outro professor, (3) – o material vai ser usado diretamente pelo aluno sem presença de um professor. Cada um desses casos vai exigir uma forma diferente de implementação.

2.3.5 A avaliação

A quarta e última etapa é a da *avaliação*. A avaliação de materiais pode ser feita de modo informal, de modo a permitir reformulações a depender do que foi percebido em sua execução, ou de modo formal, realizada por consultoria de um especialista

Segundo Leffa (2008, p. 39), é bom lembrar que produção de materiais não está centrada nem no professor nem no aluno; está centrada na tarefa. Tarefa é a atividade que resulta do encontro do artefato (folha de exercício, programa de computador) com o aluno. Melhor dizendo, o artefato é o instrumento pelo qual a tarefa se realiza.

2.4 Proposta para a criação das unidades didáticas

Marcuschi (2008) fala sobre a importância de, ao se trabalhar com gêneros textuais, pensar-se na metodologia que deverá ser utilizada para se desenvolver o ensino de gêneros.

Na obra “Letramento Literário”, Cosson (2014) sugere, para o ensino de literatura em Ensinos Fundamental e Médio que tenham por objetivo a formação do leitor literário, a utilização de alguns procedimentos metodológicos que sistematizam as aulas em duas sequências exemplares, as quais ele denomina sequência básica e sequência expandida (Idem, p.48).

A sequência básica é constituída por quatro passos: “motivação”, na qual o professor prepara o aluno para entrar no texto; a “introdução”, na qual ele apresenta o autor e a obra que será trabalhada; a “leitura”, que pode se dar em sala de aula ou, se extensa, pode ser negociada com os alunos através do pedido de uma leitura em casa com prazos para discussão em sala de aula; e a “interpretação”, que é o momento de explorar a obra literária (COSSON, 2014, p. 51 – 72).

Quando há a possibilidade, e o professor percebe que o trabalho está alcançando seus objetivos, ele pode aproveitar a temática já introduzida pela sequência básica e aprofundá-la, direcionando a classe à leitura de uma nova obra dentro do mesmo eixo temático. Esse procedimento, na verdade, é um aprofundamento da sequência básica ao qual o autor dá o nome de “sequência expandida” (p. 76).

Tomando por base tal postulação, resolvi utilizar tais princípios na produção das unidades didáticas que apresento neste trabalho, adaptando-os ao trabalho com gênero literário jornalístico. Sendo assim, dividi as seções das unidades segundo os passos sugeridos pelo autor, as quais ficaram distribuídas da seguinte forma:

- a) motivação – Seção “Conhecimento gera conhecimento...”.

- b) introdução – Seção “Conhecendo o gênero...”.
- c) leitura – ainda na Seção “Conhecendo o gênero...”, através da leitura e compreensão dos textos que exemplificam o gênero estudado.
- d) interpretação – Seção “Refletindo para conhecer...” .
- e) aprofundamento – Seção Aprofundando para conhecer” e, em uma sugestão de busca de mais informação, a seção “#bombounanet”.

Apesar de a teoria de Cosson (2014) não contemplar a produção textual, pois trata da leitura literária, como meu foco era o desenvolvimento da competência discursiva, inclusive escrita, propus uma última seção - “Praticando para conhecer...”.

3 METODOLOGIA DE ELABORAÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO

Este capítulo apresenta duas seções. Na seção 3.1, apresento as justificativas para a realização do projeto do jornal #hashtag e descrevo o contexto desta pesquisa. Em seguida, na seção 3.2, apresento o embasamento teórico para a elaboração do referido projeto.

3.1 De onde surgiu o projeto #hashtag: a gênese

“Um dia inteiro pode dividir-se em antes e depois de uma visita esperada. Mais que os astros, pode o tempo social, que recobre a passagem dos anos e das estações. À medida que o tempo social se empobrece de acontecimentos, se afina e esgarça, vai pondo a nu aquele tempo vazio, sem aparas, como um chão infinito, escorregadio, em que os passos deslizam. O tempo não passa, o tempo é estático, o tempo é, nós é que estamos passando pelo tempo.”

(Abel Ribas apud Bosi, 1994: 416)

Diversas escolas públicas brasileiras estão inseridas em comunidades carentes e não possuem infraestrutura adequada para a condução do processo de ensino-aprendizagem. A escola onde situo minha realidade, a Escola Municipal Maria Clara Machado, localizada no município de Magé, Estado do Rio de Janeiro, também não está inserida em um contexto favorável e, dentre os problemas enfrentados, destaca-se o fato de ela servir a uma comunidade que não a reconhece como sua e, conseqüentemente, seus alunos não se veem como pertencentes àquele espaço. São alunos carentes e que pertencem, inclusive, a comunidades dominadas por facções criminosas rivais, o que tende a influenciar muito no comportamento do alunado dentro da escola, propiciando desde o

bullying até brigas com violência física agressiva. Suas salas de aula têm pouco espaço físico e são sujas, ruidosas, quentes e escuras. A arquitetura pobre e o mobiliário desconfortável e precário acabam por dificultar o trabalho intelectual de alunos e professores. Acredito que o não reconhecimento de pertencimento ao local pode contribuir para que a maioria dos alunos se sintam desmotivada com a aprendizagem.

Através da busca e identificação de problemas existentes no contexto específico em que realizaria a pesquisa, e analisando as situações concretas em que caberiam uma intervenção, assumi a responsabilidade – proposta pela equipe de coordenação pedagógica da escola – de elaborar um projeto escolar que discorresse sobre a violência e sua influência na vida escolar, bem como qual seria o papel de cada indivíduo diante do fato, através do exercício da cidadania.

Foi com essa ideia em mente que pensei em realizar um trabalho que pudesse dar voz ao alunado, para que ele pudesse expor suas reflexões sobre o tema. Sou professora regente de uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental, para a qual o currículo mínimo inclui como matéria a ser estudada textos do gênero jornalístico, e me propus a saber deles o que pensavam sobre produzirmos um jornal em sala de aula. Nasce, daí, a ideia de produzirmos o jornal, que atenderia ao currículo mínimo da disciplina para a turma, e seria uma excelente oportunidade de trabalhar o ensino de gêneros textuais através de uma forma diferenciada, com matérias que falassem sobre a realidade da escola e da comunidade como um todo. Os alunos, que já possuíam essa vontade de participar de algum projeto com esse estilo, aceitaram na hora. Contei-lhes sobre a pesquisa dizendo que meu objetivo era o de fazê-los escrever, desenvolvendo sua competência discursiva, e de despertar sua reflexão crítica, vontade de ler e de participar ativamente da busca de soluções para problemas que envolvessem a comunidade na qual estavam inseridos. O trabalho também serviria como um laboratório para a criação de um futuro jornal da escola.

Comecei explanando o projeto. Propus que escrevêssemos juntos os seguintes itens: O que é? Para que serve? Qual a justificativa? Para que seria feito? Quanto tempo levaria? Como seria veiculado?

Assim, nasceu o “Jornal #hashtag”, formado por uma equipe de alunos do 9º ano da referida escola, que foram divididos em 8 grupos com 5 integrantes cada, sob a minha supervisão, como professora-articuladora, para executar um projeto de jornal escolar com as seguintes atividades: reuniões semanais, produção e análise textual, interlocução com atividades (extra) ordinárias da escola e fora dela (oficinas, atividades pedagógicas etc.) e outras atividades que a equipe considerasse pertinentes, cujos objetivos seriam:

- estimular os educandos envolvidos no projeto e o público-alvo à leitura e interpretação de textos;
- salientar um espírito participativo e propositivo nos beneficiários do projeto;
- contribuir com a divulgação de atividades dentro e fora da escola;
- ampliar o conhecimento dos educandos acerca das características e da história de sua cidade, Magé.

O cronograma para a realização do projeto seria o seguinte:

Datas	Atividades
06/02/15	Apresentação do projeto, escolha dos grupos e das seções.
13/03/15 a 08/05/15	Trabalho com o material didático desenvolvido, explorando os gêneros selecionados, e fomentação de ideias para a produção do jornal.
15/05/15	Início das reuniões de pauta para orientação e debate de possíveis ideias relacionadas à execução do projeto. A frequência dessas reuniões

	é semanal.
29/05/15	Data-limite para os alunos entregarem o material.
05/06/15	Início do fechamento do jornal e confecção do esboço do jornal.
12/06/15	Última reunião de pauta para acertarmos os detalhes finais de diagramação de textos e exposição do jornal.
18/06/15	Apresentação do jornal na escola e divulgação do blog através de cartazes espalhados pela escola.

Além de nossos encontros semanais, que serviam para orientação e motivação do grupo, criamos grupos nas redes sociais *Facebook* e *WhatsApp* para que a comunicação fosse constante e eficiente. Como os grupos eram formados por 5 integrantes, cada grupo elegeu um responsável e esse aluno entrou para o grupo nas redes sociais para informar, dia a dia, o progresso de seu trabalho.

Prevvia-se, no início da elaboração do projeto, uma apresentação gráfica desse jornal, através de exemplares xerocopiados em gráfica e entregues à comunidade escolar, mas não obtivemos verba necessária para tal, de modo que optamos pela divulgação dos textos nos murais da escola. Os participantes também apoiaram a ideia da criação de um *Blog do Jornal #hashtag*, uma vez que a tecnologia é fácil de se usar e os próprios alunos podem criá-lo. Devido à acessibilidade à tecnologia e, sobretudo à Internet, o *Blog* tornar-se-ia um importante meio de divulgação não só para essa geração nativa digital, mas também um meio de fácil divulgação, ampliando o acesso ao *Jornal #hashtag* a pessoas fora do nosso contexto escolar.

Em relação à avaliação, ela seria tanto quantitativa quanto qualitativa. A partir do aspecto quantitativo, considerei os critérios de organização geral do jornal, a organização interna das seções, a relevância do conteúdo temático, a

competência discursiva escrita dos alunos, a criatividade e adequação ao gênero textual. Quanto ao componente qualitativo da avaliação, observei a participação, o interesse, o comprometimento e a responsabilidade no cumprimento de tarefas e prazos propostos e estabelecidos no cronograma do projeto.

Uma dificuldade percebida ao começarmos a colocar em andamento o projeto do jornal foi a falta de material didático voltado para os gêneros que estudaríamos, uma vez que temos insuficiência de material escolar que atenda a todo o contingente de alunos. Sendo assim, optei pela elaboração de um material didático específico para a situação de produção que ora se apresentava, propondo quatro unidades didáticas, que são descritas no próximo capítulo e se encontram nos anexos desta dissertação.



Figura 2: Logo do jornal, criado pelos alunos.

3.1.1 Contexto de pesquisa

“Saber que devo respeito à autonomia e à identidade do educando exige de mim uma prática em tudo coerente com este saber”.
(FREIRE, 1998, p. 67)

Como disse Freire na epígrafe acima, é impossível pensar numa prática pedagógica coerente sem que se respeite a autonomia e a identidade do educando. O autor também postula sobre a necessidade de o educador ir à

comunidade em que pretende desenvolver o processo educativo com a finalidade de levantar os “temas geradores” nos quais deverá basear seu trabalho pedagógico (FREIRE, 1978).

Foi partindo dessa linha da proposta freireana que escolhi meu contexto de pesquisa. Queria desenvolver um trabalho que pudesse aplicar e ver seu resultado na comunidade em que, profissionalmente, estou inserida. Se era assim, também deveria ser nessa comunidade que deveria buscar meu “tema gerador”. Como já mencionado na seção 2.1, sou professora de Língua Portuguesa em uma escola pública localizada no centro de Magé, no estado do Rio de Janeiro. Classificada, no município de Magé, como Escola Modelo, a instituição é uma das que servem de modelo para as demais escolas do município, pois quando criada, contava com recursos que nem todas as escolas da região possuía. Entretanto, com o passar dos anos e a falta de investimento no que tange à reposição de itens perdidos, bem como à reposição do que foi perdido, bem como a impossibilidade de aquisição de novos materiais, fazem com que o “Modelo” torne-se apenas nomenclatura, e não realidade.

A unidade escolar possui dois andares. No térreo, encontramos a secretaria, a biblioteca, a sala dos professores, o laboratório, a sala de informática/multimídia, o refeitório, dois banheiros e um pequeno pátio onde os alunos fazem a formatura todos os dias antes de subirem às salas de aula. A escola não possui quadra de esportes ou parque para as crianças desfrutarem nos horários vagos. No segundo andar, ao qual temos acesso através de rampa, temos 12 salas de aula nas quais funcionam todas as séries do Ensino Fundamental II (a Escola não trabalha com Ensino Fundamental I), divididos em duas galerias. Há dois banheiros e um bebedouro somente em uma dessas galerias. Hoje temos matriculados cerca de 900 alunos, divididos nos dois turnos – manhã e tarde. À noite, a Escola funciona com o projeto ProJovem. Além disso, há um programa da prefeitura, o “Mais Educação”, cuja verba não vem da Escola, mas diretamente da Secretaria de Educação (SMEC) e que oferece, após as aulas, cursos de capoeira, judô, dança, reforço em Matemática e Português.

Como as demais Escolas Modelo do município – que são cinco ao todo –, a Escola tem janelões em todas as salas e em sua parte frontal. Ou seja, é um “aquário”. Mesmo sentados para as aulas, os alunos veem tudo o que acontece na rua movimentada na qual a instituição se localiza e na praça ao seu lado.

A escola ainda utiliza quadros negros, não possui carteiras suficientes para todos os alunos, não possui porta em todas as salas e, em relação aos livros didáticos, não há material para atender a todos os alunos, fazendo com que as turmas revezem na utilização do material. Se uma turma de 8º ano, por exemplo, estiver tendo aulas de Língua Portuguesa com a utilização do livro didático, a professora de outra turma que também trabalhe com a disciplina precisará em outra alternativa para lecionar naquele dia, pois os livros não estarão disponíveis.

Esse foi outro motivo para produzir material didático voltado para a realização do projeto de gêneros textuais jornalísticos. Além disso, os livros dos quais dispomos têm folhas faltando e, como são reutilizáveis, os alunos não poderiam levá-los a casa para um estudo mais aprofundado.

3.2 Embasamento teórico para a realização do projeto

(...) qualquer proposta de mudança que não envolva o próprio contexto educacional no seu processo de elaboração já nasce sem sucesso. Assim sendo, é preciso que se abra espaço para que o professor possa falar, já que, por viver a complexidade do trabalho com o aprendiz, ele certamente transmitirá um tipo de conhecimento que escapa a qualquer especialista que não experimente esta realidade no seu dia a dia. (FREIRE, 1998, p.22)

Este trabalho começou com um levantamento teórico, explicitado na Introdução, privilegiando uma visão pedagógica que contemplasse o desenvolvimento de alunos como protagonistas no processo de ensino-

aprendizagem. Além disso, procurei incentivar a participação ativa em diversas situações comunicativas.

A imagem do professor como um executor do trabalho educacional tem sido amplamente discutida, tanto em textos prescritivos como os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997) quanto em muitos relatos de pesquisa que investigam a ação docente no país. Seja como for, a discussão acerca da ação realizada pelo professor é frequente, e muitas vezes este se vê impelido a criar situações de ensino-aprendizagem que melhor atendam ao seu contexto educacional, visto que, em muitos casos, as deliberações da utilização de livros didáticos não atendem as demandas de sua comunidade escolar, ou mesmo nem chegam até ela, e cabe, então, ao professor, a implementação do trabalho. Assim, o profissional da educação assume um outro papel nesse processo de ensino-aprendizagem: o de criador, elaborador e produtor de um material didático que atenda tal situação de ensino e promova conhecimento.

Em linhas gerais, podemos dizer o processo de ensino-aprendizagem deve ser acompanhado por um procedimento metodológico adequado, que promova a aprendizagem significativa para que o aluno se sinta encorajado a aprender. Na busca de paradigmas inovadores para suas práticas pedagógicas e com o intuito de superar a reprodução de conhecimento, o professor deve assumir um papel de “intermediador, direcionador, orientador e até mesmo interventor do desenvolvimento autônomo dos formandos, bem como ser responsável legal pela conduta ética desse processo” (SILVA, 2000, p. 53).

A partir da necessidade de material didático que incentivasse uma leitura crítica e uma aprendizagem significativa, e baseando-me nos preceitos teóricos anteriormente citados, elaborei material didático para trabalhar gêneros textuais jornalísticos com o objetivo de poder proporcionar aos participantes a oportunidade de construir conhecimentos. Isso foi possível por meio de um material didático com atividades que promovessem o exercício da cidadania, a interdisciplinaridade e a interculturalidade. Além disso, o referido material buscou estimular o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo.

Cabe destacar que a visão crítica tem influenciado minha prática pedagógica e fomentado algumas reflexões que me ajudam a realizar este projeto. Acredito que é através de reflexão e ação que podemos realmente realizar intervenções significativas em nosso contexto de atuação.

Assim, ao fazer as escolhas para o material didático proposto, parti de um conjunto de conhecimentos acadêmicos e práticos para a construção de cada sequência didática. As atividades elaboradas para as unidades didáticas são voltadas para a produção de gêneros textuais utilizados no meio jornalístico. Vale ressaltar que, antes de selecionar os textos para as unidades didáticas, busquei conhecer quais temas mais despertavam o interesse dos alunos-participantes do projeto, através de conversas e discussões que realizávamos em nossas reuniões de planejamento, buscando adequá-los a nossa necessidade de atendimento à proposta pedagógica semestral.

Nas primeira e segunda semanas de reunião, expliquei aos discentes a necessidade de atrelar um texto que para eles fosse atraente e, ao mesmo tempo, fosse consistente, de forma que os conduzisse à reflexão sobre um determinado tema. Sugestões foram apresentadas e discutidas por nós e, assim, pude fazer uma pré-seleção de temas e textos para a elaboração do material didático.

Para a escolha dos textos das unidades didáticas, tanto no que tange ao gênero, quanto ao tema, levei em consideração os seguintes critérios:

1. o gênero escolhido deve atender às necessidades dos alunos em situações escolares ou extraescolares mais usuais, nas quais eles se deparem com uma circunstância de ação de linguagem em que precisem se posicionar e argumentar diante de um tema ou de uma questão;
2. o gênero escolhido não deve ser totalmente novo para os alunos, isto é, não deve parecer muito distante da realidade deles; e
3. as peculiaridades em relação ao contexto, ao tema e a produção de textos devem ser claras, devendo ser trabalhadas em aula.

De acordo com esses critérios, optei pelos gêneros crônica, notícia, reportagem, entrevista e charge, que se filiam aos gêneros jornalísticos. Dessa forma, busquei levar os alunos a se apropriarem desses gêneros, desenvolvendo as capacidades envolvidas na produção de textos pertencentes aos gêneros mencionados.

Quanto ao tema, busquei aqueles que contribuíssem para o debate, a reflexão e que estivessem pautados, sobretudo, na atualidade, para que os alunos pudessem ver a aplicabilidade da discussão e tomada de posição dentro do contexto social em que estão inseridos.

Em relação às atividades propostas, elas foram elaboradas buscando desenvolver no discente as capacidades envolvidas na produção de gênero argumentativo, dando ênfase, sobretudo, às operações de justificativa e posicionamento diante de um fato.

Por meio desse material, pensado e elaborado para a situação específica de ensino-aprendizagem descrita em 3.1.1 busquei introduzir para os alunos-participantes o conhecimento teórico necessário para a realização do projeto principal - a elaboração do Jornal *#hashtag*.

Quando pensamos – alunos e professora – na culminância do projeto e na necessidade de atingir um público-leitor que extrapolasse os muros da escola, surgiu a necessidade da criação do *blog*, que atingiria não só a comunidade escolar, mas qualquer pessoa com acesso à Internet.

Como vimos nesta seção, diversos critérios foram pensados para a elaboração do material didático proposto. No capítulo seguinte, descrevo as unidades didáticas desenvolvidas para o referido material didático.

4 DESCRIÇÃO DAS UNIDADES DIDÁTICAS

Este capítulo apresenta a estrutura e a descrição das unidades didáticas criadas. Ao pensar na produção do material didático, precisei refletir sobre quais deveriam ser, dentre todos os existentes, os gêneros jornalísticos que poderiam ser mais produtivos em minha realidade pedagógica, para que, assim, pudesse ter de fato um material funcional. Para tomar essa decisão, pensei nos objetivos que tinha para o ensino dos gêneros que seriam trabalhados, e também na abordagem que adotaria para fazê-lo.

Optei por trabalhar com a abordagem situacional, em que o conteúdo a ser ensinado parte de uma situação em que a língua é usada, e a abordagem baseada em competências, que parte do princípio de que a linguagem usada numa determinada situação depende de competências e processos linguísticos que perpassam diferentes situações comunicativas, conforme visto no capítulo de fundamentação teórica. Assim sendo, procurei utilizar gêneros que me permitissem trabalhar o pensamento reflexivo, como a crônica e a charge, este último também por me dar a oportunidade de trabalhar a linguagem não verbal, mas não podia deixar de contemplar, também, a notícia e a reportagem, textos jornalísticos por excelência, por conterem informação, por treinarem o olhar de descoberta, a linguagem objetiva e a narração de fatos. Um outro gênero que pensei ser importante neste contexto é a entrevista, uma vez que possibilitaria o trabalho com a linguagem oral.

Sendo assim, as unidades ficaram assim distribuídas:

UNIDADE	GÊNERO	OBJETIVO
Unidade 1	Crônica	• Conhecer a crônica como gênero. • Desenvolver habilidades e competências para a leitura reflexiva. • Produzir crônicas para o projeto do Jornal #hashtag.

Unidade 2	Entrevista	• Conhecer a entrevista como gênero. • Desenvolver habilidades de expressão e argumentação orais. • Produzir entrevistas para o projeto do Jornal #hashtag.
Unidade 3	Notícia	• Conhecer a notícia e a reportagem como gêneros jornalísticos. • Empregar com propriedade títulos e legendas. • Desenvolver a habilidade de leitura de textos auxiliares, como infográficos. • Produzir notícias e reportagens para o projeto do Jornal #hashtag.
Unidade 4	Charge	• Compreender os elementos que perpassam a construção do sentido em textos não verbais. • Levar o aluno a refletir acerca do propósito crítico da charge. • Desenvolver habilidades de compreensão e leitura crítica.

Tabela 1: Unidades didáticas elaboradas seus objetivos

Em relação à escolha das seções, busquei levar sempre em consideração algumas etapas que acredito serem importantes para que o aluno se envolva no processo: sensibilização e pré-leitura, assimilação do gênero, leitura, compreensão e interpretação pós-leitura, e produção textual. Sobretudo, focalizei a elaboração de atividades que incentivassem o desenvolvimento de uma postura reflexiva por parte dos alunos, que os possibilitasse a produzir o gênero estudado, já que esse é o principal objetivo do material didático proposto.

Para que houvesse padronização do material produzido, todas as unidades didáticas possuem as mesmas seções. Abaixo, segue uma tabela cuja finalidade é apresentar cada seção e seus respectivos objetivos.

SEÇÃO	OBJETIVO
Conhecimento gera conhecimento...	• Despertar o interesse para a temática – e em alguns casos para o gênero –, procurando estimular os conhecimentos prévios dos alunos através de perguntas que antecipam o estudo que será desenvolvido na unidade. • Aprofundar o que os alunos já sabem sobre o tema do texto principal.
Conhecendo o gênero...	• Apresentar o gênero textual que será trabalhado e desenvolvido na unidade, bem como sua estrutura e função social, a relação entre o texto e o seu meio de circulação. • Apresentar o texto principal da unidade, para a leitura propriamente dita.
Refletindo para conhecer...	• Propor atividades de compreensão leitora, organizadas em compreensão geral e detalhada do texto, bem como atividades que permitam ao aluno que identifique características do gênero estudado.
Refletindo além do texto...	• Explorar a intertextualidade e mostrar diferentes tipos de texto ou diferentes gêneros com o mesmo tema. • Discutir o tema estudado através de um olhar transversal, levando os alunos a uma compreensão que ultrapasse o sentido do texto.
Praticando para conhecer...	• Desenvolver as competências e habilidades para a produção do gênero textual estudado.
#bombounanet	• Apresentar dicas de leituras, vídeos, peças teatrais, links que podem ser acessados pela internet e que servirão para aprofundar o tema ou exemplificar o gênero.

Tabela 2: Seções das unidades didáticas elaboradas seus objetivos

4.1 Seção “Conhecimento gera conhecimento...”

Conforme consta na introdução do capítulo 4, a primeira etapa a ser explorada em cada unidade didática é a de sensibilização e pré-leitura, que busca, através de perguntas, ao mesmo tempo ativar o conhecimento prévio do aluno e despertar seu interesse sobre o tema. Assim, em cada uma das unidades, os textos escolhidos para a seção foram escolhidos de forma diferenciada. A Unidade 1 (“Observando o cotidiano”), por exemplo, que trabalha o gênero crônica, apresenta como tema a corrupção e os problemas políticos que são manchetes em nossos jornais todos os dias. O tema foi escolhido devido à necessidade de se trabalhar com um assunto atual, uma vez que a crônica trabalha com temas do dia a dia.

A fim de introduzir o aluno à temática exposta, utilizei dois textos de gêneros diferentes: uma música e uma charge, conforme ilustra o exemplo a seguir:

UNIDADE 1:
OBSERVANDO O COTIDIANO

CONHECIMENTO GERA CONHECIMENTO...

Leia os textos a seguir e, em seguida, reflita sobre as perguntas em “Primeiras impressões”.

TEXTO 1

Luís Inácio (300 Picaretas)

Luís Inácio falou, Luís Inácio avisou
São trezentos picaretas com anel de doutor

Eles ficaram ofendidos com a afirmação
Que reflete na verdade o sentimento da nação
E lobby, é conchavo, é propina e jeton
Variações do mesmo tema sem sair do tom
Brasília é uma ilha, eu falo porque eu sei
Uma cidade que fabrica sua própria lei
Aonde se vive mais ou menos como na Disneylândia
Se essa palhaçada fosse na Cinelândia
Ia juntar muita gente pra pegar na saída
Pra fazer justiça uma vez na vida

Eu me valli deste discurso panfletário
Mas a minha burrice faz aniversário
Ao permitir que num país como o Brasil
Ainda se obrigue a votar por qualquer trocado
Por um par de sapatos, um saco de farinha
A nossa imensa massa de iletrados

Parabéns, coronéis, vocês venceram outra vez
O congresso continua a serviço de vocês
Papai, quando eu crescer, eu quero ser anão
Pra roubar, renunciar, voltar na próxima eleição

Se eu fosse dizer nomes, a canção era pequena
João Alves, Genebaldo, Humberto Lucena
De exemplo em exemplo aprendemos a lição
Ladrão que ajuda ladrão ainda recebe concessão
De rádio FM e de televisão
Rádio FM e televisão

Fonte: PARALAMAS DO SUCESSO. *Vamo batê lata*. São Paulo: EMI, 1995. Disponível em
<letras.mus.br/os-paralamas-do-sucesso/439836>. Data de acesso: 15/03/15.

TEXTO 2



Fonte: ZERO HORA 23 de março de 2015 | N° 18110. Disponível em
<<http://corrupcaonopoder.blogspot.com.br/>>. Data de acesso: 15/03/15.

Figura 3: Seção "Conhecimento gera conhecimento..." (Unidade Didática 1)

Da mesma forma, na Unidade 2 ("uma palavrinha, por favor?"), que tratará do gênero entrevista, inicio a seção com duas tirinhas que mostram situações em que o gênero é utilizado: uma entrevista pessoal, cujo objetivo é conhecer alguém sobre quem se tem admiração; e uma entrevista de emprego, cuja finalidade é conhecer o outro profissionalmente, para perceber se ele está ou não apto a desenvolver determinada atividade. A ideia é levar os alunos a refletirem sobre o fato de que mesmo um único gênero pode ser utilizado em situações de comunicação diferentes:

UMA PALAVRINHA, POR FAVOR?

CONHECIMENTO GERA CONHECIMENTO...

Leia os textos a seguir e, em seguida, reflita sobre as perguntas em "Primeiras impressões..."

TEXTO 1



Fonte: O Esquema. Disponível em < <http://www.oesquema.com.br/mauhumor/tag/entrevistas-em-quadrinhos/>>. Data de acesso: 06/05/15.

TEXTO 2



Disponível em: < <http://www.humordaterra.com/page/559/?refsite=www.n1ads.com&ref=alexa-traffic-rank> >. Data de acesso: 06/05/15.

Figura 4: Seção "Conhecimento gera conhecimento..." (Unidade Didática 2)

Achei interessante, também, que nesta mesma unidade os alunos pudessem entrar em contato com o gênero através de uma obra em linguagem verbal, e resolvi utilizar o texto "Aí, Galera", de Luis Fernando Verissimo, que brinca com o estereótipo da entrevista de um jogador de futebol.

Na Unidade 3 ("Abrindo o jornal: em dia com o que acontece"), para despertar no aluno o interesse pela notícia, gênero trabalhado na unidade, escolhi colocar na seção um poema de Drummond que fala sobre o ofício do repórter, e

uma tirinha, na qual se busca refletir sobre o conteúdo das notícias que estampam os jornais a cada dia:

UNIDADE 3: ABRINDO O JORNAL: EM DIA COM O QUE ACONTECE

CONHECIMENTO GERA CONHECIMENTO...

Leia os textos a seguir e, em seguida, responda às perguntas em "Primeiras impressões...".

TEXTO 1

Poema do jornal

O fato ainda não acabou de acontecer
e já a mão nervosa do repórter
o transforma em notícia.
O marido está matando a mulher.
A mulher ensanguentada grita.
Ladrões arrombam o cofre.
A polícia dissolve o meeting*.
A pena escreve.



Vem da sala de linotipos² a doce música mecânica.

(FONTE: Carlos Drummond de Andrade. Disponível em < <http://carlos-drummond-de-andrade.blogspot.com.br/>. Data de acesso: 20/04/15)

*meeting = reunião
²linotipo = máquina de impressão de jornais

TEXTO 2



(Fonte: < <http://www.drsandro.org/charges/> >. Data de acesso: 28/04/15)

Figura 5: Seção "Conhecimento gera conhecimento..." (Unidade Didática 3)

Nesta seção, para acompanhar o poema, achei importante também inserir um box com dados do autor Carlos Drummond de Andrade, pois alguns alunos podem não ter conhecimento do artista.

Na Unidade 4, que fala sobre a charge ("Ilustrando a atualidade"), resolvi inserir um cartum, vencedor de prêmio de melhor cartum do ano de 2008, e que trabalha com a metalinguagem, e uma tirinha que faz uma brincadeira com o fato de algumas pessoas acreditarem que trabalhar com desenho de cartuns e charges não é, de fato, trabalhar:

UNIDADE 4: ILUSTRANDO A ATUALIDADE

CONHECIMENTO GERA CONHECIMENTO...

Leia os textos a seguir e, em seguida, responda às perguntas em "Primeiras impressões..."

TEXTO 1



FONTE: <<https://informationbreviis.wordpress.com/category/cursos-e-oficinas/page/2/>>. Data de acesso: 11/05/15.

TEXTO 2



FONTE: <http://www.digestivocultural.com/columistas/columa.asp?codigo=2395&titulo=Ensino_inferior>. Data de acesso: 15/05/15.

Figura 6: Seção "Conhecimento gera conhecimento..." (Unidade Didática 4)

Após a leitura dos textos motivadores em cada uma das seções, foram feitas perguntas reflexivas numa subseção que recebeu o nome de “Primeiras impressões...”. Tais perguntas tinham como objetivo despertar o interesse para a temática, procurando estimular os conhecimentos prévios dos alunos através de perguntas que antecipariam o estudo que seria desenvolvido na unidade, aprofundando o que os alunos já sabiam sobre o tema do texto principal e sobre o gênero.

4.2 Seção “Conhecendo o gênero...”

O trabalho realizado nesta seção apresenta o gênero jornalístico escolhido, bem como suas características e peculiaridades. Embora nos remeta a uma metodologia de ensino tradicional, em que há a exposição teórica do conteúdo, achei importante a inserção dessa seção, uma vez que a maior parte de minha classe não tinha o conhecimento teórico necessário para desenvolver, posteriormente, um trabalho de escrita do gênero textual.

Vale ressaltar que em minha realidade escolar não dispomos de livro para todos os alunos, e quando se fala em trabalho com gêneros ou mesmo leitura e interpretação textual, pela necessidade de se dividir a classe numa proporção de três a quatro alunos por livro, esse tipo de estudo sempre foi deixado de lado. Na maior parte do tempo os alunos veem conteúdos gramaticais que copiam do quadro, não tendo muita intimidade com os gêneros que trabalharíamos.

Assim, resolvi inserir tal seção, cujo objetivo era não só apresentá-los ao gênero textual que seria desenvolvido na unidade, bem como sua estrutura e função social, e a relação entre o texto e o seu meio de circulação, como também apresentar o texto principal da unidade, para a leitura e interpretação propriamente ditas.

Na Unidade 1, "Observando o cotidiano", primeiramente apresentei o gênero, sua origem e suas características, mostrando que apesar de ser um gênero pertencente à esfera jornalística, também entra na atmosfera literária, e que sempre trabalha com temas do dia a dia, do nosso cotidiano.

Antes de apresentar o gênero discutido, e para exemplificar a questão da atualidade como força motriz da crônica, apresentei uma notícia que versava sobre os últimos acontecimentos políticos brasileiros:

'Símbolos da corrupção no Brasil continuam soltos', diz ministro

**Jorge Hage fez declaração ao responder sobre prisões do mensalão.
Chefe da Controladoria da União não explicou a quem estava se referindo.**

O ministro da Controladoria-Geral da União (CGU), Jorge Hage, afirmou nesta segunda-feira (9), Dia Mundial de Combate à Corrupção, que os símbolos da corrupção no Brasil "continuam soltos". O chefe da CGU, no entanto, não disse a quem estava se referindo ao fazer a declaração durante evento que celebrou os dez anos de criação do órgão, ligado à Presidência da República.

Indagado por jornalistas sobre se a prisão dos condenados no processo do mensalão, um marco no combate à corrupção no país, Hage minimizou os efeitos da medida. Para ele, o fato foi importante no sentido de mostrar que as instituições, "quando querem, funcionam". O ministro ressaltou que o Brasil está longe de ter condenado "símbolos da corrupção".

"É importante sim [as prisões de réus do mensalão], que mostra que as instituições, quando querem, funcionam. Mas eu diria que está muito longe de termos condenado símbolos da corrupção no Brasil. Na minha opinião, os símbolos da corrupção no Brasil, os emblemáticos, continuam soltos", declarou o ministro.

[...]

Mais tarde, em evento na Procuradoria Geral da República sobre combate à corrupção, Jorge Hage afirmou que há casos mais graves de corrupção. "O que eu entendo é que a realidade não passa por um caminho de absoluta racionalidade. Os avanços se dão aos trancos e barrancos. Deus escreve certo por linhas tortas. Se fosse possível você fazer uma escala dos casos moralmente mais condenáveis que já teve conhecimento de corrupção no Brasil, você escolheria primeiro quais casos, quais situações?", disse. "Evidente, sem nenhuma dúvida, claro que tem [casos piores do que o mensalão]", completou.

Figura 7: Seção "Conhecendo o gênero..." (Unidade Didática 1)

Em seguida, apresentei o gênero crônica através do texto do autor Luis Fernando Verissimo, “Hábito nacional”, que dialoga com a notícia e traz à tona questões de ética, comportamento social e corrupção através de um texto bem humorado e crítico.

Além de apresentar o autor, nesta seção também trabalhei a estrutura e as características da crônica, vistas na parte teórica, de maneira exemplificada e detalhada:

Nessa crônica, estruturalmente falando, o diálogo é o elemento mais marcante de todo o texto, o que implica em uma grande presença da oralidade, através não só de marcas estruturais, como da pontuação.

Veja os exemplos:

Ex.1:

“– E. Ele. Neste caso, anulam-se todos os pareceres em contrário e prevalece a vontade soberana d’Ele. Isto aqui ainda é o Reino dos Céus.”

– E nós podemos entrar?

São Pedro suspira.

– Podem. Se dependesse de mim, iam direto para o Inferno. Mas...

Todos entram pelo Portão do Paraíso, dando risadas e se congratulando. Um querubim que assistia a cena vem pedir explicações a São Pedro.”

Ex. 2:

“– Eu sei, eu sei.

Figura 8: Seção "Conhecendo o gênero..." (Unidade Didática 1)

Após essa explicação, propus perguntas diretamente relacionadas ao conteúdo da crônica para que, além de perceberem as características e estruturas do texto, os alunos pudessem refletir sobre o tema abordado. Tais perguntas fazem parte da seção posterior: Refletindo para conhecer... .

Na Unidade 2, que tratava da entrevista, propus a leitura de uma entrevista que o humorista Fábio Porchat concedeu ao jornal “Estadão”:

Leia a entrevista abaixo:



Figura 9: Seção "Conhecendo o gênero..." – título da entrevista (Unidade Didática 2)

A escolha da entrevista se deu por vários motivos: pela atualidade do assunto abordado, pela popularidade que o humorista tem junto ao público adolescente e, também, porque num trecho da entrevista, Porchat fala da importância da escrita e de uma escola que prepare o indivíduo para tal:

Temos uma boa escola de roteiristas no Brasil?

Fábio Porchat - Não. No Brasil, as pessoas não estão nem aí para roteiro. É um país que não lê. E que, até pouco tempo, tinha um presidente que se orgulhava de dizer que não lia. Por isso eu fico feliz que a Dilma vá ao teatro, leia, inaugure museu com a perna quebrada. Acho que é um exemplo. Nos Estados Unidos, quando tem greve dos roteiristas, para o país! O David Letterman vai na frente da câmera e fala: "Eu não posso fazer meu programa hoje, pois não tenho roteirista. Muito obrigado, tchau". Aqui, se um roteirista entrar em greve, as pessoas falam: "Ah, chama um tio meu que escreve umas piadas engraçadas". E leva o cara.

Figura 10: Seção "Conhecendo o gênero..." – trecho da entrevista (Unidade Didática 2)

Assim como na Unidade 1, as características do gênero foram trabalhadas com exemplificações retiradas do texto lido e foram direcionando a reflexão para as perguntas que viriam na seção seguinte.

A Unidade 3, trabalhamos com uma notícia que girava em torno de um assunto que interessa muito os jovens: as redes sociais. A notícia falava sobre a utilização do Facebook para a disseminação de preconceito e injúrias:



Figura 11: Seção "Conhecendo o gênero..." (Unidade Didática 3)

Acreditei ser válida a escolha do texto, pois ele discute um outro lado das redes sociais: o lado mau. Esse texto despertou um excelente debate sobre a questão de direitos e deveres, conceitos e preconceitos, e sobre o que pode ser considerado crime no ambiente virtual.

A Unidade 4 trabalhou o gênero charge. E no intuito de fazer com que os alunos percebessem a relação entre a charge e a atualidade, iniciei a seção apresentando uma notícia que falava sobre a operação Lava Jato, a qual tive que explicar no que consistia, e, sobretudo a notícia falava sobre a “delação premiada”:



Figura 12: Seção "Conhecendo o gênero..." – notícia (Unidade Didática 4)

Após notícia que apresentava a operação Lava Jato e a delação premiada, inseri a charge que seria o texto principal da unidade, e através dela fui exemplificando o gênero:

A SENHORA ACEITA DELAÇÃO PREMIADA??

SODRADO

O texto se constitui em grande parte de linguagem não verbal, não é mesmo? Há apenas um pequeno enunciado em linguagem verbal, embora ele seja importante para a compreensão do conteúdo abordado, pois nos esclarece qual a intenção do menino para com a mãe: contar o que sabe a partir do momento que a mãe concordar em conceder-lhe algum privilégio. Mesmo

Para compreendermos isso, precisamos nos concentrar nos detalhes do texto. A imagem nos apresenta um vaso de cerâmica quebrada, com uma bola ao lado. O vaso quebrado suja todo o chão. A mulher, ao ver a cena, parece ficar muito chateada, pois a posição que assume na ilustração é a de quem está chamando a atenção do filho. Atrás da mãe furiosa, vemos um cãozinho extremamente preocupado, atrás de uma parede, na qual está pendurada uma foto do menino abraçado ao cãozinho (o que mostra o envolvimento entre eles) e, logo abaixo – no chão – um outro elemento também provoca sujeira semelhante à do vaso quebrado: dejetos deixados pelo cachorro. Além disso, a fala do menino traz a expressão “delação premiada”. O que isso quer dizer?

Como nas demais unidades, o conteúdo do texto foi deixado para a seção posterior.

4.3 Seção “Refletindo para conhecer...”

Após a seção “Conhecendo o gênero...”, é chegada oportunidade de trabalhar a compreensão e interpretação do texto lido na seção anterior. Conforme fica claro através do nome desta seção, é uma etapa tem cujo objetivo é fazer com que o aluno reflita sobre o conteúdo do texto lido e, para ajudá-lo e instigá-lo nessa tarefa, são formuladas questões de diferentes moldes, a fim de que este exercício não seja enfadonho, repetitivo e cansativo.

A ideia, entretanto, ao refletir sobre o texto, não é a de fazer o aluno transcrever do texto a informação pedida, mas sim levá-lo a raciocinar para chegar à resposta, de maneira que suas habilidades de leitura e interpretação sejam desenvolvidas. Para tanto, como já foi dito, os tipo de questões foram bem variados, conforme mostram os exemplos a seguir:

REFLETINDO PARA CONHECER...

1. Como podemos explicar o fato de o texto de Luis Fernando Verissimo ser uma crônica? Em sua resposta, comente se existe ou não diálogo entre a notícia e o texto de Verissimo.

Resposta sugerida: Espera-se que o aluno perceba que o texto de Luis Fernando Verissimo é uma crônica, pois o autor parte de um assuntos cotidiano para conduzir o leitor a uma reflexão mais ampla. Tanto o texto de Verissimo quanto a notícia do jornal tratam do mesmo tema: corrupção.

2. O autor escreve o texto em discurso direto, como sendo uma conversa. Entre quais personagens se dá a conversa? Cite um exemplo:

Resposta sugerida: É uma suposta conversa entre São Pedro que, segundo a tradição católica, possui “as chaves do céu”, e as vítimas de um acidente aéreo, todas envolvidas com falcatruas e bandidagens, que acabam morrendo.

Exemplo : “- E nós podemos entrar?

Figura 14: Seção “Refletindo para conhecer...” – perguntas e respostas (Unidade Didática 1)

REFLETINDO PARA CONHECER...

1. O texto desta aula é, em linhas gerais, uma entrevista porque

(X) apresenta uma estrutura em forma de diálogo oral, em que percebemos claramente, através da pontuação e do uso dos verbos, a fala de cada um dos inúmeros participantes.

(X) simula uma conversa oral em formato de perguntas e respostas. As perguntas são sempre geradas a partir das respostas dadas pelo entrevistado que é, em geral, uma autoridade no assunto desenvolvido ao longo do texto.

() estrutura-se a partir de uma organização lógica, com introdução, desenvolvimento e conclusão em sequência narrativa e descritiva.

() contém uma série de informações importantes acerca de um tema controverso visto e defendido a partir da opinião do autor do texto.

2. As entrevistas, de acordo com o que estudamos, podem ser

(X) orais ou escritas, e podem assumir diferentes formatos de acordo com o veículo em que forem publicadas, se impresso ou televisivo, por exemplo.

Figura 15: Seção "refletindo para conhecer..." – questões objetivas (Unidade Didática 2)

6. Observe as fotos abaixo. Suponhamos que elas tenham sido retiradas de notícias jornalísticas. Crie para elas uma legenda que explique a imagem e seja atrativa para o leitor.

a)



b)



c)



d)



Figura 16: Seção "Refletindo para conhecer..." – criação de legendas (Unidade Didática 3)

3. Compare as informações que constam na reportagem com as dos gráficos que a ilustram e marque a que melhor completa a informação abaixo:

Tanto o texto principal quanto os gráficos que o acompanham têm implícito o conceito fundamental de que

- a) por meio das novas mídias digitais é possível fazer todas as coisas, inclusive terminar um namoro.
- b) o término de um relacionamento é uma questão que mexe com a sensibilidade.
- c) as novas tecnologias não substituem o contato humano.

Figura 17: Seção "Refletindo para conhecer..." – comparação (Unidade Didática 3)

8. Faça a associação da charge com a manchete que traz a notícia que a motivou.



Fonte: <noibat.oglobo.globocom/charges/noticia/2015/05/charge-de-chico-caruso-13-05-2015.html>. Data de acesso: 13/05/15.

(2)



Fonte: <<http://noblai.oglobo.globo.com/charges/noticia/2015/05/charge-de-chico-caruso-08-05-2015.html>>. Data de acesso: 08/05/15.

(3)



Fonte: <<http://minilua.com/recebi-mail-charges-das-escolas-atuais-100/>>. Data de acesso: 08/05/15.

()

Entenda como ocorrem fraudes nos convênios entre ONGs e governos

Ex-ministro do Esporte é investigado por suposto esquema de desvio. Falta de lei e fiscalização falha facilitam fraudes, dizem especialistas.

()

Doleira canta "Amada amante" de Roberto Carlos, em audiência da CPI da Petrobras

Nelma Kodama antança risada dos deputados ao negar dinheiro na calcinha; André Vargas e Argôlo também serão sabatinados por deputados

(Disponível em <http://oglobo.globo.com/brasil/doleira-canta-amada-amante-de-roberto-carlos-em-audiencia-da-cpi-da-petrobras-16128227>. Data de acesso 13/05/15.)

{ }

OPERAÇÃO LAVA JATO »

Ainda desunida, oposição quer se aproveitar da fragilidade de Dilma

• Unificar discursos e atrair o PMDB são as estratégias para desgastar gestão petista

(Disponível em http://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/05/politica/1425593079_970097.html.

Data de acesso 15/05/15.)

Figura 18: Seção "Refletindo para conhecer..." – associação (Unidade Didática 4)

Faça uma revisão do seu dia a dia e liste os diferentes tipos de lixo que você produz diariamente. O que você faz com esse lixo? Onde você o deposita? E o de sua casa? Você sabe para onde ele vai? Imagine como você poderia diminuir a produção desse lixo, propondo uma solução. Preencha o quadro a seguir com essas informações de acordo com o exemplo e reflita em como você pode aplicar essas ações em seu cotidiano:

Ação que gera lixo	Lixo produzido	Onde eu deposito	Solução para o destino do lixo
<i>Tomar picolé.</i>	<i>Embalagem e palito.</i>	<i>Na lixeira de casa.</i>	<i>Separar o lixo para reciclagem.</i>

Figura 19: Seção "Refletindo para conhecer..." – completar (Unidade Didática 1)

4.3.1 Seção “Aprofundando para conhecer...”

Com o objetivo de que os alunos conseguissem diferenciar uma notícia de uma reportagem, optei por trabalhar com mais uma seção somente na Unidade 3 – “Abrindo o jornal: em dia com o que acontece”.

Comecei a seção diferenciando reportagem de notícia e, para exemplificar, apresentei uma reportagem que cujo tema dialogava com o texto principal da unidade, que falava sobre as redes sociais e sua utilização.

APROFUNDANDO PARA CONHECER...

Reportagem é notícia?

Enquanto a notícia nos diz, no mesmo dia ou no dia seguinte, se o acontecimento entrou para a história, a reportagem nos mostra como é que isso se deu. Tomada como método de registro, a notícia se esgota no anúncio; a reportagem, porém, só se esgota no desdobramento, na pormenorização no relato dos fatos.

O salto da notícia para a reportagem se dá no momento em que é preciso ir além da notificação e passa para o detalhamento, para o questionamento de causa e efeito, visando a interpretação e o impacto da notícia, que adquire uma nova dimensão narrativa e ética.

A reportagem, por apresentar uma visão mais aprofundada do fato, deve apresentar a soma das diferentes versões de um mesmo acontecimento.

Figura 20: Seção "Aprofundando para conhecer..." (Unidade Didática 3)

Cultura digital, Internet, Link no Papel
24 de outubro de 2010 17h00

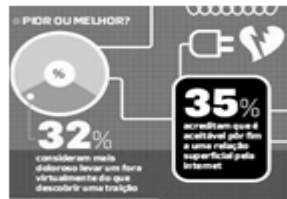
Estudantes revelam que o fundo do poço é terminar mudando o status no Facebook, mas admitem fora digital em caso de relacionamento superficial ou traição

Desconectado

Por Redação Link
Juliana Cunha, especial para o Estado

A bancária paraibana Ana Paula Santos, 32 anos, estava curtindo seu combo chocolate e literatura B algumas horas depois de levar um fora do namorado quando foi avisada via Facebook que o fulano já estava oficialmente solteiro. Como se não bastasse, dois amigos do casal já haviam "curtido" a solteirice dele.

A solução de Ana Paula foi bloquear o trio que, segundo ela, foi no mínimo inadequado. "Sinto que ele deveria esperar algumas semanas para anunciar aos quatro ventos que não estávamos mais juntos. E os amigos simplesmente não tinham o direito de demonstrar alegria com o término, acho desrespeitoso comigo."



No livro *The Breakup 2.0 – Disconnecting over New Media* (Desenlace 2.0 – Desconectando-se através das Novas Mídias, sem previsão de lançamento em português), a professora Ilana Gershon tentou entender como acontecem os termos de relacionamento nas mídias

digitais e por que a troca de status nas redes sociais dói tanto.

Figura 21: Seção "Aprofundando para conhecer..." – texto (Unidade Didática 3)

A reportagem, além de trazer um tema que desperta o interesse dos educandos, foi escolhida, também, por conter vários infográficos, com os quais poderia trabalhar as informações complementares ao texto, além de, por causa dos desenhos e cores, tornar o texto mais atraente:

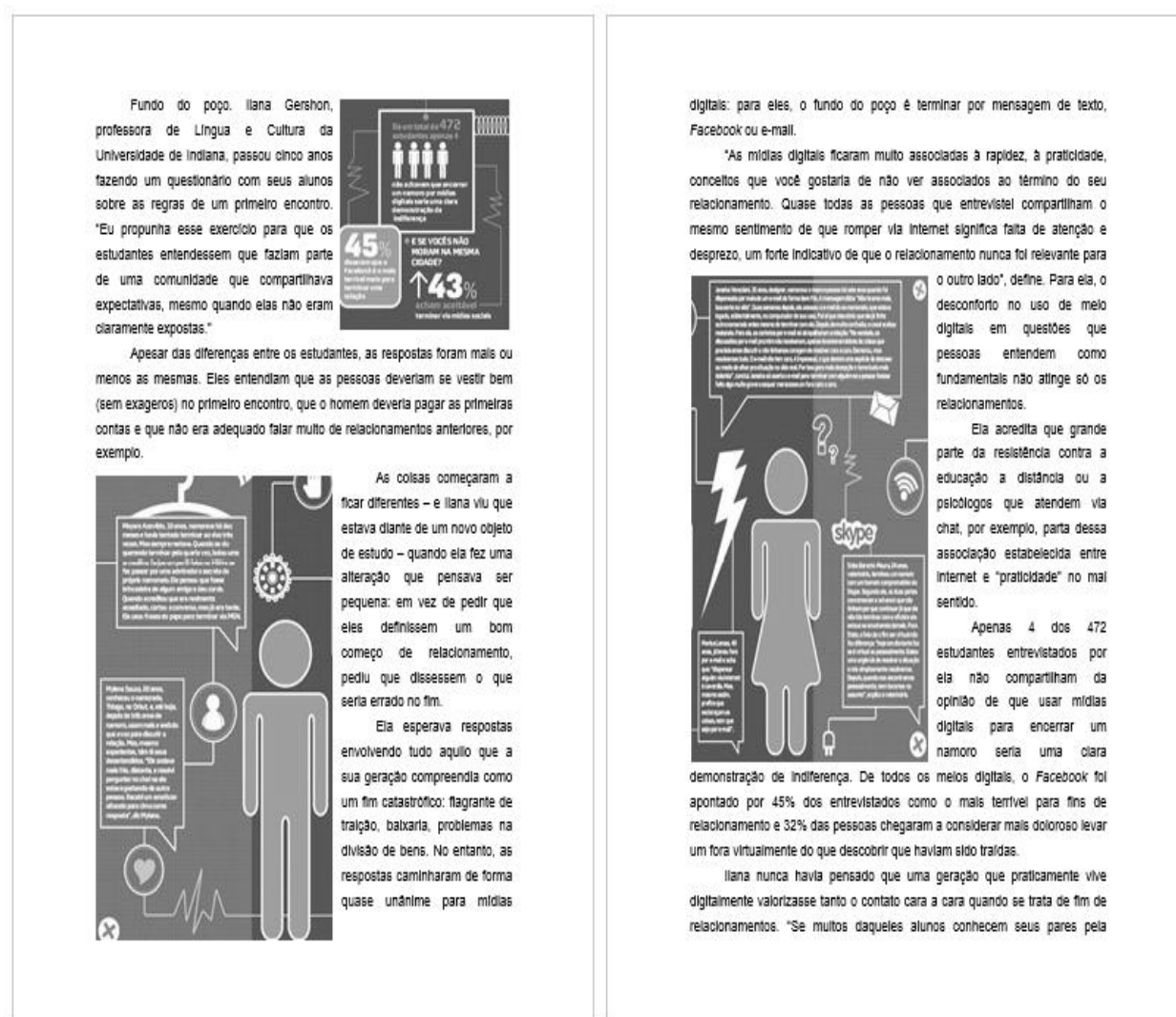


Figura 22: Seção "Aprofundando para conhecer..." – infográficos (Unidade Didática 3)

Para que pudesse dirigir a leitura, inseri um exercício de interpretação com atividades variadas, cujo objetivo era aprofundar a primeira leitura e desenvolver a habilidade de leitura atenciosa do texto verbal, associando-o ao texto não verbal:

Agora vamos explorar o texto...

1. O título da reportagem é “Desconectado”.

a) Explique o duplo sentido desse título.

b) A que trechos do texto podemos associar o título? Marque as opções que você achar que você achar que cumprem essa missão.

() “A bancária paraibana Ana Paula Santos, 32 anos, estava curtindo seu combo chocolate e literatura B algumas horas depois de levar um fora do namorado” – 1º§

() “...como acontecem os términos de relacionamento nas mídias digitais e por que a troca de status nas redes sociais dói tanto.” – 3º§

() “As mídias digitais ficaram muito associadas à rapidez, à praticidade, conceitos que você gostaria de não ver associados ao término do seu relacionamento.” – 8º§

() “A curiosidade virou uma pesquisa de quatro anos que tomou corpo no livro publicado pela editora da Universidade de Cornell” – 12º§

Figura 23: Seção “Aprofundando para conhecer...” - interpretação (Unidade Didática 3)

3. Compare as informações que constam na reportagem com as dos gráficos que a ilustram e marque a que melhor completa a informação abaixo:

Tanto o texto principal quanto os gráficos que o acompanham têm implícito o conceito fundamental de que

a) por meio das novas mídias digitais é possível fazer todas as coisas, inclusive terminar um namoro.

b) o término de um relacionamento é uma questão que mexe com a sensibilidade.

c) as novas tecnologias não substituem o contato humano.

Figura 24: Seção “Aprofundando para conhecer...” - comparação (Unidade Didática 3)

4.4 Seção “Refletindo além do texto...”

Se na seção anterior a intenção era promover uma interpretação detalhada do texto, nesta, tenciono levar o aluno para além do que está escrito no texto. Ou seja, minha finalidade, neste momento, é fazer com que o aluno realize uma reflexão mais minuciosa das relações existentes no texto e seu conhecimento de mundo, buscando estabelecer relações entre o que leu e sua realidade.

Sendo assim, posso dizer que o objetivo da seção é explorar e mostrar diferentes tipos de texto ou diferentes gêneros que abranjam o mesmo tema, para discuti-lo através de um olhar transversal, levando os alunos a uma compreensão que ultrapasse o sentido do texto.

Dessa forma, para responder às atividades propostas nesta seção, será preciso que se faça uma leitura mais atenciosa. Com isso, minha intenção é a de conduzir meus alunos a enxergar a gama de possibilidades de significado e interpretação que uma leitura mais atenta traz para o texto, levando-os a reflexão sobre sua capacidade de interpretação.

Na Unidade 1, por exemplo, a seção buscou incentivar o aluno a atrelar a temática da crônica lida ao seu cotidiano, lembrando que apesar de o autor ter escrito seu texto no ano de 2001, este continuava a ser atual.

Refletindo além do texto...

Apesar de ter sido escrita em 2001, por que poderíamos afirmar que a crônica *Hábito nacional* trata de assuntos do cotidiano? Exemplifique.

Resposta sugerida: Espera-se que o aluno perceba a atualidade do tema tratado por Veríssimo e a ele atribua exemplos que vemos todos os dias em jornais e televisão, como os escândalos do mensalão, da Petrobras, do deputado que tenta sair do país com dólar dentro da cueca, dentre outros.

Figura 25: Seção "Refletindo além do texto..." (Unidade Didática 1)

Na Unidade didática 2, o aprofundamento na leitura se deu aproveitando uma reflexão feita no texto principal da unidade, pelo entrevistado, o humorista Fábio Porchat, que fala sobre o poder de influência da mídia, e, também, sobre a falta de opção dos telespectadores que não possuem uma assinatura de TV a cabo no Brasil.

Assim, utilizando três textos diferentes que falavam sobre o tema sob perspectivas diferenciadas, busquei instigar o aluno a se posicionar quanto ao assunto:

Refletindo além do texto...

Os próximos três textos apresentam o mesmo tema, mas sob perspectivas diferentes. Leia-os.

Texto 1

Tire suas dúvidas sobre a Lei da TV Paga

- Para quê foi criada a Lei 12.485?

A Lei 12.485 foi discutida por 5 anos no Congresso Nacional e propõe remover barreiras à competição, valorizar a cultura brasileira e incentivar uma nova dinâmica para produção e circulação de conteúdos audiovisuais produzidos no Brasil, de modo que mais brasileiros tenham acesso a esses conteúdos.

Abrindo o mercado a novos competidores, a lei amplia a oferta do serviço e estimula a diminuição do preço final ao assinante, além de estabelecer a obrigação de programação de conteúdos brasileiros nos canais de espaço qualificado, e de canais brasileiros dentro de cada pacote ofertado ao assinante.

A Lei 12.485 abre oportunidades de crescimento para diferentes segmentos do mercado: para as produtoras, porque haverá demanda por 1.070 horas anuais de conteúdos nacionais e independentes inéditos; para as programadoras brasileiras, já que a lei induz o aumento da demanda por novos canais brasileiros de espaço qualificado; e para a programadoras estrangeiras, que terão uma proximidade maior do público brasileiro.

O efeito mais evidente para o consumidor será a maior oferta de conteúdo nacional. Outro efeito importante para o assinante é que as novas regras deverão promover a redução do preço dos pacotes de serviços de TV paga e também do acesso à Internet de banda larga de alta velocidade, já que as empresas de telecomunicações serão estimuladas a investir na modernização das redes de infraestrutura e expandir sua atuação para novos municípios.

Fonte: < <http://www.ancine.gov.br/faq-lei-da-tv-paga> >. Data de acesso: 06/05/15.

Texto 2

TELES NA TV PAGA

Empresas de telefonia já têm 18% dos assinantes

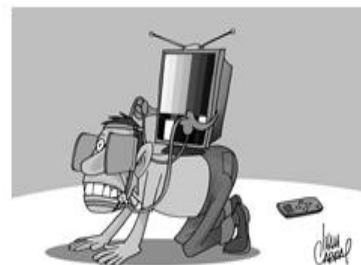
Operadoras de TV paga	Assinantes em set.10 Em milhões	Participação no mercado Em %
Nat*	5,00	14,8
Sky	2,33	25,7
Embratel	0,89	9,8
Telefônica	0,67	5,1
OiTV	0,28	3,1
Grupo Abril**	0,17	1,8
Outros	0,87	9,6
Total	9,07	100

*Dados do I Semestre Anualizado da Nat

**Dados do I Semestre Anualizado da Abril

Fonte: < <http://multimidia.blogspot.com.br/> >. Data de acesso: 06/05/15.

Texto 3



Fonte: < <https://blogtvudo.wordpress.com/category/redacao-tv/page/2/> >. Data de acesso: 06/05/15.

Após ler os textos acima, reflita e responda: será que o acesso à TV paga no Brasil pode contribuir para o aumento da cultura do povo brasileiro?

Figura 26: Seção "Refletindo além do texto..." (Unidade Didática 2)

Na Unidade 3, como o tema discutido foi a utilização das redes sociais pelos jovens e a ética quanto a essa utilização, resolvi aprofundar o tema através da exposição de um artigo de lei e parte de uma reportagem que discute tal artigo:

Refletindo além do texto...

Texto 1

Aquele que, por ato ilícito (arts. 186 e 187), causar dano a outrem, fica obrigado a repará-lo

Parágrafo único. Haverá obrigação de reparar o dano, independentemente de culpa, nos casos especificados em lei, ou quando a atividade normalmente desenvolvida pelo autor do dano implicar, por sua natureza, risco para os direitos de outrem.

(Disponível em <http://jus.com.br/artigos/32619/cyberbullying-e-responsabilidade-civil-do-provedor-de-internet-na-lei-do-marco-civil#bzz3YIYKTNAJ>. Data de acesso: 29/04/15.)

Texto 2

O artigo 20 da Lei nº 7.716/89 é um tipo penal aberto, pois estabelece a oportunidade de o operador do direito analisar determinadas condutas que não foram expressas pelos artigos anteriores. Christiano Jorge Santos (2010, p. 121) reforça tal entendimento: "Atualmente, a grande maioria das condutas de preconceito e discriminação da lei em estudo acabam enquadradas nesse artigo, revelando bem ter agido o legislador ao aperfeiçoar o tipo penal."

Portanto, a prática desse delito é caracterizada por qualquer ato que sinalize preconceito ou discriminação penalmente punível, ou seja, por meio de gestos, sinais, expressões, palavras faladas ou escritas ou atos físicos, e não apenas contra um indivíduo, e sim ao grupo ao qual ele pertence.

(Disponível em <http://jus.com.br/artigos/29420/preconceito-racial-contr-o-negro-a-luz-da-lei-n-7-716-89-crimes-resultantes-de-preconceito-de-raca-e-cor/2#ixzz3YIb2EFFb>. Data de acesso: 29/04/15.)

Após ler os textos acima, releia a notícia "Jovem é vítima de injúria racial no Facebook em Curitiba" e opine: será que essa jovem está exagerando em seus sentimentos em relação aos fatos que aconteceram com ela, ou ela está com razão?

Figura 27: Seção "Refletindo além do texto..." (Unidade Didática 3)

Já na Unidade 4, também desenvolvi a seção através do tema (corrupção) ao pedir que os alunos fizessem a análise da letra da música "Fátima", da banda Capital Inicial, e comparassem sua temática a dois gráficos: o primeiro, que compara a corrupção em vários países do mundo, e o segundo, que é o

demonstrativo de uma pesquisa popular sobre a credibilidade nos políticos e na política:

Refletindo além do texto...

Texto 1

Fátima
Fátima Lemos e Renato Ruyana

Vocês esperam uma Intervenção divina
Mas não sabem que o tempo agora está contra vocês
Vocês se perdem no meio de tanto medo
De não conseguir dinheiro pra comprar sem se vender

E vocês amam seus esquemas ilusórios
Continuam só fingindo que o mundo ninguém fez
Mas acontece que tudo tem começo
E se começa um dia acaba, eu tenho pena de vocês

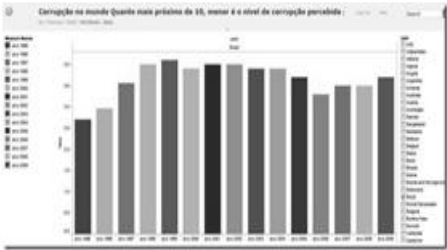
E as ameaças de ataque nuclear
Bombas de nêutrons não foi Deus quem fez
Alguém, alguém um dia vai se vingar
Vocês são vermes, pensam que são reis

Não quero ser como vocês
Eu não preciso mais
Eu já sei o que eu tenho que saber
E agora tanto faz...

E de repente o vinho virou água
E a ferida não cicatrizou
E o limpo se sujou e no terceiro dia
Ninguém ressuscitou...

(Fonte: CAPITAL INICIAL. Álbum de estúdio de Capital Inicial. São Paulo: PolyGram, 1986. Disponível em <http://letras.mus.br/capital/inicial/44843/>. Data de acesso: 18/05/15.)

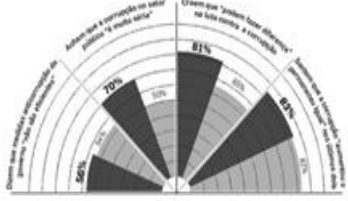
Texto 2



Fonte: <<https://casadel.wordpress.com/2010/10/28/brasil-patino-h-mais-de-uma-década-no-desafio-de-reduzir-a-corupção/>>. Data de acesso: 18/05/15

Texto 3

Outros questionamentos de pesquisa



NO BRASIL: 2.002 entrevistados

NO MUNDO: 114 mil entrevistados

Fonte: <<http://www.fic.org.br/partidos-sao-corruptos-ou-muito-corruptos-para-61-dos-brasileiros/>>. Data de acesso: 13/05/15.

Após ler os textos acima, reflita e responda: será que o problema da corrupção no Brasil tem solução ou é algo com o qual o povo já se acostumou e desistiu de lutar? Qual a responsabilidade do brasileiro no que se refere ao assunto?

Figura 28: Seção "Refletindo além do texto..." (Unidade Didática 4)

4.5 Seção “Praticando para conhecer...”

O objetivo desta seção é desenvolver as competências e habilidades para a produção do gênero textual estudado. Como nosso objetivo final era a

produção do jornal mural, esta é a seção à qual mais me dediquei, uma vez que desenvolver as habilidades dos alunos para que eles fossem capazes de produzir de maneira autônoma o gênero jornalístico que seria utilizado posteriormente, seria de suma importância. Aliás, cabe ressaltar que todas as outras seções preparavam o caminho para esta.

Em todas as unidades trabalhamos a produção textual de acordo com o gênero estudado, e acredito que o mais importante a destacar aqui é a importância do compartilhamento de textos entre os próprios alunos, que desenvolve neles um olhar mais crítico, e o exercício de refacção textual, que é fundamental para o sucesso do processo, como pode ser visto no exemplo abaixo:

Escreva uma crônica inspirada no texto acima. Ao escrever sua crônica, siga estas instruções:

1. Participe de um debate com seus colegas, levantando opiniões e argumentos sobre o tema.
2. Pense no leitor: sua crônica será lida por quem? Seu texto está claro e objetivo? Suas ideias estão definidas de maneira clara?
3. Pense em seus objetivos: você quer entreter o leitor, sensibilizá-lo, ou fazer com que ele reflita sobre o assunto proposto?
4. Escrever é um processo que envolve planejamento. Antes de escrever o texto propriamente dito, planeje o que vai escrever. Que tal criar um roteiro sobre as ideias que não podem estar ausentes do seu texto?
5. Faça um rascunho e, antes de passar a limpo, realize uma revisão cuidadosa do que escreveu.
6. Troque de texto com um colega e discutam os textos. Reescreva seu texto com base na revisão feita por você e seu colega.

Figura 29: Seção "Praticando para conhecer..." (Unidade Didática 1)

Gostaria aqui de ressaltar, em relação à Unidade 1, que trabalhou a crônica, que o texto principal trabalhado com os alunos foi uma crônica narrativa. Sendo assim, na seção "Praticando para conhecer..." desta unidade, achei por bem inserir uma crônica argumentativa, para que na hora da

produção os alunos pudessem optar pelo estilo com o qual mais tivessem se identificado:

PRATICANDO PARA CONHECER...

Você pode perceber, através da crônica de Veríssimo, o lado cômico da leitura de crônicas, e reconhecer a crônica como um gênero literário, prazeroso e ao mesmo tempo divertido, mas que não deixa de instigar a reflexão. Mas, como vimos anteriormente, a crônica pode assumir outros caracteres, como argumentativo, reflexivo, filosófico etc.

Leta o texto abaixo:

São Paulo, 25 de janeiro de 2016

E pensar que em 2013 todo mundo foi à rua por causa das passagens de ônibus. Ah, o aumento! Ah, o trânsito! Ah, balas de borracha! Ah, gás lacrimogêneo! Hoje, em 25 de janeiro de 2016, aniversário de 462 anos de São Paulo, isso tudo soa tão ingênuo como uma pornochanchada diante do Pornhub.com.

As pessoas estão se virando como podem: armazenam água da chuva, bombelam a água que brota no furo do elevador, fazem gato na rede e em galerias pluviais. Caminhões-pipa andam com escolta armada, e toda madrugada alguém é preso com uma britadeira perfurando algum ponto da cidade.

Vocês leram aquela entrevista que saiu com o antropólogo americano no final de 2015? Ele dizia que o homem pode atravessar longos períodos de escassez de energia elétrica ou mesmo de alimentos mais tranquilamente do que enfrenta alguns dias com as torneiras secas. A falta de água pega em algum nervo exposto do inconsciente coletivo, reativa alguma paura herdada dos nômades do deserto, sei lá. Isso explica os quebra-quebras, os incêndios, os arrastões.

E triste ver a Pompéia, Pinheiros, Perdizes e tantos outros bairros tomados pelo Exército, mas fazer o quê? Quarteirões e quarteirões abandonados pelos moradores, os ladrões parando o caminhão na frente dos prédios e levando TV, geladeira, fogão, computador, terno, sofá.

E irônico que a água tenha acabado justo na cidade mais rica do país mais rico em água de todo o mundo. E como faltar areia no Saara. Não, em Dubai.

E irônico que a água tenha acabado numa cidade cortada por dois rios (sem contar todos os outros rios que canalizamos para fazer –o quê? Advinha? – avenidas). O paulistano é como um eunuco num harém. Não, a comparação não presta: no harém as mulheres são saudáveis, o eunuco é que não. O paulistano é como um príncipe num leprosário.

E muita gentileza da oposição dar todo o mérito da seca aos tucanos. Eles têm um papel importante, sim, mas a falta de água é um projeto coletivo, multipartidário, interestadual, ancestral. E a burrice acumulada de várias gerações: o desmatamento, a impermeabilização do solo, o desperdício, o estímulo ao transporte individual, de Washington Luís a Dilma Rousseff, passando por JK, Paulo Maluf, FHC, Lula e os militares. E ainda tem gente que vê descontinuidade em nossas políticas públicas?!

Para o bem do povo e felicidade geral da nação, o governo assegura que a seca não afetará a economia. O país seguirá exportando carne e soja e derrubando florestas e matas ciliares e comprando carros e levando o progresso e a impermeabilização a áreas de proteção ambiental.

São Paulo, em seus 462 anos, completados neste 25 de janeiro de 2016, parabéns! Teus meses de seca são um prenúncio do futuro e um exemplo para a nação! Continuemos sendo a locomotiva do Brasil: seguindo em frente, sem olhar pros lados, soltando fumaça e arrastando todo mundo atrás.

FONTE: PRATA, Antônio. In: Folha de S. Paulo. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/antonio/prata/2015/01/1530037-sao-paulo-25-de-janeiro-de-2016.shtml>. Data de acesso: 30/03/15.

Quem é o autor?

Antônio Prata, filho dos escritores Mario Prata e Marta Goes, é escritor, roteirista da Rede Globo e colunista da Folha de S. Paulo (coluna Cotidiano). Escreveu crônicas para a revista



Foto: revista Língua e cultura/Arns. Foto de arquivo: RDP/CLB.

Figura 30: Seção "Praticando para conhecer..." – crônica argumentativa (Unidade Didática 1)

A Unidade 2, cujo tema é entrevista, traz nesta seção um texto motivador que dá dicas para se fazer uma entrevista. O texto se chama “Guia para jornalistas que querem dominar a arte da entrevista (Fonte: <<https://knightcenter.utexas.edu/pt-br/blog/00-14023-guia-para-jornalistas-que-querem-dominar-arte-da-entrevista>>. Data de acesso: 06/05/15), e foi adaptado para atender aos interesses desta seção. É um texto leve, bem humorado e de leitura fácil, que traz no início uma charge que também brinca com o tema:

PRATICANDO PARA CONHECER...

PRODUÇÃO TEXTUAL: Chegou a sua vez...

No Blog "Jornalismo nas Américas" foi veiculado um "guia" para jornalistas que querem aprimorar a arte da entrevista. Confira:

Guia para jornalistas que querem aprimorar a arte da entrevista

Por Natalia Mazotte



Na rotina jornalística, a entrevista está entre as atividades mais essenciais. Ela é a alma do jornalismo: pode impulsionar ou detonar uma matéria, dar vida a narrativas e conduzir à compreensão de acontecimentos complexos. [...]

Apesar de não ser uma ciência exata, dominar algumas técnicas pode facilitar o caminho do jornalista que quer se tornar um entrevistador daqueles que arrancam boas respostas até das fontes mais evasivas. Conheça algumas delas neste guia preparado pelo Centro Knight com dicas de profissionais experientes no assunto.

1. Defina seus objetivos

Antes de mais nada é preciso saber o que se quer da entrevista: aspas, confirmação, contexto, reconstituir uma cena? Este é o primeiro passo para traçar a estratégia a ser adotada.

Figura 31: Seção "Praticando para conhecer..." (Unidade Didática 2)

Na Unidade 3, a proposta foi um pouco diferente: os alunos deveriam produzir o texto em dupla. Coloquei na seção três textos motivadores que falavam sobre o poder e o risco das redes sociais. Os alunos deveriam lê-lo e, a partir deles, criar uma notícia com a mesma temática:

PRATICANDO PARA CONHECER...

Sente-se com um colega e leiam os textos a seguir. Dois deles foram publicados no Brasil, e o outro em Portugal, mas os três falam sobre o mesmo tema que vimos ao longo desta Unidade: a utilização das redes sociais.

Figura 32: Seção "Praticando para conhecer..." (Unidade Didática 3)

PRODUÇÃO TEXTUAL: Chegou a sua vez...

Considerem-se jornalistas a quem foi solicitado que escrevessem, para um grande jornal, uma notícia (ou uma reportagem) sobre a chegada no mercado de um computador com inteligência artificial, capaz de interagir com o seu dono, sabendo suas preferências, que reconhecesse seu timbre de voz etc. Para escrever seu texto, siga as orientações abaixo:

1. Imaginem como seria esse computador, nos moldes do Jarvis (do filme *Homem de Ferro*), ou uma versão melhorada da Siri (*software* de controle de voz do iPhone);
2. Escolham uma das empresas que produzem e comercializam produtos eletrônicos de consumo para ser o fabricante do super computador; na mesma reportagem;
3. Atribuem-lhe um título sugestivo e capriche no subtítulo.
4. Pensem no leitor: a notícia será lida por quem? O texto está claro e objetivo? Suas ideias estão definidas de maneira clara?
5. Escrever é um processo que envolve planejamento. Antes de escrever o texto propriamente dito, planejem o que vão escrever. Que tal criar um roteiro sobre as ideias que não podem estar ausentes do texto?
6. Façam um rascunho e, antes de passar a limpo, realizem uma revisão cuidadosa do que escreveu.
7. Troquem de texto com outras duplas e discutam os textos. Reescrevam seu texto com base na revisão feita por sua dupla e pela dupla que o leu.
8. Avaliem sua notícia! Observem se texto de vocês apresenta uma visão pessoal do assunto escolhido, se o texto ficou leve e atraente, se ele sensibiliza e/ou promove uma reflexão do leitor sobre o assunto, e se a linguagem empregada está adequada ao gênero e ao contexto.

Figura 33: Seção "Praticando para conhecer..." – proposta de produção de texto em dupla (Unidade Didática 3)

Na Unidade 4, como o gênero jornalístico trabalhado foi a charge e, de fato, nem todos os alunos têm o dom de fazer desenhos, não pedi a produção desse gênero, mas coloquei um texto no qual Maurício de Souza conta como foi difícil o início de sua carreira, e peço que produzam um texto dissertativo argumentativo no qual deveriam defender a ideia que achassem mais importante: perseguir o sonho e tentar a carreira profissional para a qual se sente vocacionado, ou deixar a vocação de lado e pensar somente no retorno financeiro.

Como nas outras unidades, foram incentivadas as etapas de revisão e reescrita:

PRATICANDO PARA CONHECER...

PRODUÇÃO TEXTUAL: Chegou a sua vez...

No início dessa Unidade, vimos uma tirinha que falava sobre a profissão de cartunista. Quando escolhemos uma profissão, muitos fatores são considerados, como as vantagens e desvantagens, o mercado de trabalho, os conselhos de pais, professores e amigos, e a vocação. Suponhamos que, em meio a essas preocupações e escolhas, você tenha lido o texto abaixo, de Maurício de Sousa, que fala sobre as dificuldades que enfrentou no início de sua carreira profissional.

Escreva um texto dissertativo-argumentativo no qual você defenda a ideia que achar mais importante: seguir a vocação profissional ou pensar no mercado de trabalho. Defenda sua posição com argumentos bem fundamentados, claros e coerentes. Seu texto deve ter no mínimo 15 e no máximo 30 linhas.

1. Participe de um debate com seus colegas, levantando opiniões e argumentos sobre o tema.
2. Pense no leitor: seu texto será lido por quem? Ele está claro e objetivo? Suas ideias estão definidas de maneira coerente?
3. Pense em seus objetivos: você quer entreter o leitor, sensibilizá-lo, ou fazer com que ele reflita sobre o assunto proposto?

4. Escrever é um processo que envolve planejamento. Antes de escrever o texto propriamente dito, planeje o que vai escrever. Que tal criar um roteiro sobre as ideias que não podem estar ausentes do seu texto?
5. Faça um rascunho e, antes de passar a limpo, realize uma revisão cuidadosa do que escreveu.
6. Troque de texto com um colega e discutam os textos. Reescreva seu texto com base na revisão feita por você e seu colega.
7. Avalie sua texto! Observe se seu texto apresenta uma visão pessoal do assunto escolhido, se o texto ficou leve e atraente, se ele sensibiliza e/ou promove uma reflexão do leitor sobre o assunto, e se a linguagem empregada está adequada ao gênero e ao contexto.

Figura 34: Seção "Praticando para conhecer..." (Unidade Didática 4)

4.6 Seção “#bombounanet”

Nesta seção, a ideia é a de apresentar dicas de leitura, filmes, sites, vídeos e links que podem ser acessados pela internet, e que serviriam para exemplificar o gênero ou aprofundar o tema.

Assim, na Unidade 1, há a indicação do link para que o aluno ouça o áudio da crônica que foi trabalhada na seção “Conhecendo o gênero...”, “Hábito nacional”, de Luis Fernando Verissimo, em um canal do Youtube, assim como o link para que assistam o clipe da música colocada na seção “Conhecimento gera conhecimento...”, “Luís Inácio (300 picaretas), da banda brasiliense Paralamas do Sucesso.

Como a unidade teve como temática a corrupção política, também foi dada a dica para que os alunos interessados assistissem o filme “O candidato honesto”, lançado em 2014, que dialoga com a crônica de Verissimo.

#bombounanet

Quer saber mais?

- Ouça a crônica lida nesta Unidade, “Hábito nacional”, de Verissimo, transformada em áudio, através do link <https://www.youtube.com/watch?v=EE2hc6IxX7E>
- O vídeo da banda Paralamas do Sucesso está disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=LXk6B5O-0-A>
- Uma dica de filme que dialoga com a crônica de Verissimo, *Hábito nacional*, é “O candidato honesto” (SANTUCCI, Roberto. *O candidato honesto*. Brasil: Downtown Filmes, 2014. 1h50min), que conta a história de João Ernesto Praxedes (Leandro Hassum), um político corrupto, candidato à presidência da República. Ele está no segundo turno das eleições, à frente nas pesquisas, quando recebe uma mandinga da avó, fazendo com que ele não possa mais mentir. Agora começa o problema: como vencer uma eleição falando apenas a verdade? Confira!



Figura 35: Seção "#bombounanet" (Unidade Didática 1)

Na Unidade 2, a seção “Conhecimento gera conhecimento...” trouxe uma tirinha que brincava com o tema entrevista. Assim, na seção de dicas, coloquei o link no site de humor “O esquema”, que apresenta uma seção com várias entrevistas em quadrinhos.

Ainda na seção “Conhecimento gera conhecimento...”, os alunos leram um texto de Verissimo – “Aí, Galera” –, que foi dramatizado e colocado no blog oficial do autor. O link também foi disponibilizado nesta seção.

E por último, incluí a indicação de um episódio do humorístico Porta dos Fundos, uma vez que o texto principal da unidade trouxe uma entrevista com o

roteirista e ator do programa, Fábio Porchat, no qual o elenco brinca com a postura dos apresentadores de *talk shows*. Como o Porta dos Fundos é um humorístico cujo público é adulto, tomei o cuidado de assistir primeiro o episódio, para ver se poderia ser indicado à faixa etária dos alunos.

#bombounanet

Quer saber mais?

- A primeira tirinha desta Unidade encontra-se no site de humor *O esquema*. O site (<http://www.oesquema.com.br/mauhumor/tag/entrevista-s-em-quadrinhos/>) apresenta uma seção com várias entrevistas em quadrinhos que valem a pena conferir.
- Assista a dramatização da crônica de Veríssimo, *Aí, galera*, que você leu na introdução desta Unidade, no site <http://luizfverissimo.blogspot.com.br/2008/09/galera.html> 
- O humorístico mais famoso da Internet, o Porta dos Fundos, também mencionado nesta unidade, fez um esquete (jan. 2015), estrelado por Gregório Duvivier e Rafael Infante, no qual brinca com a imagem dos entrevistadores de *talk shows*. Confira em <https://www.youtube.com/watch?v=T2FRa sQK0R0>. 

Figura 36: Seção "#bombounanet" (Unidade Didática 2)

Na unidade cujo gênero estudado foi a notícia, Unidade 3, as indicações da seção foram a de um filme que fala sobre o universo dos jornalistas – e da notícia, é claro! – “*O preço da coragem*” –; um vídeo, disponibilizado pelo canal Youtube, e produzido pela Universidade Federal de Goiás (UFG), que fala sobre o curso de jornalismo e como ele funciona; e um site que apresenta todos os episódios de um dos programas jornalísticos semanais da rede Globo, o “Profissão Repórter”, no qual o jornalista Caco Barcellos e uma equipe de jovens repórteres vão às ruas, juntos, para mostrar diferentes ângulos do mesmo fato, da mesma notícia.

Quer saber mais?

- Uma dica de filme que fala sobre o universo dos jornalistas – e da notícia, é claro! – é *O preço da coragem* (*A Mighty Heart*), baseado na obra de Raul Drewnick, em que o repórter do *Wall Street Journal*, Daniel Pearl, foi para o Paquistão com a missão de entrevistar um fundamentalista paquistanês. A mulher grávida, Mariane Pearl, também jornalista, embarca numa busca para encontrar o seu marido. A história serve para lembrar os riscos e os sacrifícios que os corajosos jornalistas enfrentam para fazer as notícias. Angelina Jolie interpreta o papel de esposa (WINTERBOTTOM, Michael. EUA/ Reino Unido: Paramount Pictures, 2007. 1h40min). Confira! 
Fonte: <http://vitrine.madibaelfilme.blogspot.com.br/>.
Data de acesso: 01/05/15.
- A Universidade Federal de Goiás (UFG) tem um vídeo no YouTube que fala sobre o curso de jornalismo e como ele funciona. Assista em <https://www.youtube.com/watch?v=WtUFzEQP4F8>.
- O *Profissão Repórter* é um programa jornalístico semanal brasileiro, produzido e exibido pela Rede Globo. Nele, Caco Barcellos e uma equipe de jovens repórteres vão às ruas, juntos, para mostrar diferentes ângulos do mesmo fato, da mesma notícia. Cada repórter tem sempre uma missão a cumprir, o que envolve tarefas tanto na realização da reportagem ao vivo quanto na finalização da mesma. Assista a episódios completos em <http://globotv.globo.com/rede-globo/profissao-reporter/integras/>. 
Fonte: <http://logos.wikia.com/wiki/Profissao-Repoter>. Data de acesso: 01/05/15.

Figura 37: Seção "#bombounanet" (Unidade Didática 3)

Na Unidade 4, sobre charges, a indicação para aprofundamento do gênero foi o site charges.com.br, um dos sites de humor mais assistidos e premiados do país, e que trabalha com a charge em uma nova modalidade: a charge animada. E para entretenimento, o link para acessar o clipe da banda Capital Inicial, que canta a música “Fátima”, trabalhada na seção “Refletindo além do texto...”.

#bombounanet

Quer saber mais?

- A *Charges.com.br* é um dos maiores e mais premiados sites de humor do Brasil. Todo dia você encontra uma animação inédita de Maurício Ricardo e muito mais. Quer conferir? Visite o site charges.uol.com.br.
- Assista ao vídeo da música Fátima, que a banda Capital Inicial executou ao vivo para o programa *Acústico MTV* no link <https://www.youtube.com/watch?v=ULufDCOxWgQ>.



Figura 38: Seção "#bombounanet" (Unidade Didática 4)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Nunca numa comunidade, os papéis de professor e alunos são intercambiáveis, pois todos estão aprendendo e, ao mesmo tempo, ajudando outros a aprender”. (Wells, H. G.)

Neste capítulo, retomarei alguns conceitos abordados na fundamentação teórica para conseguir fazer uma análise sobre o trabalho e relatarei todo o processo acontecido desde a gênese do trabalho até a sua conclusão. Em seguida, apresento algumas das minhas percepções em relação à condução deste trabalho, colocando minha visão sobre a experiência relatada.

Comecei, já no capítulo de introdução, a apontar a minha preocupação em conseguir praticar um ensino de língua portuguesa que tivesse como alvo principal o desenvolvimento de uma competência que permitisse ao aluno uma capacidade discursiva autônoma, que permitisse sua inserção social, quer como falante, quer como ouvinte, de maneira eficiente nas diferentes esferas de interação social, pois acredito que assim, tal aluno torna-se capaz não só de expressar-se como indivíduo, mas também como cidadão. Mais uma vez reafirmo que, a meu ver, o principal papel da linguagem é a capacitação à utilização eficiente da língua.

A leitura de algumas teses e dissertações voltadas para o ensino de língua portuguesa, bem como a leitura de teóricos como Faraco (2001, 2008), Possenti (1997) e Neves (2013), por exemplo, veio indicar a necessidade de promover o ensino-aprendizagem do aluno em todas as suas dimensões, trabalhando todas as suas habilidades e suas competências para enfrentar não só as tarefas escolares, mas também os desafios da sociedade na qual eles vivem. Além disso, esses autores também apontavam para uma reflexão sobre a noção de competência discursiva, que é a capacidade de saber utilizar-se da linguagem em situações diferentes de uso, com autonomia que lhes desse segurança para

efetuar as escolhas necessárias para entabular tais comunicações. Busquei explorar esse conceito de competência discursiva e associá-lo à noção de ambientes discursivos de Bronckart (1997, 1999, 2006), haja vista que o teórico postula a ideia de que numa comunidade com diversas instituições sociais, haverá sempre diversos ambientes discursivos em que os falantes interagem através da linguagem.

Assim, acreditando que a escola tem extrema importância, pois sendo reconhecida como lugar privilegiado de conhecimento, tem a responsabilidade de ser “um lugar autorizado, mas não autoritário” (SARLO, 2005, p. 104), deve ser também o local em que a promoção da reflexão e da leitura, do desenvolvimento do pensamento crítico e da produção de textos sejam incentivados para que haja real aquisição e desenvolvimento de competências, dentre elas, a competência discursiva. Surgia, então, o desafio de despertar, nos alunos, a necessidade de buscar tal experiência com uma atividade de linguagem que fugisse da prática das redações escolares que comumente fazem, e do ensino tradicional de gramática. Assim, veio à tona o estudo dos gêneros textuais e a compreensão de sua relevância no desenvolvimento de uma atividade de linguagem baseada na realidade de uso da língua, e que tivesse como foco a interação social através da escrita. Pude refletir, também sobre a importância do estudo dos gêneros textuais, pois uma vez que são eles os responsáveis pelas diversas interações sociais de linguagem, seriam um excelente meio de desenvolver a competência discursiva do educando, fazendo-o perceber as possibilidades de uso de acordo com sua necessidade.

Decidi, então, propor aos meus alunos a produção de um jornal de sala de aula - o Jornal *#hashtag*. Aproveitando uma necessidade político-pedagógica da escola, bem como a predisposição do alunado, decidi pela produção de um jornal em sala de aula que, a princípio, seria feito de forma tradicional, impresso e distribuído entre os alunos e no entorno da unidade escolar, mas que devido a demandas de tempo e financeira, foi transformado em um jornal mural para a feira de cidadania que serviria como projeto pedagógico semestral da escola, bem

como serviria de possibilidade concreta para que os alunos escrevessem textos legítimos em vários gêneros textuais.

Surgia aí um outro obstáculo: como trabalhar gêneros textuais diante das dificuldades pedagógicas enfrentadas naquele contexto como, o maior deles, a falta de livros didáticos? Assim, para sanar essa deficiência, pensei na produção de meu próprio material didático, tomando por base teóricos como Cosson (2014), que postula sequências diferenciadas para se trabalhar o texto literário em sala de aula – as sequências “básica e estendida” (p. 48) –, as quais adaptei para a criação das unidades didáticas produzidas para esta dissertação, os parâmetros avaliativos postulados por Matos e Carvalho (1984) e Reinildes Dias (2007) como balizadores de um material didático de qualidade, muitas vezes parando para me perguntar se o material produzido atendia aos níveis de qualidade defendidos por eles, bem como respeitar as etapas defendidas por Leffa (2008) para a criação de instrumentos de aprendizagem: análise, desenvolvimento, implementação e avaliação.

O material criado foi trabalhado em sala de aula com toda a turma, que foi dividida em grupos que ficavam responsáveis pelas seções distintas do jornal. Eram 40 alunos divididos em 8 grupos de 5 alunos cada. As aulas sobre gêneros textuais que trabalhavam as unidades didáticas criadas para esta dissertação aconteciam todas as quintas-feiras e, de quinze em quinze dias, sempre às sextas, fazíamos as nossas reuniões após as aulas para acompanhar o desenvolvimento do projeto.

Começamos o trabalho com adesão de 100% da turma, mas com o passar dos dias, muitos foram desanimando, talvez pelo horário das reuniões, que os obrigava a permanecer na escola por mais tempo, talvez por não ver o resultado imediato do trabalho realizado, neste caso leia-se nota, uma vez que nossos alunos ainda estão acostumados e condicionados à prática da redação escolar com nota imediata, e o que propúnhamos era um trabalho a longo prazo, cuja “nota” deveria ser um ganho secundário: o ganho principal era o aprendizado

através da nova experiência. Assim, chegamos ao final dos seis meses previstos no cronograma que se encontra no capítulo de metodologia (Capítulo 3) com apenas doze alunos participantes.

Depois de seis meses de efetivo trabalho e atividades para a produção do Jornal *#hashtag*, de ter dividido experiências de trabalho com alunos e colegas professores, pois todos acabaram sendo envolvidos – direta ou indiretamente – nesse processo, quer seja como produtores ou leitores de textos, de ter lido os textos produzidos pelos alunos, ao longo das atividades de linguagem propostas, chega a hora de aferir alguns resultados.

Os resultados desse projeto foram percebidos rapidamente em todas as esferas do ambiente escolar. Os alunos, que não gostavam e não estavam habituados a escrever, conforme próprio depoimento deles, e que raramente o faziam, e quando acontecia, era por imposição das aulas de Português e através da redação escolar, que era escrita para ser lida pelo professor, com a produção dos textos associados às seções de gêneros jornalísticos, e com a certeza de que seus textos seriam analisados, mas que haveria o processo de revisão e de reescrita, se sentiram mais seguros e capazes para a produção textual. Além do mais, agradava-os a ideia de escrever textos para “realmente serem lidos” por seus colegas de turno e fora dele, dentro e fora da escola, e assim, eles passaram a perceber a escrita como algo, de fato, funcional. Senti que essa atividade de linguagem proporcionou uma aproximação do aluno com o ato de escrever, e que a possibilidade de interagir com a escola e os seus colegas, através dos textos publicados num jornal, deu maior legitimidade à atividade de linguagem, o que acabou afetando positivamente a sua produção escrita.

Foi muito gratificante ler, por exemplo, o depoimento dos alunos ao final do processo, dos quais separei alguns que venho compartilhar neste trabalho, uma vez que tais falas fazem parte do processo que está sendo construído a partir deste projeto.

1. Ao serem perguntados sobre por que seria bom fazermos um jornal na escola, responderam:

“Para entretenimento, mas também para alertar os alunos.”

“Para entreter os alunos, informá-los sobre alguns assuntos e criar uma dinâmica entre os alunos e a escola.”

“Para entreter os alunos, despertar curiosidade e informá-los sobre alguns assuntos, e criar uma dinâmica entre os alunos com a professora e com a escola.”

“Porque por ser na escola, muitos vão pegar e acabar ganhando o hábito de ler, e mostrar coisas novas para as outras pessoas também, e para mudar um pouco a escola.”

2. Ao serem perguntados sobre o que esperavam aprender com a participação no projeto, responderam:

“Para mim, é uma novidade. Espero aprender de um jeito diferente.”

“Eu espero aprender a ter mais responsabilidade, a ser uma boa ‘jornalista’, a ter um vínculo melhor com os alunos, professores e funcionários da escola, e compreender melhor sobre alguns assuntos que antes eu não me importava muito.”

“Eu espero ter mais responsabilidade, levar as coisas mais a sério, despertando conhecimentos novos que podem me ajudar bastante no meu futuro.”

“Eu espero aprender coisas novas com outras pessoas, e a melhorar a escola por ter um projeto diferente”

Ao término da primeira etapa do projeto, ou seja, após a culminância e apresentação da primeira edição do Jornal #hashtag, ao serem perguntados sobre

como estavam se sentindo e quais os ganhos que haviam percebido por terem participado do projeto, a resposta de alguns dos participantes foi:

“Para mim é uma novidade, então minha integração no jornal me fez ver o mundo de outro jeito, de ver as opiniões das pessoas, em ver as pessoas se expressarem, me fez bem, fora a união que temos e a nota.”

“Eu fiz novos amigos e aprendi a me comunicar melhor com as pessoas, porque para fazer as entrevistas temos que estar preparados para nos comunicar com o (a) entrevistado (a).”

[Aprendi] “a escutar as opiniões das pessoas e isso às vezes edifica a mim mesmo, e saber que nem sempre as coisas são do jeito e da forma que eu quero.”

“Percebi que escrever pode ser legal.”

Foi importante também, perceber, que os próprios alunos sugeriram a inserção de outros gêneros no trabalho final. Por exemplo, ao elegerem a uma das crônicas que fariam parte da exposição em jornal, uma das alunas sugeriu que seria interessante um cartum para ilustrar a história.

Tenho consciência de que este é um trabalho em contínuo processo de mudança, e que eu mesma preciso fazer revisões periódicas devido a essa especificidade. De acordo, até mesmo, com o comentário feito pelos alunos-participante, posso repensar a metodologia adotada.

Com relação à escola como instituição, pude verificar que, durante três meses consecutivos, os meses em que a teoria se tornou prática real, a comunidade escolar viveu a experiência da produção de um jornal que mobilizou alunos, professores e funcionários, melhorando o relacionamento entre todos. Muitos alunos de outras salas vinham pedir para colocar alguma matéria ou alguma notícia no jornal. E não tardou para chegarem os pedidos: “Coloca uma

seção de desenhos”, ou “Por que não fazem um concurso de poesias?”. As sugestões vinham tanto de alunos de outras classes, quanto de colegas professores.

Como “herança” de todo o esforço, ficou acordado entre direção, coordenação pedagógica, alunos e professora que o Jornal *#hashtag* passa a ter periodicidade bimestral, sempre publicado no mural da escola, e cada um dos alunos participantes, que são do 9º ano do Ensino Fundamental, se comprometeram a convidar e acompanhar um aluno do 8º ano, no segundo semestre do ano, com a finalidade de ensiná-lo e treiná-lo para assumir o posto no próximo ano, uma vez que, ao serem promovidos ao Ensino Médio, serão transferidos da escola.

Espero que este trabalho possa contribuir para a reflexão sobre os estudos que tratam de metodologias de ensino-aprendizagem da produção escrita em língua portuguesa, oferecendo mais subsídios aos educadores para planejarem sua prática pedagógica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. **Análise de textos – fundamentos e práticas**. SP: Parábola Editorial, 2011.

_____. **Aula de português. Encontro e interação**. SP: Parábola Editorial, 2003.

_____. **Lutar com palavras – coesão e coerência**. SP: Parábola Editorial, 2005.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1990.

_____. Os gêneros do discurso in: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. O problema do texto in: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAZERMAN, C. **Gêneros Textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade - lembranças de velhos**. 3ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994. 484p.

BRASIL, (SEB/MEC) (2006) *Guia do Livro Didático 2007 – Apresentação*. DF: SEB/MEC. Disponível em <<http://www.fnde.gov.br>>. Acessado em 13 dez. 2014.

_____. Secretaria da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais, ética**. Secretaria de educação. Brasília: MEC, 1997. 146 p.

BRONCKART, J.P. **Atividade de linguagem, textos e discursos: Por um interacionismo sócio-discursivo**. Tradução de Anna Rachel Machado e Péricles da Cunha. São Paulo: EDUC, 1999.

_____. **Atividades de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. Org. e trad. De Anna Rachel Machado et al. Campinas - SP: Mercado de Letras, 2006. (Coleção Ideias sobre linguagem).

BUNZEN, Clécio. **O ensino de “gêneros” em três tradições: implicações para o ensino-aprendizagem de língua materna**. Disponível em <www.letramento.iel>.

unicamp.br/publicacoes/public_clecio/o_ensino_de_generos_html>. Acessado em 12 ago. 2015.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Os sentidos do texto**. SP: Contexto, 2013. (Coleção Linguagem & Ensino).

CORRÊA, M. C.; BONUMÁ, A. S. **Pressupostos vygotskyanos do interacionismo sociodiscursivo**. 2011. Disponível em <<http://seer.uniritter.edu.br/index.php/nonada/article/viewFile/371/230>>. Acessado em 16 ago. 2015.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2014.

DIAS, Renildes. **Ficha de Avaliação** – Livro didático de língua estrangeira. 2007. Disponível em <http://150.164.100.248/arado/Free%20material/Evaluation_check_list2007.pdf>. Acessado em 11 ago. 2015.

DOLZ, NOVERRAZ, E SCHNEUWLY (2004). In: MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. SP: Parábola Editorial, 2008.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira** – desatando alguns nós. SP: Parábola Editorial, 2008. (Coleção Língua[gem]).

_____. A questão da língua: revisitando Alencar, Machado de Assis e cercanias. In: **Línguas e instrumentos linguísticos**. Campinas: Pontes, 2001. P. 33 – 51.

FRANCHI, Carlos; [com] Negrão, Esmeralda Vailati; MÜLLER, Ana Lúcia. **Mas o que é mesmo “gramática”?**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

FRANCO, Claudio de Paiva. **O uso de um ambiente virtual de aprendizagem no ensino de inglês: além dos limites da sala de aula presencial**. Dissertação de Mestrado, Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2009.

FREIRE, Isa Maria. “Informação e educação: parceria para inclusão social”. **Inclusão Social**, Brasília, v. 2, n. 2, p. 142-145, abr./set. 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

GOMES DE MATOS, F.; CARVALHO, N. **Como avaliar um livro didático**. São Paulo: Pioneira, 1984.

GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a formação da cultura** – tradução de Carlos Nelson Coutinho. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

KOCH, I. V. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 2004.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender os sentidos do texto**. SP: Contexto, 2013.

_____. **Ler e escrever – estratégias de produção textual**. SP: Contexto 2013.

KOCH, I. V.; TRAVAGLIA, L. C. **Texto e coerência**. SP: Cortez, 2011.

LEFFA, V.J. (org.). **Produção de materiais de ensino: prática e prática**. 2ª ed. Pelotas: EDUCAT, 2008. (15-41).

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1994.

LIBERALI, Fernanda Coelho. “Agente e pesquisador aprendendo na ação colaborativa”. In: T Gimenez (org.) **Trajetórias na formação de professores de línguas**. Londrina: Ed. UEL, 1997. p. 109 – 128.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **Pragmática para o discurso literário**. SP: Martins Fontes, 1996.

MARCUSCHI, L. A. **Linguística de texto: o que é e como se faz**. Recife: UFPE, 1983. (Série Documentos – Volume 1).

_____. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.

_____. **Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital.** 2002. Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&ved=0C CYQFjAB&url=http%3A%2F%2Fwww.twiki.faced.ufba.br%2Ftwiki%2Fpub%2FGE C%2FRefID%2Fmarcuschi-generos_textuais_emergentes_no_.doc&ei=GGBovDe aCMWEsAWxmlGABg&usg=AFQjCNH1ahu8KtAkHHVfjRI-mp3FlvOykA&sig2=TW jAK5FKwEG1h8uKvxD4eA. Acessado em 29 maio 2015.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** SP: Parábola Editorial, 2008.

Ministério da Educação e Cultura do Brasil - MEC. **Livro didático - PNLD.** Disponível em < <http://www.fnde.gov.br/programas/pnded.htm>>. Acessado em 25 nov. 2014.

_____. **Resolução/CD/FNDE.** Nº 003 de 21 de fevereiro de 2001. Disponível em <<http://fnde.gov.br>>. Acessado em 20 nov. 2014.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Que gramática estudar na escola?** Norma e uso da Língua Portuguesa. SP: Contexto, 2013.

NININ, Maria Otilia Guimarães. **Pesquisa colaborativa: das práticas de pesquisa à resignificação das práticas dos pesquisandos ou Resignificando a direção escolar.** 2006. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

NUÑEZ, I. B.; RAMALHO, B. L.; SILVA, I. K. P.; CAMPOS, A.P.N. *A seleção dos livros didáticos: um saber necessário ao professor. O caso do ensino de ciências.* **Revista Iberoamericana de Educación**, 2003. Disponível em <http://www.rieoei.org/did_mat1.htm>. Acessado em 12 nov. 2014.

PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; GAVAZZI, Sigrid (Orgs.). **Da língua ao discurso: reflexões para o ensino.** RJ: Lucerna, 2007.

_____. **Texto e discurso: mídia, literatura e ensino.** RJ: lucerna, 2003.

PÉCORA, Alcir (1992). In: BALTAR, Marcos Antônio Rocha. **A competência discursiva através dos gêneros textuais: uma experiência com o jornal em sala de aula.** Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Letras –

Teorias do texto e do discurso, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, 2003.

PERRENOUD, Philippe. **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas, SP: ALB: Mercado de Letras, 1997.

RIBAS, Abel. Apud BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade - lembranças de velhos**. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

ROJO, Roxane (org.). **A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2000.

ROJO, R.; CORDEIRO, G. S. **Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado das Letras, 2004.

SANTOS, Leonor Werneck; RICHE, Rosa Cuba; TEIXEIRA, Claudia Souza. **Análise e produção de textos**. SP: Contexto, 2013. (Coleção Linguagem & Ensino).

SILVA, Maria Odete Emygdio da. **A análise de necessidades na formação contínua de professor: Um contributo para a integração e inclusão dos alunos com necessidades educativas especiais no ensino regular**. Disponível em <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde100517/tde.pdf>. Acessado em 21 jun. 2014.

SARLO, Beatriz. A escola em crise. In: **Tempo presente** – notas sobre a mudança de uma cultura. Tradução de Luis Carlos Cabral. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005. P99 – 108.

SOARES, M. B. **Livro didático: Uma história mal contada**. Fazendo Escola. Editora Moderna, 2001.

TODOROV, T. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Martins fontes, 1978.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1996.

_____. **Pensamento e Linguagem**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1998.

ANEXOS

UNIDADE 1: OBSERVANDO O COTIDIANO

CONHECIMENTO GERA CONHECIMENTO...

Leia os textos a seguir e, em seguida, reflita sobre as perguntas em "Primeiras impressões".

TEXTO 1

Luís Inácio (300 Picaretas)

Luís Inácio falou, Luís Inácio avisou
São trezentos picaretas com anel de doutor

Eles ficaram ofendidos com a afirmação
Que reflete na verdade o sentimento da nação
É lobby, é conchavo, é propina e jeton
Variações do mesmo tema sem sair do tom
Brasília é uma ilha, eu falo porque eu sei
Uma cidade que fabrica sua própria lei
Aonde se vive mais ou menos como na Disneylândia
Se essa palhaçada fosse na Cinelândia
Ia juntar muita gente pra pegar na saída
Pra fazer justiça uma vez na vida

Eu me vali deste discurso panfletário
Mas a minha burrice faz aniversário
Ao permitir que num país como o Brasil
Ainda se obrigue a votar por qualquer trocado

Por um par de sapatos, um saco de farinha
A nossa imensa massa de iletrados
Parabéns, coronéis, vocês venceram outra vez
O congresso continua a serviço de vocês
Papai, quando eu crescer, eu quero ser anão
Pra roubar, renunciar, voltar na próxima eleição

Se eu fosse dizer nomes, a canção era pequena
João Alves, Genebaldo, Humberto Lucena
De exemplo em exemplo aprendemos a lição
Ladrão que ajuda ladrão ainda recebe concessão
De rádio FM e de televisão
Rádio FM e televisão

Fonte: PARALAMAS DO SUCESSO. **Vamo batê lata**. São Paulo: EMI, 1995. Disponível em <letras.mus.br/os-paralamas-do-sucesso/439836>. Data de acesso: 15/03/15.

TEXTO 2



Fonte: ZERO HORA 23 de março de 2015 | N° 18110. Disponível em <<http://corrupcaonopoder.blogspot.com.br/>>. Data de acesso: 15/03/15.

Primeiras impressões...

- Sobre qual tema fala a música acima?

Resposta esperada: A música fala sobre a política do país e sobre o processo de eleições

- A música da banda Paralamas do Sucesso foi escrita no ano de 1995. O assunto do qual ela trata continua sendo atual?

Resposta esperada: Sim. Continuamos percebendo as mesmas falhas na política brasileira.

- Preste atenção ao texto 2. Ele é uma charge. O que ele tem em comum com o texto 1?

Resposta esperada: Ambos possuem a mesma temática.

CONHECENDO O GÊNERO...

A Crônica – o gênero do cotidiano

Existem textos, como vimos na seção anterior, que retratam a realidade, tentando fazer-nos refletir sobre ela. Dentre esses gêneros, encontramos a crônica.

A crônica é um gênero literário que, inicialmente, era um relato cronológico dos fatos acontecidos em algum lugar, isto é, uma narração de episódios históricos. Era a chamada "*crônica histórica*" (como a medieval). Essa relação de tempo e memória está relacionada com a própria origem da palavra, **Chronos** (do grego, tempo). Portanto, a crônica, desde sua origem, é um relato em permanente relação com o tempo, de onde retira sua matéria principal.

A crônica se afastou da História com o avanço da imprensa e do jornal. Nesse veículo, normalmente a crônica era um texto longo que se publicava na primeira página dos jornais que circulavam aos domingos, e visava comentar os principais acontecimentos da semana, alegres ou tristes, os fatos banais ou mesmo assuntos ligados à economia, à vida social ou cultural.

Foi assim que a crônica chegou ao que conhecemos hoje: um texto que oscila entre o literário e o jornalístico, e que traz um comentário leve e breve sobre

algum fato do cotidiano. O comentário pode ser poético ou irônico, mas o seu motivo, na maioria dos casos, é o fato miúdo: a notícia em quem ninguém prestou atenção, o acontecimento insignificante, a cena corriqueira. Nessas trivialidades, o cronista surpreende com beleza, comicidade, e olhar do dia a dia que possui aspectos singulares.

Mas quando surgiu a primeira crônica como a conhecemos hoje? Bom, a origem da crônica remonta ao século XIX, quando esse tipo de texto era publicado no chamado **folhetim**: um espaço que os jornais tinham para publicar comentários sobre os mais diversos assuntos. Toda semana, por exemplo, eram publicadas crônicas de escritores conhecidos, como Machado de Assis e José de Alencar.

Na verdade, a crônica moderna veio a se consolidar no Brasil na década de 30 do século XX, com Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira.

A crônica como gênero literário

- ✓ é quase sempre um texto curto, escrito numa linguagem simples e direta.
- ✓ é um relato de fatos ocorridos na época em que são apresentados, a partir dos quais o autor desenvolve uma reflexão maior.
- ✓ por contar uma situação e comentá-la, é um gênero “híbrido”, pois contém os elementos da narração e da dissertação.

Por se adaptar a tantas situações diferentes, e por falar de várias formas, podemos classificá-la de diferentes modos:

- ✓ **Humorística** (visão cômica ou irônica dos fatos apresentados);
- ✓ **Mundana** (trata de fatos ou acontecimentos característicos de uma sociedade);
- ✓ **Jornalística** (apresentação de aspectos particulares de notícias ou fatos; pode ser policial, esportiva, política);

- ✓ A **crônica que “fala” da própria crônica** (o escritor faz uma análise de como se escrevem esses diversos tipos de crônicas).

O cotidiano jornalístico vira literatura

Preste atenção à notícia jornalística abaixo:

'Símbolos da corrupção no Brasil continuam soltos', diz ministro

**Jorge Hage fez declaração ao responder sobre prisões do mensalão.
Chefe da Controladoria da União não explicou a quem estava se referindo.**

O ministro da Controladoria-Geral da União (CGU), Jorge Hage, afirmou nesta segunda-feira (9), Dia Mundial de Combate à Corrupção, que os símbolos da corrupção no Brasil "continuam soltos". O chefe da CGU, no entanto, não disse a quem estava se referindo ao fazer a declaração durante evento que celebrou os dez anos de criação do órgão, ligado à Presidência da República.

Indagado por jornalistas sobre se a prisão dos condenados no processo do mensalão, um marco no combate à corrupção no país, Hage minimizou os efeitos da medida. Para ele, o fato foi importante no sentido de mostrar que as instituições, "quando querem, funcionam". O ministro ressaltou que o Brasil está longe de ter condenado "símbolos da corrupção".

“É importante sim [as prisões de réus do mensalão], que mostra que as instituições, quando querem, funcionam. Mas eu diria que está muito longe de termos condenado símbolos da corrupção no Brasil. Na minha opinião, os símbolos da corrupção no Brasil, os emblemáticos, continuam soltos”, declarou o ministro.

[...]

Mais tarde, em evento na Procuradoria Geral da República sobre combate à corrupção, Jorge Hage afirmou que há casos mais graves de corrupção. "O que eu entendo é que a realidade não passa por um caminho de absoluta racionalidade. Os avanços se dão aos trancos e barrancos. Deus escreve certo

por linhas tortas. Se fosse possível você fazer uma escala dos casos moralmente mais condenáveis que já teve conhecimento de corrupção no Brasil, você escolheria primeiro quais casos, quais situações?", disse. "Evidente, sem nenhuma dúvida, claro que tem [casos piores do que o mensalão]", completou.

Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/mensalao/noticia/2013/12/simbolos-da-corrupcao-no-brasil-continuam-soltos-diz-ministro.html>>. Data de acesso: 04/04/15.

Agora, atente para a crônica abaixo, de Luis Fernando Veríssimo, publicada no livro “Comédias para se ler na escola”, que foi organizado por Ana Maria Machado.

Hábito Nacional

Por uma destas coincidências fatais, várias personalidades brasileiras, entre civis e militares, estão no avião que começa a cair. Não há possibilidade de se salvarem. O avião se espatifará – e, levando-se em consideração o caráter dos seus passageiros, "espatifar" é o termo apropriado – no chão. Nos poucos instantes que lhes restam de vida, todos rezam, confessam seus pecados, em versões resumidas, e entregam sua alma a providência divina. O avião se espatifa no chão.

São Pedro os recebe de cara amarrada. O porta-voz do grupo se adianta e, já esperando o pior, começa a explicar quem são e de onde vêm. São Pedro interrompe com um gesto irritado.

– Eu sei, eu sei.

Apointa para uns formulários em cima de sua mesa e diz:

– Recebemos suas confissões e seus pedidos de clemência e entrada no céu

O porta-voz engole em seco e pergunta:

– E... então?

São Pedro não responde. Olha em torno, examinando a cara dos suplicantes. Apointa para cada um e pede que se identifiquem pelo crime.



Disponível em: <<http://olimpikus-rpg.forumeiros.com>>. Data de acesso: 04/04/15.

- Torturador.
- Minha financeira estourou. Enganei milhares.
- Corrupto. Menti para o povo.
- Sabe a bomba? Aquela? Fui o responsável.
- Rubei.
- Me locupletei*.
- Matei.

Etcétera. São Pedro sacode a cabeça. Diz:

-Seus requerimentos passaram pela Comissão de Perdão e foram rejeitados por unanimidade. Passaram pelo Painel de Admissões, uma mera formalidade, e foram rejeitados por unanimidade. Mas como nós, mais que ninguém, temos que ser justos, para dar o exemplo, examinamos os requerimentos também na Câmara Alta, da qual eu faço parte. Uma maioria esmagadora votou contra. Houve um só voto a favor. Infelizmente, era o voto mais importante.

- Você quer dizer...

- É. Ele. Neste caso, anulam-se todos os pareceres em contrário e prevalece a vontade soberana d'Ele. Isto aqui ainda é o Reino dos Céus.

- E nós podemos entrar?

São Pedro suspira.

- Podem. Se dependesse de mim, iam direto para o Inferno. Mas...

Todos entram pelo Portão do Paraíso, dando risadas e se congratulando. Um querubim que assistia a cena vem pedir explicações a São Pedro.

- Mas como é que o Todo-Poderoso não castiga essa gente?

E São Pedro, desanimado:

- Sabe como é, Brasileiro...

VERISSIMO, Luis Fernando. **Comedias para se ler na escola**. RJ: Objetiva, 2001. p. 85-86.

*locupletar: ocasionar sua própria riqueza, aumentar fortuna.

Nessa crônica, estruturalmente falando, o diálogo é o elemento mais marcante de todo o texto, o que implica em uma grande presença da oralidade, através não só de marcas estruturais, como da pontuação.

Veja os exemplos:

Ex.1: “– É. Ele. Neste caso, anulam-se todos os pareceres em contrário e prevalece a vontade soberana d'Ele. Isto aqui ainda é o Reino dos Céus.”

– E nós podemos entrar?

São Pedro suspira.

– Podem. Se dependesse de mim, iam direto para o Inferno. Mas...

Todos entram pelo Portão do Paraíso, dando risadas e se congratulando. Um querubim que assistia a cena vem pedir explicações a São Pedro.”

Ex. 2: “– Eu sei, eu sei.

Aponta para uns formulários em cima de sua mesa e diz:

– Recebemos suas confissões e seus pedidos de clemência e entrada no céu.

O porta-voz engole em seco e pergunta:

– E... então?

[...]

– Sabe a bomba? Aquela? Fui o responsável.”

No exemplo 1, o uso de travessão indica a fala de uma das personagens e funciona como uma marca da oralidade. Além disso, a frase interrompida no final da terceira fala, pontuada com reticências e esclarecida pela fala do narrador, também funciona como uma marca da oralidade.

Já no exemplo 2, vemos duas marcas bem evidentes da oralidade: as reticências entre a conjunção “E” e a pergunta final, dando a ideia do prolongamento na enunciação dessa conjunção, e a sequência de perguntas da última fala, que demonstra a busca uma interação com o interlocutor.

O texto apresenta também uma linguagem acessível. Por ser um texto elaborado para circulação em jornais e revistas, a crônica é, geralmente, rica em expressões coloquiais, ou seja, apresenta um vocabulário mais comum, de fácil compreensão e mais ligado à oralidade.

Observe o exemplo a seguir:

Ex.3: “São Pedro os recebe **de cara amarrada**. O porta-voz do grupo se adianta e, já esperando o pior, começa a explicar quem são e de onde vêm. São Pedro interrompe com um gesto irritado.”

No exemplo, a expressão em destaque é muito comum, significa que a pessoa está demonstrando, através de expressão facial, insatisfação com algum fato. É uma expressão **coloquial**, ou seja, muito comum no dia a dia e típica do discurso oral. O que se justifica, também, no caso dessa crônica em particular, porque o autor representa, por escrito, um diálogo entre algumas pessoas.

A identificação do tempo e do lugar de onde se fala é muito vaga, pois podemos apenas identificar tratar-se de um período curto de tempo – o tempo do acidente aéreo e a chegada ao céu - , mas não sabemos o período do ano ou mesmo o ano em que ocorre o fato. O que nos dará uma pista sobre ser, pressupomos, o século XX, é a linguagem que eles usam e o comportamento que eles apresentam. Quanto ao lugar, temos um avião que sobrevoa um lugar que não fica determinado, e o Paraíso, o Céu, no qual estão São Pedro, os querubins e o Todo-Poderoso, e onde chegam as vítimas do acidente.

É preciso lembrar que todos esses aspectos não precisam necessariamente estar em cada crônica. Isto quer dizer que alguns autores priorizam uns aspectos em detrimento de outros. Essa plasticidade da crônica também permite que ela acabe por ganhar ares literários, transcendendo o momento histórico específico que a originou.

Quem é o autor?

Luis Fernando Verissimo nasceu em 26 de setembro 1936, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Filho do grande escritor Érico Veríssimo, iniciou sua carreira jornalística no jornal *Zero Hora*, em Porto Alegre, mas não demorou para que suas publicações ganhassem o país. Participou também da televisão, criando quadros para programas na Rede Globo e, mais



Disponível em: <blogueirossaocarlos.wordpress.com>. Data de acesso: 04/04/15.

recentemente, fornecendo material para a série "*Comédias da Vida Privada*", baseada em livro de mesmo nome. Escritor prolífero, são de sua autoria, dentre outros, *As Cobras e Outros Bichos*, *Pega pra Kapput!* e a série *Ed Mort*, publicados pela L&PM Editores. Além disso, tem textos de ficção e crônicas publicadas nas revistas *Cláudia*, *Domingo* (do *Jornal do Brasil*), *Veja*, e nos jornais *Zero Hora*, *Folha de São Paulo*, *Jornal do Brasil* e, a partir de junho de 2.000, no jornal *O Globo*.

REFLETINDO PARA CONHECER...

1. Como podemos explicar o fato de o texto de Luis Fernando Verissimo ser uma crônica? Em sua resposta, comente se existe ou não diálogo entre a notícia e o texto de Veríssimo.

Resposta sugerida: Espera-se que o aluno perceba que o texto de Luis Fernando Verissimo é uma crônica, pois o autor parte de um assunto cotidiano para conduzir o leitor a uma reflexão mais ampla. Tanto o texto de Verissimo quanto a notícia do jornal tratam do mesmo tema: corrupção.

2. O autor escreve o texto em discurso direto, como sendo uma conversa. Entre quais personagens se dá a conversa? Cite um exemplo:

Resposta sugerida: É uma suposta conversa entre São Pedro que, segundo a tradição católica, possui "as chaves do céu", e as vítimas de um acidente aéreo, todas envolvidas com falcatriuas e bandidagens, que acabam morrendo.

Exemplo : "– E nós podemos entrar?

São Pedro suspira.

– Podem. Se dependesse de mim, iam direto para o Inferno.

Mas..." – (parágrafos 20 – 22)

3. Faça uma reflexão sobre o título da crônica: *Hábito nacional*. Associe o título ao conteúdo do texto.

Resposta sugerida: Espera-se que o aluno perceba que o autor pretendeu fazer uma crítica aos diversos casos de corrupção que têm se tornado constantes nas manchetes de jornais e telejornais nos últimos tempo. A demanda de casos é tão grande que parece que tal comportamento acabou virando um “hábito nacional”.

4. Leia atentamente os textos abaixo para responder ao que é proposto a seguir.

TEXTO 1

Desde o nascimento, e por toda a vida, nós somos submetidos a uma série de regras que orientam o nosso comportamento e todas as nossas atividades.

No Brasil, temos uma lei principal ou a Lei Maior, que é a Constituição Federal, onde se encontram as normas que orientam o legislador – Vereador, Para se fazer uma lei sobre determinado assunto. [...] Um Deputado ou Senador apresenta o projeto para que seja discutido e aprovado pelos seus colegas.

Nesse caso, o projeto deve, inicialmente, ser examinado pelas **Comissões**, que são órgãos especializados por área, com um número reduzido de parlamentares.

[...]

Quando a feitura da lei couber ao **Congresso Nacional**, que é formado pela Câmara dos Deputados e pelo Senado Federal, o projeto que for apresentado inicialmente em uma dessas Casas, sendo aí aprovado, será encaminhado à outra Casa – chamada de **Casa revisora** – para que os seus integrantes (Senadores ou Deputados) decidam se devem também aprová-lo, com ou sem modificações. [...]

Mas não termina aí o processo de elaboração da lei. O projeto tem ainda que ser submetido à **sanção** – que é uma espécie de concordância –, do Presidente da República (ou Governador ou Prefeito). Se ele achar que o projeto não está de acordo com a Constituição, ou seja, contrário ao interesse público, poderá vetá-lo no todo ou em parte.

Fonte: <http://www12.senado.leg.br/jovensenador/arquivos/como-sao-feitas-as-leis-1>. Data de acesso: 15/03/15.

TEXTO 2

“Seus requerimentos passaram pela Comissão de Perdão e foram rejeitados por unanimidade. Passaram pelo Painel de Admissões, uma mera formalidade, e foram rejeitados por unanimidade. Mas como nós, mais que ninguém, temos que ser justos, para dar o exemplo, examinamos os requerimentos também na Câmara Alta, da qual eu faço parte[...]”

Fonte: Hábito Nacional, Luis Fernando Verissimo, parágrafo 17

Há semelhanças entre o texto retirado do site do Senado nacional e o trecho da crônica destacado. Você acha que o autor escreveu esse trecho da crônica dessa forma propositalmente? Explique.

Resposta sugerida: Espera-se que o aluno perceba que os processos jurídicos no Brasil, e de uma forma especial os processos que envolvem o setor político, envolvem uma série de trâmites e burocracias como exames de documentos protocolados, pedidos de anistia ou julgamento mais específico por outra esfera jurídica, provas escritas ou testemunhais, para que, finalmente, sejam julgados e concluídos. Nem sempre todo esse processo, mesmo que passando por vários setores, termina da forma como deveriam terminar.

5. Marque com um X as assertivas corretas sobre o texto.

() Os homens que estavam no avião, ao perceber que morreriam, arrependeram-se de seus maus procedimentos.

(X) São Pedro não gosta de receber o grupo no Reino dos Céus.

() O querubim que assistiu a cena concordava com a entrada daqueles homens no Paraíso.

(X) Nesta crônica, o autor faz uma crítica aos acontecimentos políticos referentes à corrupção de forma humorística e irônica.

7. Releia o final do texto “Hábito Nacional”, de Verissimo.

“– Mas como é que o Todo-Poderoso não castiga essa gente?

E São Pedro, desanimado:

– Sabe como é, Brasileiro...”

A última fala da personagem São Pedro nos remete ao seguinte dito popular:

() Deus é pai.

() Deus ajuda a quem cedo madruga.

(X) Deus é brasileiro.

8. Complete:

A crônica *Hábito Nacional*, de Luis Fernando Veríssimo, é um exemplo de crônica _____, pois traz uma visão _____ dos fatos apresentados.

Resposta: jornalística – política

9. O texto de Luís Fernando Veríssimo é uma crônica porque

a) é um texto leve e bem humorado, com linguagem acessível e marcas da oralidade.

b) é um texto leve e bem humorado, rico em vocabulário elevado e cheio de expressões antigas.

c) é um texto elaborado para ser publicado em livro, revista ou jornal, e apresenta uma ligação com o momento em que foi realizado.

d) é um texto literário e repleto de recursos poéticos, como metáforas e metonímias.

Resposta: c

10. De acordo com o que você compreendeu acerca da crônica, é possível afirmar que:

a) Um texto só pode ser considerado crônica se ele estiver publicado em um jornal ou em uma revista.

b) Um texto pode ser considerado crônica por apresentar algumas características peculiares a esse gênero, como a ligação a algum fato do cotidiano, as marcas de subjetividade do autor, entre outros.

c) Um texto não pode ser considerado crônica se estiver publicado em algum veículo digital.

d) Um texto pode ser considerado crônica sempre que for narrativo, apresentar marcas de oralidade e determinações do tempo e do lugar onde foi produzido.

Resposta: b

Refletindo além do texto...

Apesar de ter sido escrita em 2001, por que poderíamos afirmar que a crônica *Hábito nacional* trata de assuntos do cotidiano? Exemplifique.

Resposta sugerida: Espera-se que o aluno perceba a atualidade do tema tratado por Veríssimo e a ele atribua exemplos que vemos todos os dias em jornais e televisão, como os escândalos do mensalão, da Petrobras, do deputado que tenta sair do país com dólar dentro da cueca, dentre outros.

<i>PRATICANDO PARA CONHECER...</i>
--

Você pode perceber, através da crônica de Verissimo, o lado cômico da leitura de crônicas, e reconhecer a crônica como um gênero literário, prazeroso e ao mesmo tempo divertido, mas que não deixa de instigar a reflexão. Mas, como vimos anteriormente, a crônica pode assumir outros caracteres, como argumentativo, reflexivo, filosófico etc.

Leia o texto abaixo:

São Paulo, 25 de janeiro de 2016

E pensar que em 2013 todo mundo foi à rua por causa das passagens de ônibus. Ah, o aumento! Ah, o trânsito! Ah, balas de borracha! Ah, gás lacrimogêneo! Hoje, em 25 de janeiro de 2016, aniversário de 462 anos de São Paulo, isso tudo soa tão ingênuo como uma pornochanchada diante do pornhub.com.

As pessoas estão se virando como podem: armazenam água da chuva, bombeiam a água que brota no fosso do elevador, fazem gato na rede e em

galerias pluviais. Caminhões-pipa andam com escolta armada, e toda madrugada alguém é preso com uma britadeira perfurando algum ponto da cidade.

Vocês leram aquela entrevista que saiu com o antropólogo americano no final de 2015? Ele dizia que o homem pode atravessar longos períodos de escassez de energia elétrica ou mesmo de alimentos mais tranquilamente do que enfrenta alguns dias com as torneiras secas. A falta de água pega em algum nervo exposto do inconsciente coletivo, reativa alguma paúra herdada dos nômades no deserto, sei lá. Isso explica os quebra-quebras, os incêndios, os arrastões.

É triste ver a Pompeia, Pinheiros, Perdizes e tantos outros bairros tomados pelo Exército, mas fazer o quê? Quarteirões e quarteirões abandonados pelos moradores, os ladrões parando o caminhão na frente dos prédios e levando TV, geladeira, fogão, computador, terno, sofá.

É irônico que a água tenha acabado justo na cidade mais rica do país mais rico em água de todo o mundo. É como faltar areia no Saara. Não, em Dubai.

É irônico que a água tenha acabado numa cidade cortada por dois rios (sem contar todos os outros rios que canalizamos para fazer –o quê? Adivinha? – avenidas). O paulistano é como um eunuco num harém. Não, a comparação não presta: no harém as mulheres são saudáveis, o eunuco é que não. O paulistano é como um priápico num leprosário.

É muita gentileza da oposição dar todo o mérito da seca aos tucanos. Eles têm um papel importante, sim, mas a falta de água é um projeto coletivo, multipartidário, interestadual, ancestral. É a burrice acumulada de várias gerações: o desmatamento, a impermeabilização do solo, o desperdício, o estímulo ao transporte individual, de Washington Luís a Dilma Rousseff, passando por JK, Paulo Maluf, FHC, Lula e os militares. E ainda tem gente que vê descontinuidade em nossas políticas públicas?!

Para o bem do povo e felicidade geral da nação, o governo assegura que a seca não afetará a economia. O país seguirá exportando carne e soja e derrubando florestas e matas ciliares e comprando carros e levando o progresso e a impermeabilização a áreas de proteção ambiental.

São Paulo, em seus 462 anos, completados neste 25 de janeiro de 2016, parabéns! Teus meses de seca são um prenúncio do futuro e um exemplo para a nação! Continuemos sendo a locomotiva do Brasil: seguindo em frente, sem olhar pros lados, soltando fumaça e arrastando todo mundo atrás.

FONTE: PRATA, Antônio. In: **Folha de S. Paulo**. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/antonioprata/2015/01/1580087-sao-paulo-25-de-janeiro-de-2016.shtml> Data de acesso: 30/03/15.

Quem é o autor?

Antônio Prata, filho dos escritores Mario Prata e Marta Goes, é escritor, roteirista da Rede Globo e colunista da Folha de S. Paulo (coluna Cotidiano). Escreveu crônicas para a revista *teen Capricho* e para o jornal O Estado de São Paulo. Publicou livros de contos e crônicas, entre eles 'Meio Intelectual, Meio de Esquerda' (editora 34).



Fonte: <www1.folha.uol.com.br>.
Data de acesso: 30/03/15.

O texto acima, de Antônio Prata, é uma crônica argumentativa que reflete sobre um problema bem atual de nossa sociedade: a crise hídrica que atingiu parte de nosso país – principalmente o sudeste - no final do ano de 2014 e início de 2015.

Trata-se de uma crônica argumentativa, pois apresenta a visão do cronista sobre um fato cotidiano, colhido em noticiários, jornais ou revistas, revelando sua visão sobre o acontecido, através de uma linguagem pessoal, subjetiva, que expõem argumentos que fundamentam a opinião do autor.

PRODUÇÃO TEXTUAL: Chegou a sua vez...

Os noticiários têm apresentado diariamente notícias sobre desastres advindos de fenômenos meteorológicos, chuvas torrenciais sobre grandes zonas urbanas como São Paulo e Rio de Janeiro, por exemplo.

Se prestarmos atenção nos detalhes, perceberemos cenas como: um homem caminhando e levando aos ombros uma criança, em meio a uma corrente de lama; um carro preso no rio em que se transformou a avenida. Montes de lixo sendo carregados pela água.

Podemos, então, nos perguntar: e depois? Onde irá parar toda essa sujeira? E de onde ela terá vindo? Passeamos todos os dias, indo e vindo pelas ruas das nossas cidades, muitas vezes apressados, resolvendo problemas, trabalhando, estudando. Durante nosso dia, comemos, lanchamos, recebemos folhetinhos nas esquinas e vamos acumulando lixo. Nem sempre temos à nossa disposição um local adequado para colocar o lixo em nosso cotidiano na cidade. É esse lixo que, se descartado de forma inadequada, entope bueiros, entra nos canais subterrâneos da cidade, chega aos rios e mares. E ele volta! Volta em forma de enchentes, de doenças, de desastres.

Claro que desastres advindos de fenômenos da natureza sempre existirão, mas será que não temos contribuído para ampliá-los um pouco? Que fazer com o nosso lixo? Penso que essa deve ser uma pergunta diária em nossa mente. Há diferentes tipos de lixo, que exigem de nós diferentes atitudes.

Faça uma revisão do seu dia a dia e liste os diferentes tipos de lixo que você produz diariamente. O que você faz com esse lixo? Onde você o deposita? E o de sua casa? Você sabe para onde ele vai? Imagine como você poderia diminuir a produção desse lixo, propondo uma solução. Preencha o quadro a seguir com essas informações de acordo com o exemplo e reflita em como você pode aplicar essas ações em seu cotidiano:

Ação que gera lixo	Lixo produzido	Onde eu deposito	Solução para o destino do lixo
<i>Tomar picolé.</i>	<i>Embalagem e palito.</i>	<i>Na lixeira de casa.</i>	<i>Separar o lixo para reciclagem.</i>

Respostas pessoais.

Agora, leia a notícia abaixo para, a partir dela, produzir sua crônica:

Sem vontade política, Brasil recicla apenas 3% do lixo urbano

Apenas 3% dos resíduos sólidos produzidos nas cidades brasileiras são reciclados, apesar de 1/3 de todo o lixo urbano ser potencialmente reciclável. E mesmo o reaproveitamento desse pequeno volume só é viabilizado pelo esforço de catadores, que enfrentam a falta de apoio do poder público e o desconhecimento da população quanto à separação do lixo.

A situação foi apresentada em debate nesta quarta-feira (23) na Subcomissão Temporária de Resíduos Sólidos, ligada à Comissão de Meio Ambiente, Defesa do Consumidor e Fiscalização e Controle (CMA).

Conforme Carlos Roberto Vieira Filho, diretor da Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais, o país produz 63 milhões de toneladas de resíduos sólidos por ano, sendo o quinto maior gerador de lixo urbano.

O diretor conta que o brasileiro produz 383 quilos de lixo *per capita* por ano, volume que cresceu 21% nos últimos dez anos, enquanto a população brasileira aumentou 9,6% no mesmo período. Carlos Roberto informou que 60% dos municípios brasileiros têm “alguma iniciativa” de coleta seletiva.

Comunicação com a população

Além da falta de vontade política, Carlos Roberto apontou, entre os obstáculos ao avanço da reciclagem no país, a falta de uma cultura de valorização da prática na sociedade brasileira. Ele sugeriu programas permanentes de esclarecimento e incentivos à separação do lixo e punições para descarte de materiais recicláveis no sistema regular de limpeza urbana.

Sugeriu ainda que a taxa para coleta seja proporcional à geração de resíduos: “Aquele que mais gerar lixo deve custear o sistema, pela taxa do poluidor pagador” – opinou.

Já a representante do Ministério do Meio Ambiente, Zilda Veloso, apontou a necessidade de integração dos atores envolvidos na logística reversa, que é “a restituição dos resíduos sólidos ao setor empresarial para o reaproveitamento, em seu ciclo ou em outros ciclos produtivos, ou outra destinação final ambientalmente adequada”.

Ela aponta como corresponsáveis na logística reversa não apenas os consumidores e os fabricantes e comerciantes, mas também o órgão público responsável pelos serviços de manejo de resíduos sólidos e os catadores.

O papel dos catadores no processo foi destacado por José Antônio da Mota Ribeiro, da Fundação Nacional de Saúde (Funasa). Conforme informou, existem no país cerca de 500 mil catadores de materiais recicláveis, mas apenas 10% desse contingente participa de alguma das 1.100 associações existentes. Ribeiro apresentou ações do governo federal de apoio à organização produtiva dos catadores, destacando o financiamento de instrumentos para triagem de materiais e de veículos usados na coleta de materiais.

Fonte: <<http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2014/04/23/sem-vontade-politica-brasil-recicla- apenas-3-do-lixo-urbano>>. Data de acesso: 30/03/15.

Ao escrever sua crônica, siga as seguintes instruções:

1. Participe de um debate com seus colegas, levantando opiniões e argumentos sobre o tema.
2. Pense no leitor: sua crônica será lida por quem? Seu texto está claro e objetivo? Suas ideias estão definidas de maneira clara?
3. Pense em seus objetivos: você quer entreter o leitor, sensibilizá-lo, ou fazer com que ele reflita sobre o assunto proposto?
4. Escrever é um processo que envolve planejamento. Antes de escrever o texto propriamente dito, planeje o que vai escrever. Que tal criar um roteiro sobre as ideias que não podem estar ausentes do seu texto?
5. Faça um rascunho e, antes de passar a limpo, realize uma revisão cuidadosa do que escreveu.
6. Troque de texto com um colega e discutam os textos. Reescreva seu texto com base na revisão feita por você e seu colega.
7. Avalie sua crônica! Observe se seu texto apresenta uma visão pessoal do assunto escolhido, se o texto ficou leve e atraente, se ele sensibiliza e/ou promove uma reflexão do leitor sobre o assunto, e se a linguagem empregada está adequada ao gênero e ao contexto.

#bombounanet

Quer saber mais?

- Ouça a crônica lida nesta Unidade, “Hábito nacional”, de Verissimo, transformada em áudio, através do link <https://www.youtube.com/watch?v=EE2hc6lxX7E>
- O vídeo da banda Paralamas do Sucesso está disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=LXk6B5O-0-A>

- Uma dica de filme que dialoga com a crônica de Verissimo, *Hábito nacional*, é “O candidato honesto” (SANTUCCI, Roberto. *O candidato honesto*. Brasil: Downtown Filmes, 2014. 1h50min), que conta a história de João Ernesto Praxedes (Leandro Hassum), um político corrupto, candidato à presidência da República. Ele está no segundo turno das eleições, à frente nas pesquisas, quando recebe uma mandinga da avó, fazendo com que ele não possa mais mentir. Agora começa o problema: como vencer uma eleição falando apenas a verdade? Confira!



Fontes de pesquisa:

CARVALHO, Laiz; DELMANTO, Dileta. **Coleção Jornadas.port.** São Paulo: Saraiva, 2012.

BALTHASAR, Marisa; FIGUEIREDO, Laura de; GOULART, Shirley. **Coleção Singular & Plural** – Leitura, produção e estudos de linguagem. São Paulo: Moderna, 2012.

UNIDADE didática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. Programa de Iniciação Tecnológica e Cidadania. Disponível em <<http://docente.ifrn.edu.br/>>

<http://www.brasilescola.com>

<http://portaldoprofessor.mec.gov.br>

<http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-2>

UNIDADE 2: UMA PALAVRINHA, POR FAVOR?

CONHECIMENTO GERA CONHECIMENTO...

Leia os textos a seguir e, em seguida, reflita sobre as perguntas em "Primeiras impressões...".

TEXTO 1



Fonte: O Esquema. Disponível em < <http://www.oesquema.com.br/mauhumor/tag/entrevistas-em-quadrinhos/>>. Data de acesso: 06/05/15.

TEXTO 2



Fonte: <<http://www.humordaterra.com/page/559/?refsite=www.n1ads.com&ref=alexa-traffic-rank.>>. Data de acesso: 06/05/15.

TEXTO 3

Aí, Galera

Jogadores de futebol podem ser vítimas de estereotipação. Por exemplo, você pode imaginar um jogador de futebol dizendo "estereotipação"? E, no entanto, por que não?

— Aí, campeão. Uma palavrinha pra galera.

—Minha saudação aos aficionados do clube e aos demais esportistas, aqui presentes ou no recesso dos seus lares.

— Como é?

— Aí, galera.

— Quais são as instruções do técnico?

— Nosso treinador vaticinou que, com um trabalho de contenção coordenada, com energia otimizada, na zona de preparação, aumentam as probabilidades de, recuperado o esférico, concatenarmos um contragolpe agudo com parcimônia de meios e extrema objetividade, valendo-nos da desestruturação momentânea do sistema oposto, surpreendido pela reversão inesperada do fluxo da ação.

— Ahn?

— É pra dividir no meio e ir pra cima pra pegá eles sem calça.

— Certo. Você quer dizer mais alguma coisa?

— Posso dirigir uma mensagem de caráter sentimental, algo banal, talvez mesmo previsível e piegas, a uma pessoa à qual sou ligado por razões, inclusive, genéticas?

— Pode.

— Uma saudação para a minha progenitora.

— Como é?

— Alô, mamãe!

— Estou vendo que você é um, um...



— Um jogador que confunde o entrevistador, pois não corresponde à expectativa de que o atleta seja um ser algo primitivo com dificuldade de expressão e assim sabota a estereotipação?

— Estereoquê?

— Um chato?

— Isso."

Fonte: Luis Fernando Verissimo

Disponível em: < <http://luizfverissimo.blogspot.com.br/2008/09/galera.html>>. Data de acesso: 06/05/15.

Primeiras impressões...

Os três textos acima trazem uma entrevista. Reflita e responda:

- Os três ressaltam a mesma finalidade para que se faça uma entrevista?

Resposta esperada: Não. As três entrevistas apresentam objetivos diferentes.

- Que tipo de entrevista é retratada no texto 1?

Resposta esperada: É uma entrevista com uma personalidade popular, cuja função é aprofundar o conhecimento do leitor sobre a vida pessoal dessa pessoa.

- Preste atenção ao texto 2. Ele também mostra uma entrevista. É uma entrevista que tem o mesmo objetivo do texto 1?

Resposta esperada: Não. O texto 2 apresenta uma entrevista de emprego. Nela, o empregador procura perceber se o candidato ao emprego possui o perfil necessário para se preencher a vaga disponível.

- O texto 3 retrata a seguinte situação: é o término de um jogo de futebol, um repórter entrevista um dos jogadores do time que acaba de perder. A entrevista ocorre ainda em campo, minutos após o jogo ter sido finalizado. Essa entrevista

está de acordo com as entrevistas desse gênero que você costuma ler em jornais ou assistir na TV? Por quê?

Resposta esperada: Não. O jogador entrevistado utiliza uma linguagem incomum ao meio futebolístico.

CONHECENDO O GÊNERO...

Entrevista – O que o outro tem a dizer.

A entrevista é um gênero textual basicamente oral que se caracteriza por apresentar perguntas e respostas, envolvendo pelo menos duas pessoas: o entrevistador e o entrevistado.

Dizemos que o termo é “basicamente oral”, pois estamos acostumados a presenciar pessoas concedendo entrevistas aos veículos de comunicação, ora representados pelo rádio, ora pela televisão – e hoje em dia ainda pelos canais da web -, de forma presencial, ou seja, ao vivo. Entretanto, há entrevistas que são transcritas para a linguagem escrita, como é o caso daquelas entrevistas que são veiculadas em jornais impressos ou revistas.

O que diferencia a modalidade oral da escrita são, justamente, as marcas de oralidade, já que a linguagem corporal, como, por exemplo, gestos, interrupção e retomada de pensamentos, também compõem o perfil do entrevistado, e contribuem para que a mensagem seja transmitida. Numa entrevista transcrita, não temos a oportunidade de perceber nenhuma dessas marcas.

A linguagem do entrevistador pode ser mais ou menos formal, de acordo com o grau de familiaridade entre ele e o entrevistado, a posição e a idade deste, o veículo que publicará a entrevista e o público ao qual ela se destina.

Dependendo do objetivo do entrevistador, a entrevista pode ser informativa ou entrevista-diálogo:

- **Entrevista informativa** – é realizada com a intenção de levantar dados, pedir esclarecimentos, completar informações, com participantes ou testemunhas do acontecido. Para realizá-la, o entrevistador segue um conjunto de questões previamente definidas para garantir que todos os tópicos de interesse sejam abordados. É conduzida pelo entrevistador, que procura não dar opiniões, ou seja, busca imparcialidade.
- **Entrevista-diálogo** – é mais uma conversa solta na qual o maior interesse gira em torno do entrevistado: sua vida, suas experiências, suas atividades. É a entrevista que busca o lado cotidiano das pessoas que se destacam em alguma área. Nesse tipo de entrevista se estabelece um verdadeiro diálogo entre os interlocutores.

O gênero entrevista possui uma finalidade em si mesmo: a informação. Na verdade, a entrevista trata-se da interação entre os interlocutores – entrevistador e entrevistado –, com o objetivo deste relatar suas experiências e conhecimentos acerca de um determinado assunto de acordo com os questionamentos previamente elaborados por aquele.

Ao nos referirmos à necessidade de uma organização prévia do entrevistador, tal preparo se faz necessário em função da credibilidade requisitada pelo gênero em foco. Mesmo sendo algo relacionado à fala, o emprego de certo formalismo e a adoção de uma postura adequada são indispensáveis.

Como vimos nas atividades prévias dessa Unidade, há diferentes tipos de entrevistas, entre elas: a entrevista de emprego, a entrevista médica, a jornalística, dentre outras. A “imagem” que pretendemos passar fala muito a respeito de nós mesmos, daí a importância de nos posicionarmos de maneira condizente com os fatos circunstanciais.

Não podemos deixar de mencionar, também, um requisito essencial à entrevista: a busca pelo conhecimento, com vistas à amplitude de nossa visão de mundo. No caso do entrevistador, é elementar que, antes de tudo, ele tenha domínio do assunto sobre o qual vai tratar, de modo que tenha possibilidade de

elaborar um roteiro de perguntas consideradas plausíveis e, assim, alcançar os objetivos propostos.

Para aprofundarmos nossos conhecimentos com relação às particularidades da modalidade, analisemos alguns de seus elementos constitutivos. Geralmente, a entrevista costuma compor-se de:

- **Manchete ou título** – Tem o objetivo de adiantar ao leitor o assunto que será tratado e, ao mesmo tempo, despertar-lhe o interesse. Sendo assim, deve vir acompanhada de um resumo de sentido global do texto ou de uma frase de efeito, proferida de modo marcante por parte do entrevistado.
- **Apresentação** – É a parte da entrevista em que se fica conhecendo o entrevistado, o motivo de ter sido convidado a falar sobre algo e o assunto sobre o qual tratará. Na apresentação, temos a oportunidade de justificar a escolha do entrevistado para aquela ocasião.
- **Perguntas e respostas** – Trata-se do discurso propriamente dito, em que perguntas e respostas referentes ao tema tratado são proferidas. É o momento de interação, no qual deve haver um controle por parte do entrevistador para demarcar o momento da atuação dos participantes.

Leia a entrevista abaixo:





0

A+

A-



0



9



3



1



'No Brasil não há bons roteiristas', diz Fábio Porchat

MARILIA NEUSTEIN - O ESTADO DE S. PAULO

01 Abril 2013 | 02h 09

Ator e roteirista fala sobre humor na web e na TV e a necessidade de um ministro da Cultura que goste do cargo

A+

A-



0



9



3



1



Responsável por roteiros de grandes comédias atuais, Fábio Porchat tem um lema: não permitir que sua liberdade de criação seja tolhida. Integrante do elenco e roteirista do sucesso de bilheteria Vai Que Dá Certo - filme que, nos primeiros três dias, levou mais de 400 mil espectadores aos cinemas -, o comediante faz questão de ter independência para trabalhar em diversos projetos simultaneamente.



RELACIONADAS

- [_ Leia o blog da Sonia Racy](#)
- [_ Curta a fan page da Sonia Racy no Facebook](#)
- [_ Leia outras entrevistas do 'Encontros com o Estadão'](#)

Na Globo desde 2002, é conhecido menos por seus trabalhos em Zorra Total e mais por ser um dos criadores do fenômeno Porta dos Fundos. O canal de internet - que disponibiliza dois vídeos de humor por semana - é

um sucesso não só de público, mas também de crítica. Porchat defende que o programa chegou para "colocar uma pedra no limite do humor". E, como todo sucesso, terá de saber como se reinventar.

A seguir, os principais trechos da entrevista.

Como é fazer cinema?

Fábio Porchat - Muito divertido. É muito legal passar na telona, sabe? É diferente, mais uma plataforma. Claro que, na TV, em A Grande Família, por exemplo, sou visto por 50 milhões de pessoas. No cinema, se for visto por 5 já seria 'eu sou um sucesso retumbante'. Mas a questão não é essa. A questão é o apuro, entrar naquele papel, naquele personagem.

Você é funcionário da Globo. Como tem autonomia para fazer tantos projetos paralelos?

Fábio Porchat - Todos os meus contratos têm permissões. No contrato com A Grande Família está escrito que posso fazer Porta dos Fundos. No contrato do Multishow, posso fazer Globo e etc. A última coisa que eu quero é ser tolhido, não ter liberdade. Me sentiria péssimo. Sou um artista que corre atrás dos meus projetos independentes.

Como será o filme do Porta dos Fundos?

Fábio Porchat - Vamos rodar este ano para lançar no ano que vem. Com os mesmos roteiristas, atores e com a mesma pegada.

Vocês se divertem muito na hora de escrever juntos?

Fábio Porchat - Rimos sem parar.

E agora vão investir na produtora do Porta dos Fundos?

Fábio Porchat - Todo o dinheiro que ganhamos vamos investir. Estávamos em uma casinha no centro (do Rio de Janeiro) e vamos para um prédio. Tínhamos dez pessoas trabalhando; agora, somos 40. Tem figurinista, maquiador...

Vocês usam muitas referências bíblicas. Qual dos roteiristas tem esse conhecimento?

Fábio Porchat - Eu. Talvez porque seja ateu... Eu escrevi agora um com Noé, um com Abraão e um com José e Maria. E olha que eu só li alguns trechos, mas leio a Bíblia com muita curiosidade.

Sua família é religiosa?

Fábio Porchat - Não, nem um pouco. Acho muito curioso uma pessoa ser religiosa, fico muito impressionado. Mas acho que o comediante tem de estar antenado em tudo. Tudo é material para uma piada.

Foi a primeira vez que um programa de internet ganhou o prêmio APCA. Você acha, agora, que a internet vai ser uma plataforma mais explorada pelos artistas?

Fábio Porchat - A internet não vai ser nada - já é. É o presente. Avenida Brasil, da Globo, foi a novela mais falada na internet e teve um ibope pior do que Fina Estampa. Isso mostra que o público está mudando.

E o conteúdo?

Fábio Porchat - Acho que a qualidade do conteúdo para internet tende a crescer. Escolhemos o nome Porta dos Fundos porque pensamos que a internet é a porta dos fundos. Entramos mesmo com o pé na porta.

Esperavam esse sucesso?

Fábio Porchat - Desse jeito, não. É um público diferente, da própria internet, não são adolescentes. Nosso público varia de 20 a 50 anos e estava carente de um conteúdo de humor na internet.

E as participações de outros atores, como Maitê Proença?

Fábio Porchat - A Maitê pediu para fazer um vídeo... A classe artística gosta muito do Porta dos Fundos e vem falar com a gente. Fico super feliz com isso. Porque conseguimos agradar o público, a crítica e a classe. Sem pretensão. Falamos o que achamos engraçado. Entretanto, sei que é difícil e isso não vai durar para sempre. Temos de saber nos reinventar, mas, por enquanto, a coisa está indo bem.

Vocês têm planos de migrar para a TV ou acham que o formato de esquetes curtas não funcionaria na telinha?

Fábio Porchat - Já recebemos propostas de várias emissoras, abertas e fechadas, mas não queremos fazer o que já fazemos na internet. Para que concorrer com a gente mesmo? Mas, como uma trupe para televisão, poderia ser legal fazer um programa de dramaturgia, por exemplo...

Tipo Casseta & Planeta?

Fábio Porchat - Não. Tipo Os Normais, Uma Família da Pesada, The Office. Essas são as nossas referências. Fazer uma dramaturgia, só que no estilo South Park.

Vocês têm patrocinadores?

Fábio Porchat - A gente não tem patrocínio na internet. O que acontece é que as empresas nos contratam para fazer vídeos para elas. Por exemplo, a Fiat contratou a gente, o Bis também. E são eles que lançam. No nosso canal, não lançamos propaganda.

Vocês tocam em assuntos sensíveis, mas nunca foram alvo de críticas, como colegas de outros humorísticos. Qual é, na sua opinião, o limite do humor?

Fábio Porchat - Acho que o Porta dos Fundos, por exemplo, é a resposta a esta pergunta.

Mas vocês, quando escrevem, pensam que algumas piadas podem pegar mal?

Fábio Porchat - Não. Já falamos da Ku Klux Klan, da Bíblia, de racismo, de Moisés. Ou seja, assuntos que poderiam ser polêmicos. O Bruno Mazzeo disse que o Porta dos Fundos veio para botar uma pedra nesse assunto. Qual o limite do humor? Porta dos Fundos fala de temas super polêmicos e nunca ninguém processou, brigou, nunca saiu...

Por quê? Acha que o limite é não ter graça?

Fábio Porchat - Acho que, no nosso caso, somos cinco cabeças pensando. Cinco sócios. Então, é difícil uma coisa passar despercebida. A gente tem batido em coisas que, na verdade, merecem apanhar. No idiota que inventou a Ku Klux Klan, no padre pedófilo. Eu, por exemplo, não faço piada com Alá e Maomé, porque não quero morrer! Não quero que explodam a minha casa só por isso (risos). Mas, de um modo geral, a gente vai fazendo, vai falando.

Não houve uma situação em que vocês falaram "isso não"?

Fábio Porchat - Já. E a gente não fez.

A Maitê procurar vocês, por exemplo, é uma coisa que não costuma acontecer no Brasil. Já nos EUA, os políticos vão aos programas humorísticos.

Fábio Porchat - No Brasil, estamos começando e fico orgulhoso de saber que o Porta dos Fundos está abrindo essa... porta. O brasileiro não sabe rir de si mesmo, entendeu? O pessoal do Casseta ainda fazia isso, com atores da Globo. Tony Ramos foi falar que era peludo no Casseta & Planeta... Isso é legal, ser bem-humorado.

E você está antenado nas correntes de humor fora do Brasil? O que você assiste?

Fábio Porchat - Fico bastante ligado, sim. Eu assisto muito a Louie, do Louis C.K.; Uma Família da Pesada sempre; South Park, que é um humor barra-pesada... Mas é demais, num grau que eu falo "meu Deus, como eles fazem uma coisa dessas?". Mas eu gosto, adoraria escrever para um seriado como esses lá fora.

Já teve alguma proposta?

Fábio Porchat - Não, não...

Temos uma boa escola de roteiristas no Brasil?

Fábio Porchat - Não. No Brasil, as pessoas não estão nem aí para roteiro. É um país que não lê. E que, até pouco tempo, tinha um presidente que se orgulhava de dizer que não lia. Por isso eu fico feliz que a Dilma vá ao teatro, leia, inaugure museu com a perna quebrada. Acho que é um exemplo. Nos Estados Unidos, quando tem greve dos roteiristas, para o país! O David Letterman vai na frente da câmera e fala: "Eu não posso fazer meu programa hoje, pois não tenho roteirista. Muito obrigado, tchau". Aqui, se um roteirista entrar em greve, as pessoas falam: "Ah, chama um tio meu que escreve umas piadas engraçadas". E leva o cara.

E a nova lei da TV a cabo? Acha que pode ajudar na formação de bons roteiristas?

Fábio Porchat - Acho muito boa. Porque os brasileiros vão aprender que escrever também é prática. Quando eu digo que a gente não tem bons roteiristas, não estou me colocando entre os bons, não. Estou dizendo que eu também tenho meus problemas. Queria muito, por exemplo, fazer um curso nos Estados Unidos, ficar lá seis meses num curso de roteiro, de imersão... Porque acho que preciso, estou começando. Eu sou inexperiente, não sei nada ainda.

O que acha do Vale Cultura?

Fábio Porchat - Estou feliz com o Vale Cultura. Acho ótimo ter revista e jornal, mas acho que se deveria incluir TV a cabo também. As pessoas têm de ter liberdade para escolher o que querem fazer com o vale.

Então, você aprova a gestão da Marta Suplicy?

Fábio Porchat - Eu gosto da Marta. Acho que o grande problema é que ninguém quer ser ministro da Cultura no Brasil. A Marta "está" ministra da Cultura. Amanhã, ela sai candidata a senadora. Queria alguém que quisesse ser, durante oito anos, ministro da Cultura. Não adianta a pessoa "estar" ali e tomar umas medidas, entende? Eu queria que a Marta comprasse a briga, que ficasse até o final do governo Dilma e mais quatro anos, caso a presidente se reeleja. Aí eu acharia bom.

Fonte: Estadão. Disponível em < <http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,no-brasil-nao-ha-bons-roteristas-diz-fabio-porchat-imp-,1015517>>. Data de acesso: 02/05/15.

Para iniciarmos a análise do texto acima, podemos perceber que ele se organiza em forma de perguntas e respostas. É o que chamamos de entrevista. Ele se caracteriza por uma alternância entre perguntas e respostas que simulam um diálogo oral entre o jornalista e o entrevistado. As perguntas são feitas por uma jornalista (Marília Neustein) do jornal O Estado de S. Paulo, para a coluna que trata de Cultura. O entrevistado elabora seu texto respondendo aos questionamentos feitos pela entrevistadora.

As entrevistas são realizadas sempre a partir de um tema pré-determinado. O tema da entrevista em questão é bem claro, logo na apresentação, a entrevistadora fala da familiaridade do entrevistado com o mundo do teatro, TV e web, e de como ele trabalha com o humor nesses veículos, tanto escrevendo como atuando. Já identificamos, desde o título, que será feita a defesa de uma formação mais comprometida das pessoas que trabalham com a redação de roteiros para programas dos veículos já citados. Assim, já identificamos o tema (humor nos meios de comunicação) e o objetivo geral: defender esse gênero e sua produção, com qualidade e liberdade de expressão.

No caso da nossa entrevista, o entrevistado é Fábio Porchat, ator e roteirista responsável por roteiros de grandes comédias atuais, além de ser um dos criadores e sócios do fenômeno Porta dos Fundos, o canal humorístico da internet “que é sucesso não só de público, mas também de crítica.”

Ficamos sabendo desses detalhes logo de início, pois eles ajudam a dar credibilidade ao texto. Afinal, quem acreditaria numa entrevista sobre humor e

forma de se fazer humor se o entrevistado fosse alguém que não soubesse nada sobre o assunto?

Assim, os objetivos das entrevistas são, em geral, trazer para o público a opinião de uma determinada autoridade sobre um determinado assunto. Por isso, é importante que o tema seja de interesse geral no momento da entrevista. O universo humorístico é um tema de interesse geral? Se pensarmos na importância do entretenimento para a qualidade de vida, vamos perceber que sim.

As entrevistas podem ser orais ou escritas. Quando orais, elas são geralmente veiculadas em rádio ou televisão e, hoje em dia, através da Internet. As entrevistas escritas são veiculadas em meios de comunicação impresso ou eletrônico. Em ambos os casos, as entrevistas geralmente são trabalhadas pelo jornalista, que faz um recorte, apresentando ao público o que considera relevante na fala do entrevistado. Isso só não acontece quando a entrevista é feita ao vivo, ou seja, no momento em que é veiculada no meio de comunicação.

Na entrevista tomada como exemplo para nós, temos uma entrevista-diálogo que foi veiculada em um meio eletrônico: o caderno de Cultura do jornal digital O Estado de S. Paulo. Ela apresenta marcas de oralidade, como as reticências no final de algumas falas do entrevistado (“Tem figurinista, maquiador...”, ou “Eu. Talvez porque seja ateu...”), ou mesmo a marcação de expressões e gestos (“Eu, por exemplo, não faço piada com Alá ou Maomé, porque não quero morrer! Não quero que explodam a minha casa só por isso (risos). Mas de um modo geral, a gente vai fazendo, vai falando.”).

A estrutura das entrevistas pode obedecer à estrutura geral de qualquer texto: uma introdução, o desenvolvimento e uma conclusão, com uma especificidade, ela está amparada na opinião do entrevistado. Assim, em geral, ela é feita em formato de perguntas e respostas. Observe que, na entrevista que ilustra nossa aula, como introdução, são apresentados o tema e o entrevistado. Depois, desenvolve-se o tema, questionando-se acerca da imagem do universo artístico brasileiro, de suas peculiaridades, bem como das facilidades e dificuldades de se fazer humor no Brasil.

É bom atentarmos ao fato de que, numa entrevista, as perguntas devem sempre levar em consideração e se pautar nas respostas já dadas, de forma que o texto se torne mais fluido, como uma conversa. Observe que na entrevista com Porchat, o entrevistado termina uma resposta falando: “Porta dos Fundos fala de temas super polêmicos e nunca ninguém processou, brigou, nunca saiu...”. Essa afirmação leva o jornalista a perguntar: “Por quê? Acha que o limite é não ter graça?”. Nós, leitores, sentimos que o jornalista partiu da resposta para criar a pergunta e aprofundar o assunto.

Nesse corpo da entrevista, observe que as perguntas geralmente são feitas na segunda pessoa (“Vocês tocam em assuntos sensíveis...”), identificando o entrevistado pelo nome ou pelo cargo, e as respostas são, frequentemente, na primeira pessoa, pois expressam a opinião do entrevistado sobre aquele tema (“Acho que o Porta dos Fundos, por exemplo, é a resposta a essa pergunta.”). Dessa forma, caminha-se para a conclusão do texto, que, no caso da entrevista que lemos aqui, é o fato de que o Brasil precisa de um Ministro da Cultura comprometido com o cargo, que incentive o acesso à leitura e a eventos artístico-culturais.

Para uma entrevista ser bem feita, ela precisa ainda, portanto, que suas questões sejam adequadas ao tema. E essas questões tanto podem ser abertas, como “Como é fazer cinema no Brasil?”, ou fechadas, como “E a nova lei da TV a cabo? Acha que pode ajudar na formação de bons roteiristas?”. As questões abertas permitem uma resposta mais ampla do entrevistado. As questões fechadas direcionam o entrevistado para uma resposta específica.

Como toda linguagem jornalística, uma boa entrevista leva o entrevistado a falar sobre aquilo que se quer saber sem ser necessário que se estabeleça juízo de valor sobre o tema, ou sobre aspectos do tema. Dessa forma, o que deve transparecer é a opinião do entrevistado e não a do entrevistador.

Por fim, outra regra básica que serve, não só para a elaboração de uma boa entrevista, mas para qualquer tipo de texto de caráter jornalístico, é a clareza e a objetividade da linguagem. Não é muito adequado utilizar vocabulário muito complexo e muito difícil, e quando isso for necessário, é recomendável que o

jornalista sempre organize o texto de forma a esclarecer ao leitor aqueles conceitos mais complexos que a entrevista aborda.

REFLETINDO PARA CONHECER...

1. O texto desta aula é, em linhas gerais, uma entrevista porque
- (X) apresenta uma estrutura em forma de diálogo oral, em que percebemos claramente, através da pontuação e do uso dos verbos, a fala de cada um dos inúmeros participantes.
 - (X) simula uma conversa oral em formato de perguntas e respostas. As perguntas são sempre geradas a partir das respostas dadas pelo entrevistado que é, em geral, uma autoridade no assunto desenvolvido ao longo do texto.
 - () estrutura-se a partir de uma organização lógica, com introdução, desenvolvimento e conclusão em sequência narrativa e descritiva.
 - () contém uma série de informações importantes acerca de um tema controvertido visto e defendido a partir da opinião do autor do texto.
2. As entrevistas, de acordo com o que estudamos, podem ser
- (X) orais ou escritas, e podem assumir diferentes formatos de acordo com o veículo em que forem publicadas, se impresso ou televisivo, por exemplo.
 - () sempre escritas, pois são um formato de gênero textual criado e desenvolvido para a mídia impressa.
 - () um gênero jornalístico e, por isso, só podem ser veiculados em formato escrito. Em formato oral, elas seriam chamadas de conversas.
 - () um gênero jornalístico híbrido, entre o conto e a crônica, podendo apresentar ou não um entrevistado e um tema específico.

Compreendendo o texto...

1. Ao ser perguntado se achava que a internet seria a plataforma mais explorada pelos artistas, Fábio Porchat diz que “A internet não vai ser nada – já é.” O que o humorista quis dizer com essa afirmação?

Resposta sugerida: Com essa afirmação o autor quis mostrar que este não é um acontecimento futuro, e sim algo que já é realidade em nossos dias: para ele, a internet é hoje a plataforma de exposição e divulgação mais explorada pelos artistas para a difusão seus trabalhos.

2. Para o entrevistado, o programa Porta dos Fundos faz tanto sucesso porque

a) fala mal de todo mundo.

b) tem um público diferente, fiel, entre 20 e 50 anos.

c) o público estava carente de um conteúdo humorístico na internet.

d) ganhou o prêmio APCA.

() Apenas a e b estão corretas.

() Apenas d está correta.

() Apenas a está correta.

(X) Apenas b e c estão corretas.

3. “A Marta está ministra da Cultura”. Explique o que o roteirista quis dizer com isso.

Resposta sugerida: O roteirista quis mostrar a transitoriedade do cargo assumido pela política Marta Suplicy. “Estar” ministra da Cultura não significa “ser” ministra da Cultura: “A Marta “está” ministra da Cultura. Amanhã, ela sai candidata a senadora”. – (última pergunta)

4. Por que, segundo o entrevistado, há uma carência de bons roteiristas no Brasil? Retire do texto trechos que confirmem sua resposta.

Resposta sugerida: Para o roteirista há, sim, uma carência de bons roteiristas no Brasil, pois não há escolas formadoras de roteiristas e nem valorização do profissional. “No Brasil, as pessoas não estão nem aí pra roteiros...” , “Aqui, se se um roteirista entrar em greve, as pessoas falam: ‘Ah, chama um tio meu que escreve uma piadas engraçadas’. E levam o cara.” – (23ª pergunta)

Refletindo além do texto...

Os próximos três textos apresentam o mesmo tema, mas sob perspectivas diferentes. Leia-os.

Texto 1

Tire suas dúvidas sobre a Lei da TV Paga

- Para quê foi criada a Lei 12.485?

A Lei 12.485 foi discutida por 5 anos no Congresso Nacional e propõe remover barreiras à competição, valorizar a cultura brasileira e incentivar uma nova dinâmica para produção e circulação de conteúdos audiovisuais produzidos no Brasil, de modo que mais brasileiros tenham acesso a esses conteúdos.

Abrindo o mercado a novos competidores, a lei amplia a oferta do serviço e estimula a diminuição do preço final ao assinante, além de estabelecer a obrigação de programação de conteúdos brasileiros nos canais de espaço qualificado, e de canais brasileiros dentro de cada pacote ofertado ao assinante.

A Lei 12.485 abre oportunidades de crescimento para diferentes segmentos do mercado: para as produtoras, porque haverá demanda por 1.070 horas anuais de conteúdos nacionais e independentes inéditos; para as programadoras brasileiras, já que a lei induz o aumento da demanda por novos canais brasileiros de espaço qualificado; e para a programadoras estrangeiras, que terão uma proximidade maior do público brasileiro.

O efeito mais evidente para o consumidor será a maior oferta de conteúdo nacional. Outro efeito importante para o assinante é que as novas regras deverão promover a redução do preço dos pacotes de serviços de TV paga e também do acesso à Internet de banda larga de alta velocidade, já que as empresas de telecomunicações serão estimuladas a investir na modernização das redes de infraestrutura e expandir sua atuação para novos municípios.

Fonte:< <http://www.ancine.gov.br/faq-lei-da-tv-paga>>. Data de acesso: 06/05/15.

Texto 2

TELES NA TV PAGA

Empresas de telefonia já têm 18% dos assinantes

Operadoras de TV paga	Assinantes em set.10 Em milhões	Participação no mercado Em %
Net*	5,00	44,8
Sky	2,33	25,7
Embratel	0,89	9,8
Telefônica	0,47	5,1
OiTV	0,28	3,1
Grupo Abril**	0,17	1,8
Outros	0,87	9,6
Total	9,07	100

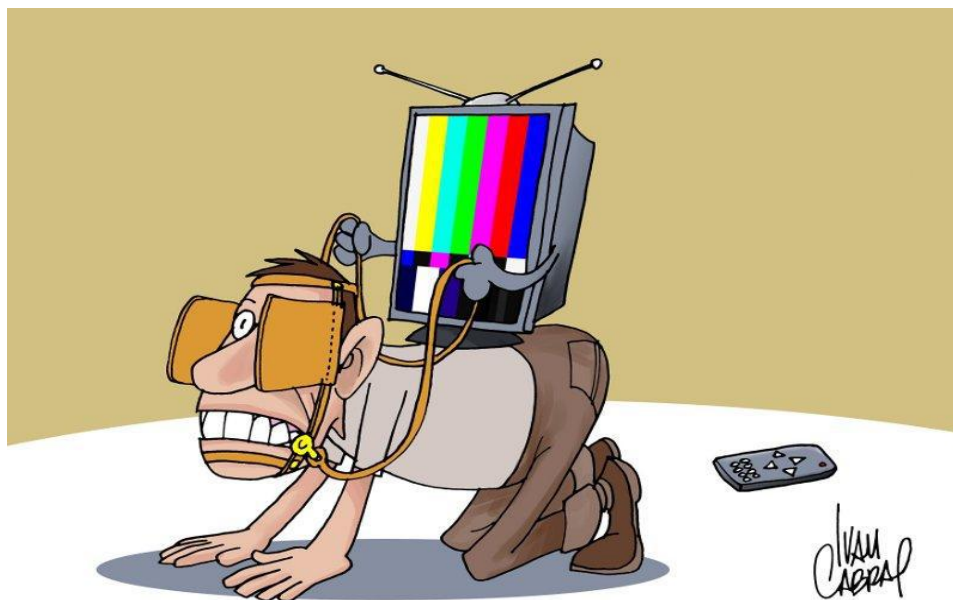
*Embratel é também acionista da Net

**Telefônica é também acionista da Abril

Fonte: Teleco

Fonte: <<http://multimidiati.blogspot.com.br/>>. Data de acesso: 06/05/15.

Texto 3



Fonte: < <https://blogtv tudo.wordpress.com/category/redacao-tvt/page/2/>>. Data de acesso: 06/05/15.

Após ler os textos acima, reflita e responda: será que o acesso à TV paga no Brasil pode contribuir para o aumento da cultura do povo brasileiro?

Resposta sugerida: Espera-se que o aluno perceba que a opção de escolha de canais, proporcionada pela quantidade maior de oferta do produto, pode contribuir para um aumento do número de telespectadores de programas informativos e culturais aos quais tais espectadores não têm acesso hoje. Assim, o usuário de TV teria maior autonomia, devido ao maior leque de opções, para realizar a escolha daquilo que ele considera relevante para sua formação e informação.

PRATICANDO PARA CONHECER...

PRODUÇÃO TEXTUAL: Chegou a sua vez...

No Blog “Jornalismo nas Américas” foi veiculado um “guia” para jornalistas que querem aprimorar a arte da entrevista. Leia-o para, a partir das dicas contidas, produzir sua entrevista.

Guia para jornalistas que querem aprimorar a arte da entrevista

Por Natalia Mazotte



Na rotina jornalística, a entrevista está entre as atividades mais essenciais. Ela é a alma do jornalismo: pode impulsionar ou detonar uma matéria, dar vida a narrativas e conduzir à compreensão de acontecimentos complexos. [...]

Apesar de não ser uma ciência exata, dominar algumas técnicas pode facilitar o caminho do jornalista que quer se tornar um entrevistador daqueles que arrancam boas respostas até das fontes mais evasivas. Conheça algumas delas neste guia preparado pelo Centro Knight com dicas de profissionais experientes no assunto.

1. Defina seus objetivos: Antes de mais nada é preciso saber o que se quer da entrevista: aspas, confirmação, contexto, reconstituir uma cena? Este é o primeiro passo para traçar a estratégia a ser adotada.

2. Esteja preparado: Uma boa entrevista começa muito antes do contato com o entrevistado. Fazer uma lista de perguntas prévias não garante o sucesso da entrevista, mas pesquisar e estar completamente por dentro do que será debatido e da pessoa com quem se debaterá pode render bons frutos.

3. Saiba como perguntar: Jornalistas frequentemente se deparam com entrevistados que não estão tão dispostos a falar quanto se deseja. Saber perguntar, nestas horas, faz toda a diferença:

- evite perguntas cujas respostas possam ser apenas "sim" ou "não"
- mantenha as perguntas curtas e focadas em um único assunto ;
- mantenha sua opinião fora das perguntas;
- não tente argumentar com a fonte para convencê-la da sua versão.
- sempre questione: como você sabe?;
- peça exemplos e descrições, isso ajuda a fonte a lembrar e articular as respostas

4. Conduza uma conversa: Aprenda a fazer anotações sem olhar apenas para o caderno. É fundamental manter uma interação visual e corporal com o entrevistado.

5. Escute e controle o ritmo: Não corte a possibilidade de informações mais profundas virem à tona pulando muito rapidamente para a sua próxima pergunta.

6. Faça perguntas a partir das respostas: Seja um ouvinte interessado e perceba quando as respostas te levam para outras perguntas sobre o tema.

7. Negocie os termos de antemão: Deixe claro o propósito e o contexto da entrevista e procure saber no início as preocupações da fonte.



Fonte: <<https://knightcenter.utexas.edu/pt-br/blog/00-14023-guia-para-jornalistas-que-querem-dominar-arte-da-entrevista>>. Data de acesso: 06/05/15 – adaptada.

Chegou a sua vez de dar uma de entrevistador:

- Pense em uma pessoa de sua família, de sua escola ou de sua comunidade que esteja realizando ou tenha realizado algo que você considere importante;
- Escreva um parágrafo de apresentação do evento que torna essa pessoa especial, bem como a apresentação do próprio entrevistado, ou seja, justifique a presença da convidada, mostrando em que medida as ideias por ela defendidas na entrevista podem oferecer benefícios à comunidade a que ela pertence;
- Siga o passo a passo do guia acima, para planejar sua entrevista: defina seus objetivos, esteja preparado, saiba como perguntar, conduza a conversa, controle o ritmo, faça perguntas a partir das repostas que o entrevistado der;
- Traga sua entrevista para dividir com a turma!

#bombounanet

Quer saber mais?

- A primeira tirinha desta Unidade encontra-se no site de humor *O esquema*. O site (<http://www.oesquema.com.br/mauhumor/tag/entrevistas-em-quadrinhos/>) apresenta uma seção com várias entrevistas em quadrinhos que valem a pena conferir.
- Assista a dramatização da crônica de Veríssimo, *Aí, galera*, que você leu na introdução desta Unidade, no site <http://luizfverissimo.blogspot.com.br/2008/09/galera.html>
- O humorístico mais famoso da Internet, o Porta dos Fundos, também mencionado nesta unidade, fez um esquete (jan. 2015), estrelado por Gregório Duvivier e Rafael Infante, no qual brinca com a imagem dos entrevistadores de *talk shows*. Confira em https://www.youtube.com/watch?v=T2FRa_sQK0R0.



Fontes de pesquisa:

CARVALHO, Laiz; DELMANTO, Dileta. **Coleção Jornadas.port**. São Paulo: Saraiva, 2012.

BALTHASAR, Marisa; FIGUEIREDO, Laura de; GOULART, Shirley. **Coleção Singular & Plural** – Leitura, produção e estudos de linguagem. São Paulo: Moderna, 2012.

UNIDADE didática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. Programa de Iniciação Tecnológica e Cidadania. Disponível em <<http://docente.ifrn.edu.br/>>

<http://www.brasilecola.com>

<http://portaldoprofessor.mec.gov.br>

<http://revistaescola.abril.com.br/fundamental>

UNIDADE 3:

ABRINDO O JORNAL: EM DIA COM O QUE ACONTECE

CONHECIMENTO GERA CONHECIMENTO...

Leia os textos a seguir e, em seguida, responda às perguntas em "Primeiras impressões...".

TEXTO 1

Poema do jornal

O fato ainda não acabou de acontecer
e já a mão nervosa do repórter
o transforma em notícia.
O marido está matando a mulher.
A mulher ensanguentada grita.
Ladrões arrombam o cofre.
A polícia dissolve o meeting¹.
A pena escreve.

Vem da sala de linotipos² a doce música mecânica.



Carlos Drummond de Andrade (nascido em 31/10/1902 e falecido em 17/08/1987) foi um poeta, contista e cronista brasileiro, considerado por muitos o mais influente poeta brasileiro do século XX.

(FONTE: Carlos Drummond de Andrade. Disponível em < <http://carlos-drummond-de-andrade.blogspot.com.br/>. Data de acesso: 20/04/15)

¹**meeting** = reunião

²**linotipo** = máquina de impressão de jornais

TEXTO 2



Fonte< <http://www.drsandro.org/charges/>>. Data de acesso: 28/04/15.

Primeiras impressões...

- Qual é o tema da poesia acima?

Resposta esperada: A poesia fala sobre como o repórter transforma a realidade em notícia.

- Qual a característica mais marcante da notícia para o eu lírico?

Resposta esperada: A rapidez com que o acontecimento se transforma em notícia.

- Preste atenção ao texto 2. Ele é uma charge. O que ele tem em comum com o texto 1?

Resposta esperada: O texto dois também fala sobre notícia. Mas enquanto o texto 1 fala em como o repórter transforma a realidade em notícia, o texto 2 discute o modo como a notícia é transmitida.

- Reflita, com base no texto 2: as notícias são sempre aquilo que gostaríamos de saber, ler ou ouvir?

Resposta esperada: Nem sempre a notícia é aquilo que gostaríamos de ouvir, pois o repórter – ou jornalista – tem um compromisso com a verdade.

CONHECENDO O GÊNERO

Notícia – De olho na atualidade

Nesta unidade, você vai conhecer um gênero textual muito comum atualmente: a notícia.

Na seção anterior desta Unidade, vimos um poema que fala sobre como o poeta vê o ofício daquele que produz a notícia e da velocidade com que o fato torna-se uma notícia, e vimos também uma charge que remonta a esse universo jornalístico, mostrando que nem sempre o texto noticiado é aquele que gostaríamos que fosse.

A notícia é um formato de divulgação de um acontecimento por meios jornalísticos, sendo veiculada em jornais, revistas, Internet e rádio. Na verdade, é a matéria-prima do jornalismo, normalmente reconhecida como algum dado ou evento socialmente relevante, e que merece publicação numa mídia. Fatos políticos, sociais, econômicos, culturais, naturais e outros podem ser notícia se afetarem indivíduos ou grupos significativos para um determinado veículo de imprensa. Grande parte das vezes, a notícia pode ter conotações diferenciadas, justamente por ser excepcional, anormal ou de grande impacto social, como acidentes, tragédias, guerras e golpes de estado.

Notícias têm um maior valor jornalístico quando acabaram de acontecer e não foram noticiadas previamente por nenhum veículo. Nem todo texto jornalístico é notícia, mas toda notícia é potencialmente objeto de apuração jornalística.

Textos desse gênero pertencem à ordem do relatar e tem modo próprio de organização. O modelo de notícia mais evidente nos maiores jornais brasileiros está centrado no leitor, e a intenção de quem o produz é mostrar-se claro e o mais esclarecedor possível a quem lê.

As partes que compõem a notícia são o **título**, cuja função é mostrar ao o que encontrará no texto e, também, ser atraente o bastante para despertar no leitor o interesse em ler o texto; o **subtítulo** (ou linha fina), que explica melhor ao

leitor do que trata a notícia, ampliando a informação dada no título e direcionando a atenção do leitor para aspectos que deseja destacar; o **lead** que, geralmente, é o primeiro parágrafo do texto noticioso e responde às perguntas: Quem? O quê? Onde? Quando? Por quê?; o **corpo** da notícia, no qual lemos os detalhes das perguntas que foram respondidas de maneira objetiva e sucinta no *lead*, e o **fecho**, que é a conclusão, o fechamento da notícia.

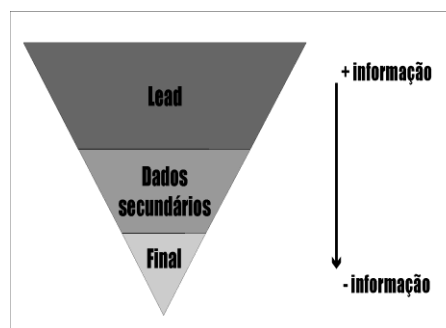
Na notícia, verifica-se um texto que busca, geralmente, a impessoalidade, a clareza, a objetividade e cuja estrutura se orienta a partir de respostas àquelas perguntas típicas do *lead*. No entanto, o suporte e o público alvo também definem um perfil particular para esses textos, “quebrando”, muitas vezes, sua forma padrão.

Assim, são características da notícia:

- Narração: fato, pessoas envolvidas, tempo em que ocorreu o fato, lugar onde ocorreu, como e por que ocorreu o fato;
- Função referencial da linguagem;
- Linguagem impessoal, clara, objetiva, direta, padrão culto.

A pirâmide invertida ilustra a técnica tradicional de redação de notícias, que começa pelas informações mais importantes e segue com os complementos. Há dois tipos básicos de Lide, segundo o Manual de Redação da Folha de São Paulo:

- o noticioso, responde as questões principais em torno de um fato (o quê, quem, quando, como, onde, por quê);
- o não-factual, que lança mão de outros recursos para chamar a atenção do leitor.



Além das partes já citadas (título, subtítulo, *lead* e corpo), para guiar a leitura de uma notícia, ou mesmo complementar ou aprofundar as informações dadas pelo texto, temos as **fotos** e, acompanhando-as, temos as **legendas**, que explicam as imagens. Tanto as fotos quanto as legendas devem conter informações relevantes, pois muitas vezes são os únicos elementos da notícia em que o leitor se detém.

Empresas de criação de sistemas fazem sucesso

Subtítulo

Setor tem crescimento de 12,4% e arrecadação de U\$ 21,4 bilhões

Desenvolvimento para celulares

Lead

• Há quatro anos no mercado, a Mobits é uma empresa especializada em desenvolvimento de programas para plataformas móveis, como celulares e tablets.

Hildi Medeiros, 28 anos, sócia-fundadora e diretora de comunicação da empresa, explica que quando os sócios decidiram investir no próprio negócio, já existiam muitas empresas que desenvolviam para web, então procuraram uma nova área.

“Percebemos que a área de desenvolvimento de celular era bem pequena, mas promissora. A chegada do iPhone trouxe junto um novo tipo de negócio, a distribuição de aplicativos por uma loja no próprio celular. Antes, a distribuição deles era feita apenas pelas operadoras”, explica.

Corp

A empresa trabalha com produtos próprios e também no desenvolvimento de aplicativos para terceiros. Entre os aplicativos para outras empresas se destaca o BoaDica, que ajuda as pessoas a encontrarem os melhores preços dos produtos de informática do Rio de Janeiro, e também a versão para iPad e Android do fantasy game Cartola FC.

“É um ramo que muda muito e isso é muito bom!



Debora Nunes

Modernização de empresas gera demanda de profissionais na área de informática

Para trabalhar nessa área é necessário estar antenado com as novas tecnologias e tendências”, afirma.

Hildi explica que as empresas brasileiras precisam, cada vez mais, se modernizar para entrarem no mercado mundial e conquistarem melhores resultados. É essa demanda para as empresas de desenvolvimento.

“No âmbito do mercado

móvel, nós vemos que, por ser a grande tendência, as empresas não querem ficar de fora. Querem ter sua marca mais presente na vida das pessoas e ganhar um status por estar num mercado tão novo e promissor”, comemora.

Hildi explica que a empresa é formada por cinco sócios, e que a experiência adquirida durante a facul-

dade foi essencial para o sucesso da empresa.

“Uma das vantagens da área de informática é que para iniciar um negócio não preciso ter um grande investimento, a não ser a mão de obra dos próprios sócios. E foi isso que ocorreu conosco. Com iniciamos já com um cliente, próprio pagamento do projeto serviu para iniciar as atividades da Mobits”, diz. ■

Título

Foto

Legenda

Fecho

Leia a notícia abaixo:

GAZETA DO POVO

VIDA E CIDADANIA VIDA PÚBLICA ECONOMIA MUNDO ESPORTES CADERNO G VIVER BI

Vida e Cidadania

VERÃO HISTÓRIA MEIO AMBIENTE EDUCAÇÃO SAÚDE CONSUMIDOR COLUNISTAS

Leia também » Guerra do Paraguai Série Perfis Guia de Pós Obituário Ferrovia 130 anos Ocupe Curitiba



Compartilhar - há 50 minutos



MÍDIAS SOCIAIS

Jovem é vítima de injúria racial no Facebook em Curitiba

Quatro jovens participaram de uma conversa no Facebook e um deles utilizou termos como "neguinha" para se referir a ela. O caso ocorreu na noite de segunda-feira (9)

10/01/2012 | 11h54 | [Fernanda Leitões](#)

Comentários (0)

Uma jovem que mora em Curitiba foi vítima de preconceito racial por meio de uma mídia social. Ela foi fotografada — sem saber — dentro de um ônibus do transporte coletivo da capital. Quatro jovens participaram de uma conversa no Facebook e um deles utilizou termos como "neguinha" para se referir a ela. O caso ocorreu na noite de segunda-feira (9).

A foto foi postada no Facebook e um amigo avisou-a sobre o fato. Ela postou um desabafo nesse site e um print screen de parte da conversa dos quatro rapazes. A história gerou repercussão no site de relacionamentos e cerca de 17 mil pessoas já tinham compartilhado o relato da jovem sobre o caso até as 13h45 desta terça-feira. O caso teve início com um mal entendido no interior do veículo. Segundo o relato da jovem no site de relacionamentos, o noivo teria colocado a mão na perna dela. Os rapazes que assistiram à cena entenderam que ela estava sendo assediada e teria consentido.

O delegado do Núcleo de Combate aos Cibercrimes (Nuciber), Demétrius Gonzaga, afirmou que o caso não foi comunicado oficialmente à polícia e não houve a elaboração de boletim de ocorrência.

Gonzaga explicou que os quatro jovens podem ter cometido dois crimes: difamação e injúria racial. Na hipótese de serem processados e condenados, a pena varia de três meses a um ano no primeiro crime, e entre um e três anos de reclusão no segundo caso.

A reportagem entrou em contato nesta manhã com a jovem. Ela preferiu não se manifestar sobre o caso – além do que já havia postado no Facebook.

As páginas no Facebook de três dos jovens que participaram da conversa não estavam disponíveis nesta terça – devem ter sido apagadas.

Fonte: Gazeta do Povo. Disponível em <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/jovem-e-vitima-de-injuria-racial-no-facebook-em-curitiba-7klu2j7alwm9m9q50nxd6xrgu>>. Data de acesso: 28/04/2015.

Para começar nossa análise desta notícia, vamos observar onde ela foi veiculada. Como você deve ter observado, ela está na página da coluna Vida e Cidadania e na seção Mídias Sociais do jornal Gazeta do Povo (veja a logomarca no canto superior esquerdo), um jornal do estado do Paraná.

A notícia traz o seu **título** (“Jovem é vítima de injúria racial no Facebook em Curitiba”) e, logo abaixo, um **subtítulo** que aprofunda um pouco mais as informações do título (Quatro jovens participaram de uma conversa no Facebook e um deles utilizou termos como “neguinha” para se referir a ela. O caso ocorreu na noite de segunda-feira (9)). Além disso, os **sobretítulos** (Vida e Cidadania / Mídias Sociais) servem para situar a informação dentro de uma área específica, e a **foto** que, neste caso em especial não possui legenda, mas é explicada no segundo parágrafo do texto (“Ela postou um desabafo nesse site e um *print screen* de parte da conversa dos quatro rapazes”).

Vamos ao texto propriamente dito? Observe que, no primeiro parágrafo da notícia, a autora diz, de forma bem ampla, de que vai tratar. No parágrafo seguinte, ele especifica um pouco mais sobre o acontecimento.

No terceiro e quarto parágrafos, ela traz o parecer da autoridade encarregada de investigar o crime e a pena passível aos infratores. Em seguida,

explica ter tentado entrar em contato com as partes envolvidas no caso, sem sucesso. Volte à notícia e procure observar esses pontos que salientamos.

REFLETINDO PARA CONHECER...

1. Releia a notícia “Jovem é vítima de injúria racial no Facebook em Curitiba” veiculada pelo jornal Gazeta do Povo, e responda ao que se pede.

O que aconteceu?	Um crime de preconceito racial e injúria no Facebook
Com quem?	Uma jovem cujo nome não é citado
Quando?	Numa noite de segunda-feira (09/01/12)
Onde?	Em Curitiba, capital do Paraná.
Como?	A jovem foi fotografada dentro de um ônibus, e sua foto foi postada no Facebook com comentários preconceituosos. Um amigo da menina viu e alertou-a.

2. A jovem foi vítima de preconceito

- a) por ser negra.
- b) por ser mulher.
- c) por estar num transporte coletivo.
- d) por estar namorando dentro do ônibus.

() Apenas a e b estão corretas.

(**X**) Apenas a está correta.

() Apenas d está correta.

() Apenas c e d estão corretas.

3. Considerando o texto, assinale a alternativa que apresenta uma paráfrase para o trecho “na hipótese de serem processados e condenados, a pena varia de três meses a um ano...”.

() “quando forem processados e condenados, a pena variará de três meses a um ano...”

(X) “na suposição de serem processados e condenados, podem pegar uma pena que varia de três meses a um ano...”

() “na hipótese de serem presos, terão de três meses a um ano para responder o processo...”

4. Observe a notícia abaixo:



Duas adolescentes da Flórida são presas por morte de vítima de cyberbullying

Perseguição de jovens de 12 e 14 anos teria levado a suicídio de menina de 12

POR O GLOBO / COM AGÊNCIAS INTERNACIONAIS
15/10/2013 11:52 / ATUALIZADO 15/10/2013 12:10



Rebecca Ann Sedwick: perseguição online terminou em suicídio - Foto do Escritório do Xerife do Condado de Polk

WINTER HAVEN, Flórida - Duas jovens foram presas nesta terça-feira por suspeita de ligação com a morte de uma adolescente de 12 anos. De acordo com as autoridades da Flórida, Rebecca Ann Sedwick se suicidou após ser durante aproximadamente um ano vítima de cyberbullying praticado por um grupo de meninas de Winter Haven.

As duas adolescentes detidas têm 12 e 14 anos e foram acusadas de perseguição criminosa agravada, de acordo com a polícia do Condado de Polk.

As investigações indicam que Rebecca foi aterrorizada por um grupo de até 15 adolescentes, que por meses a perseguiram com e-mails e torpedos. No dia 9 de setembro, Rebecca escalou uma torre de seis andares em uma fábrica abandonada e se jogou do alto.

Telefones celulares e computadores foram apreendidos pela polícia durante as investigações. Uma das mensagens dizia que Rebecca deveria se matar: "Você ainda não se matou? Se jogue do alto de um prédio."

Outras diziam que a menina estava acima do peso e sugeriam que usasse lâminas ou mesmo remédios para se matar. Uma imagem chegou a ser enviada com a foto de Rebecca com a cabeça sobre um trilho de trem.

A perseguição teria começado por causa de um rapaz, e a jovem teria entrado em depressão, segundo sua família.

Fonte: < <http://oglobo.globo.com/mundo/duas-adolescentes-da-florida-sao-presas-por-morte-de-vitima-de-cyberbullying-10370142>.> Data de acesso: 28/04/15.

Associe:

- (1) Título
- (2) Subtítulo
- (3) Sobretítulo

(3) Mundo

- (1) Duas adolescentes da Flórida são presas por morte de vítima de cyberbullying
- (2) Perseguição de jovem de 12 e 14 anos teria levado a suicídio de menina de 12

5. Em resposta às perguntas abaixo, resuma, em um parágrafo, o que foi tratado em cada parágrafo da notícia em O Globo:

- I. O que aconteceu?
- II. Onde aconteceu?
- III. Como aconteceu?
- IV. Com quem aconteceu?
- V. Por que aconteceu?

Resposta esperada: Duas adolescentes, uma de 12 e outra de 14 anos, foram presas acusadas da morte de uma outra adolescente de 12 anos. O caso aconteceu na Flórida (EUA) e as jovens presas, segundo a polícia, vinham praticando cyberbullying com a outra jovem que, após não suportar a perseguição, subiu num prédio e se atirou lá de cima.

6. Observe as fotos abaixo. Suponhamos que elas tenham sido retiradas de notícias jornalísticas. Crie para elas uma legenda que explique a imagem e seja atrativa para o leitor.

a)



b)



c)



d)



Respostas pessoais.

Refletindo além do texto...

Texto 1

Aquele que, por ato ilícito (arts. 186 e 187), causar dano a outrem, fica obrigado a repará-lo

Parágrafo único. Haverá obrigação de reparar o dano, independentemente de culpa, nos casos especificados em lei, ou quando a atividade normalmente desenvolvida pelo autor do dano implicar, por sua natureza, risco para os direitos de outrem.

Fonte; Jus Navigandi. Disponível em <http://jus.com.br/artigos/32619/cyberbullying-e-responsabilidade-civil-do-provedor-de-internet-na-lei-do-marco-civil#ixzz3YiYKTNAj>. Data de acesso: 29/04/15.

Texto 2

O artigo 20 da Lei nº 7.616/89 é um tipo penal aberto, pois estabelece a oportunidade de o operador do direito analisar determinadas condutas que não foram expressas pelos artigos anteriores. Christiano Jorge Santos (2010, p. 121) reforça tal entendimento: “Atualmente, a grande maioria das condutas de preconceito e discriminação da lei em estudo acabam enquadradas nesse artigo, revelando bem ter agido o legislador ao aperfeiçoar o tipo penal.”

Portanto, a prática desse delito é caracterizada por qualquer ato que sinalize preconceito ou discriminação penalmente punível, ou seja, por meio de gestos, sinais, expressões, palavras faladas ou escritas ou atos físicos, e não apenas contra um indivíduo, e sim ao grupo ao qual ele pertence.

Fonte: Jus Navigandi. Disponível em <http://jus.com.br/artigos/29420/preconceito-racial-contra-o-negro-a-luz-da-lei-n-7-716-89-crimes-resultantes-de-preconceito-de-raca-e-cor/2#ixzz3Yib2EFFb>.
Data de acesso: 29/04/15.

Após ler os textos acima, releia a notícia “Jovem é vítima de injúria racial no Facebook em Curitiba” e opine: será que essa jovem está exagerando em seus sentimentos em relação aos fatos que aconteceram com ela, ou ela está com razão?

Resposta esperada: Espera-se que o aluno perceba que os distúrbios provocados pelo bullying – ou pelo cyberbullying – não são um exagero. As vítimas ficam fragilizadas e, por vezes, para cessar o sofrimento, acabam tirando a própria vida. Espera-se também que o aluno relacione tal prática a um crime.

APROFUNDANDO PARA CONHECER...

Reportagem é notícia?

Enquanto a notícia nos diz, no mesmo dia ou no dia seguinte, se o acontecimento entrou para a história, a reportagem nos mostra como é que isso se deu. Tomada como método de registro, a notícia se esgota no anúncio; a reportagem, porém, só se esgota no desdobramento, na pormenorização no relato dos fatos.

O salto da notícia para a reportagem se dá no momento em que é preciso ir além da notificação e passa para o detalhamento, para o questionamento de causa e efeito, visando a interpretação e o impacto da notícia, que adquire uma nova dimensão narrativa e ética.

A reportagem, por apresentar uma visão mais aprofundada do fato, deve apresentar a soma das diferentes versões de um mesmo acontecimento.

Veja um exemplo:

Cultura digital, Internet, Link no Papel

24 de outubro de 2010 17h00

Estudantes revelam que o fundo do poço é terminar mudando o status no Facebook, mas admitem fora digital em caso de relacionamento superficial ou traição

Desconectado

Por Redação Link

Juliana Cunha, especial para o Estado



A bancária paraibana Ana Paula Santos, 32 anos, estava curtindo seu combo chocolate e literatura B algumas horas depois de levar um fora do namorado quando foi avisada via *Facebook* que o fulano já estava oficialmente solteiro. Como se não bastasse, dois amigos do casal já haviam “curtido” a solteirice dele.

A solução de Ana Paula foi bloquear o trio que, segundo ela, foi no mínimo inadequado. “Sinto que ele deveria esperar algumas semanas para anunciar aos quatro ventos que não estávamos mais juntos. E os amigos simplesmente não tinham o direito de demonstrar alegria com o término, acho desrespeitoso comigo.”

No livro *The Breakup 2.0 – Disconnecting over New Media* (Desenlace 2.0 – Desconectando-se através das Novas Mídias, sem previsão de lançamento em português), a professora Ilana Gershon tentou entender como acontecem os terminos de relacionamento nas mídias digitais e por que a troca de status nas redes sociais dói tanto.

Fundo do poço. Ilana Gershon, professora de Língua e Cultura da Universidade de Indiana, passou cinco anos fazendo um questionário com seus alunos sobre as regras de um primeiro encontro. “Eu propunha esse exercício para que os estudantes entendessem que faziam parte de uma comunidade que compartilhava expectativas, mesmo quando elas não eram claramente expostas.”

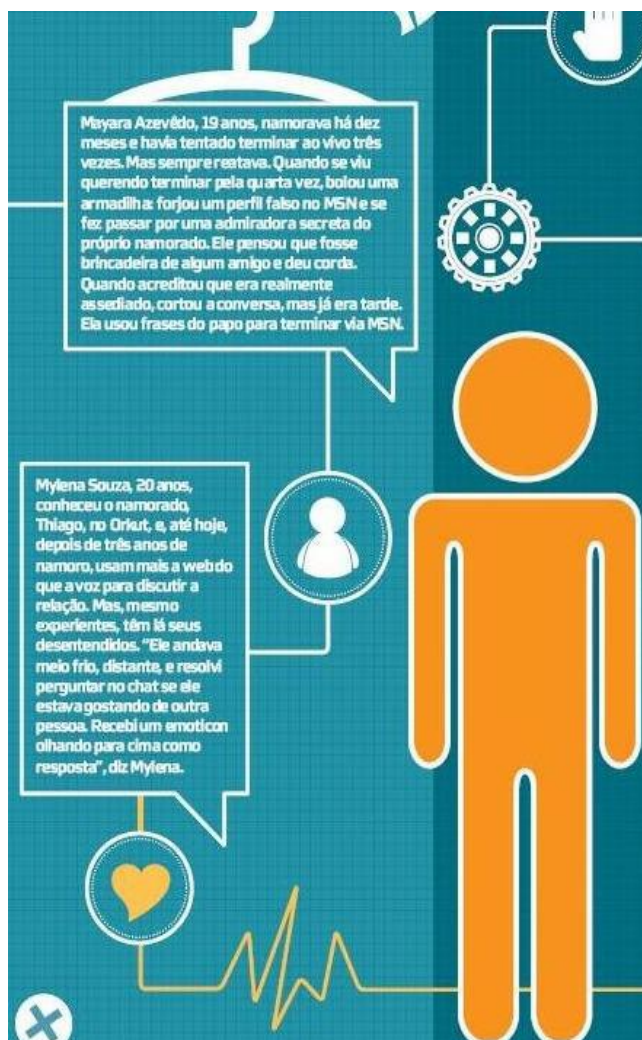
Apesar das diferenças entre os estudantes, as respostas foram mais ou menos as mesmas. Eles entendiam que as pessoas deveriam se vestir bem (sem exageros) no primeiro encontro, que o homem deveria pagar as primeiras contas e que não era adequado falar muito de relacionamentos anteriores, por exemplo.

As coisas começaram a ficar diferentes – e Ilana viu que estava diante de um novo objeto de estudo – quando ela fez uma alteração que pensava ser pequena: em vez de pedir que eles definissem um bom começo de relacionamento, pediu que dissessem o que seria errado no fim.



Ela esperava respostas envolvendo tudo aquilo que a sua geração compreendia como um fim catastrófico: flagrante de traição, baixaria, problemas na divisão de bens. No entanto, as respostas caminharam de forma quase unânime para mídias digitais: para eles, o fundo do poço é terminar por mensagem de texto, *Facebook* ou e-mail.

“As mídias digitais ficaram muito associadas à rapidez, à praticidade, conceitos que você gostaria de não ver associados ao término do seu relacionamento. Quase todas as pessoas que entrevistei compartilham o mesmo



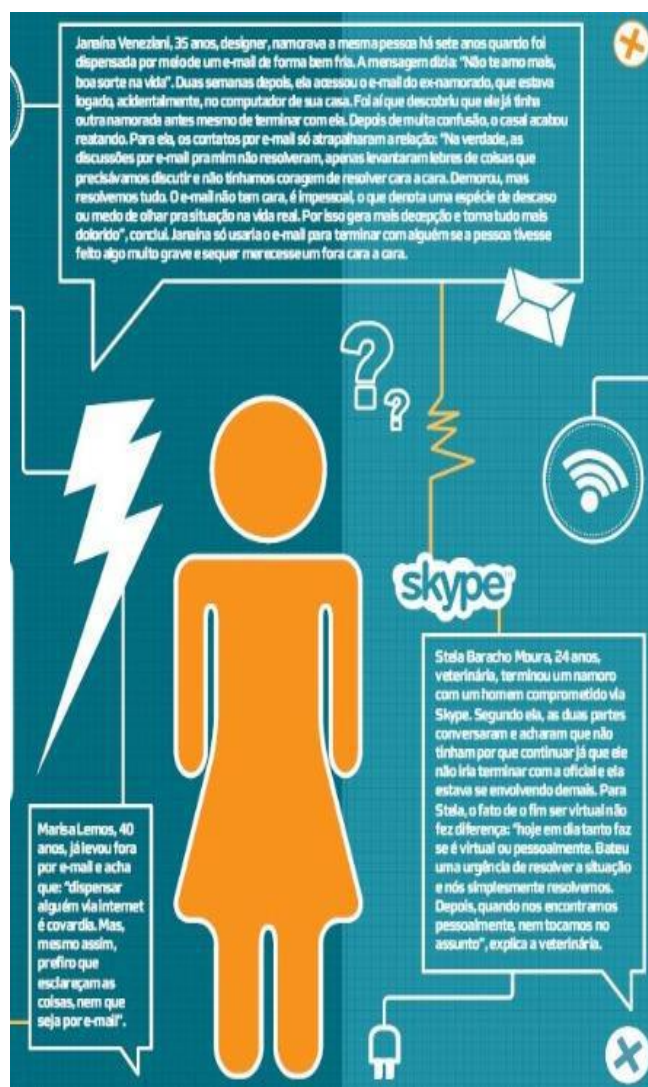
sentimento de que romper via internet significa falta de atenção e desprezo, um forte indicativo de que o relacionamento nunca foi relevante para o outro lado”, define. Para ela, o desconforto no uso de meio digitais em questões que pessoas entendem como fundamentais não atinge só os relacionamentos.

Ela acredita que grande parte da resistência contra a educação a distância ou a psicólogos que atendem via chat, por exemplo, parta dessa associação estabelecida entre internet e “praticidade” no mal sentido.

Apenas 4 dos 472 estudantes entrevistados por ela não compartilham da opinião de que usar mídias digitais para encerrar um namoro seria uma clara demonstração de indiferença. De todos os meios digitais, o *Facebook* foi apontado por 45% dos entrevistados como o mais terrível para fins de relacionamento e

32% das pessoas chegaram a considerar mais doloroso levar um fora virtualmente do que descobrir que haviam sido traídas.

Ilana nunca havia pensado que uma geração que praticamente vive digitalmente valorizasse tanto o contato cara a cara quando se trata de fim de relacionamentos. “Se muitos daqueles alunos conhecem seus pares pela internet,



brigam, se parabenizam e falam com os pais pela internet, qual seria o grande trauma de um rompimento usando mídias digitais?”, questiona.

A resposta estaria na mensagem implícita que o meio digital traz consigo: “Se eu mando uma carta para você, antes mesmo de você ler o conteúdo, já recebeu a mensagem de que eu escolhi um papel, escrevi à mão, fui até o correio e postei aquela mensagem. A carta em si já diz que eu perdi pelo menos meia hora do meu dia em consideração a você. Já quando você envia um e-mail com o mesmo conteúdo a impressão do interlocutor é de que você queria resolver o assunto rapidamente”,

afirma ela. A curiosidade virou uma pesquisa de quatro anos que tomou corpo no livro publicado pela editora da Universidade de Cornell, onde a professora procura desvendar a influência do meio digital na mensagem quando se trata de relacionamentos.

Como desconectar. Segundo a pesquisa da professora Ilana Gershon, existe um consenso de que nada substitui o olho no olho quando se trata de fim de

relacionamentos, mas as pessoas abrem exceções quando não se trata exatamente de um casamento ou namoro.

Na pesquisa, 35% dos entrevistados afirmam que é aceitável pôr fim a uma relação superficial usando esse tipo de mídia. O número sobe para 43% quando empecilhos como o fato de uma das partes envolvidas não morar na mesma cidade são levantados e chega a surpreendentes 50% quando a parte que decide romper o relacionamento está convicta de que foi traída.

Mesmo para quem terminou o namoro ao vivo, a internet ainda é um campo minado para gafes. Seria adequado, por exemplo, anunciar aos quatro ventos na rede que você e o seu parzinho se desvencilharam poucas horas após o término? Para 47% dos entrevistados, seria educado esperar ao menos alguns dias antes de trocar o status de relacionamento do Facebook. 20% desses 47% ainda acham legal deixar esse campo em branco por um tempo em vez de sair escrevendo solteiro com letras garrafas.

Fonte: Estadão. Disponível em <<http://blogs.estadao.com.br/link/desconectado/>>. Data de acesso: 01/05/15.

Uma reportagem, em geral, tem origem em uma questão investigativa. A pergunta que gera a reportagem pode surgir a partir de uma notícia, de um fato ocorrido e presenciado ou observado pelo repórter, ou ainda de algo que esteja sendo discutido na sociedade em geral.

O texto que você acabou de ler fala sobre como a geração que faz tudo *on-line* lida com o fim do relacionamento nas mídias sociais. A autora se volta para uma situação que ela observa no meio em que vive e busca investigar, principalmente através da publicação de estudos da pesquisadora norte-americana Ilana Gershon, que embora conheçam indivíduos pela internet, iniciem amizades e namoros utilizando os meios virtuais, as pessoas não lidam bem com o fato do término virtual do namoro. O texto fala que 32% dos entrevistados consideram muito ruim a exposição do fim de um relacionamento através da internet. Pior até mesmo que descobrir uma traição.

O texto fala ainda que os estudantes entrevistados concordam, quase sempre, quando o assunto é o início de um relacionamento. As coisas começam a ficar diferentes quando a entrevistadora pede que eles digam o que seria errado no fim.

Para percebermos todas essas informações, precisamos fazer uma leitura abrangente do texto, observando diversos aspectos. Como você já deve saber, para compreendermos bem um texto, precisamos estar atentos tanto à sua estrutura quanto ao seu conteúdo, pois um texto é como se fosse um tecido de ideias que são organizadas de uma determinada forma, de acordo com a função comunicativa a que se destina.

Observando inicialmente a estrutura do texto, vemos que ele inicia com um título (**Desconectado**), que nos dá uma ideia sobre o tema da reportagem, mas aprofunda um pouco mais as informações no subtítulo (Em pesquisa, estudantes revelam que o fundo do poço é terminar mudando o *status* no *Facebook*, mas admitem fora digital em caso de relacionamento superficial ou traição).

O texto discorre sobre os hábitos de jovens e adolescentes quanto aos relacionamentos amorosos. A reportagem é permeada por gráficos coloridos que foram utilizados para sintetizar, de forma clara e destacada, um resumo dos números tratados dentro da reportagem, chamando nossa atenção para estatísticas que traçam um “manual para o fim do relacionamento *on-line*”. Nós, leitores, imediatamente percebemos que esses dados referem-se exatamente às estatísticas mencionadas ao longo do texto, não é verdade? Em outras palavras, começamos a compreender o texto através da percepção da coesão (ou da ligação) do sentido entre palavras, frases e imagens.

Agora vamos explorar o texto...

1. O título da reportagem é “**Desconectado**”.

a) Explique o duplo sentido desse título.

Resposta esperada: Em informática, em seu sentido literal, a palavra desconectado tem o sentido de “estar sem conexão” ou “ter uma conexão interrompida”. No texto, em sentido figurado, a palavra adquire o significado de “afastado, separado ou desligado de um relacionamento”.

b) A que trechos do texto podemos associar o título? Marque as opções que você achar que você achar que cumprem essa função.

(X) “A bancária paraibana Ana Paula Santos, 32 anos, estava curtindo seu combo chocolate e literatura B algumas horas depois de levar um fora do namorado” – 1º§

(X) “...como acontecem os términos de relacionamento nas mídias digitais e por que a troca de status nas redes sociais dói tanto.” – 3º§

() “As mídias digitais ficaram muito associadas à rapidez, à praticidade, conceitos que você gostaria de não ver associados ao término do seu relacionamento.” – 8º§

() “A curiosidade virou uma pesquisa de quatro anos que tomou corpo no livro publicado pela editora da Universidade de Cornell” – 12º§

2. Releia o subtítulo abaixo.

Estudantes revelam que o fundo do poço é terminar mudando o status no Facebook, mas admitem fora digital em caso de relacionamento superficial ou traição

a) O que significa “mudar o *status*” numa rede social como o *Facebook*?

Resposta: Nas redes sociais, como o Facebook, há uma caixa de texto que deve ser preenchida com o estado civil do participante: solteiro ou comprometido/casado. Mudar o *status* seria trocar de comprometido/casado para solteiro, ou vice-versa.

b) Por que, para os estudantes entrevistados, terminar o relacionamento mudando o *status* no *Facebook* é considerado o fundo do poço?

Resposta: Porque demonstra indiferença, falta de atenção, desprezo, o que torna mais penoso algo que já é difícil: o término de um relacionamento.

c) Qual a opinião da pesquisadora, Ilana Gershon, a respeito dos sentimentos experimentados por esses entrevistados?

Resposta: para a pesquisadora, isso resulta do fato de a pessoa associar a rapidez e a praticidade da internet a um sentimento de irrelevância dado ao relacionamento, ou a indiferença demonstrada pelo parceiro.

3. Compare as informações que constam na reportagem com as dos gráficos que a ilustram e marque a que melhor completa a informação abaixo:

Tanto o texto principal quanto os gráficos que o acompanham têm implícito o conceito fundamental de que

a) por meio das novas mídias digitais é possível fazer todas as coisas, inclusive terminar um namoro.

b) o término de um relacionamento é uma questão que mexe com a sensibilidade.

c) as novas tecnologias não substituem o contato humano.

Resposta : C

PRATICANDO PARA CONHECER...

Sente-se com um colega e leiam os textos a seguir. Dois deles foram publicado no Brasil, e o outro em Portugal, mas os três falam sobre o mesmo tema que vimos ao longo desta Unidade: a utilização das redes sociais.

TEXTO 1

ciência e tecnologia

Tamanho do texto **A-** **A+**

Faça seu comentário | Leia os comentários | Compartilhe | Imprimir | RSS | Celular

28/05/2010 - 23:25 - ATUALIZADO EM 28/05/2010 - 23:48

O poder e o risco das redes sociais



0



38



280



280 pessoas curtiram isso.

Um bilhão de pessoas se encontram, trabalham, amam e brigam em sites como Orkut, Facebook e Twitter. Que oportunidades eles nos oferecem? E quanto expõem nossas vidas?

ALEXANDRE MANSUR, BRUNO FERRARI E CAMILA GUIMARÃES

Uma em cada sete pessoas no planeta frequenta as redes sociais da internet. Essas imensas comunidades virtuais, organizadas por sites como *Facebook*, *Orkut* e *Twitter*, já abrigam quase 1 bilhão de habitantes, segundo a *Insights Consulting*. Juntos, estamos criando laços que superam distâncias físicas e sociais. Ganhamos um poder inédito para nos associar e trocar informações. Daí surgem astros, militantes ou simplesmente cidadãos mais ativos. Também descobrimos que essa nova sociedade, repleta de informações pessoais numa rede global de computadores, nos deixa mais expostos, seja a empresas interessadas em faturar ou bisbilhoteiros que vigiam nossas vidas. Provavelmente, teremos de aprender a lidar com esses riscos. Porque se desligar das redes será cada vez mais se exilar da própria sociedade humana.

Fonte: Revista Época. Disponível em <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0.EMI143995-15224,00-O+PODER+E+O+RISCO+DAS+REDES+SOCIAIS.html>>. Data de acesso: 01/05/15.

TEXTO 2

DN TV&MEDIA

INÍCIO POLÍTICA DESPORTO CARTAZ VÍDEOS GALERIAS NOTÍCIAS MAGAZINE

Portugal Globo Economia Ciência Artes TV & Media Opinião Pessoas

ESTUDO

Utilizadores do Facebook não dão importância à privacidade

por Lusa 04 janeiro 2011

Os utilizadores portugueses da rede social Facebook divulgam muita informação pessoal e profissional, não se mostram preocupados com a sua privacidade e desconhecem os riscos a que estão expostos, revela um estudo da Universidade de Coimbra.

A preocupação das pessoas sobre a privacidade na Internet é praticamente nenhuma. “Analisámos mais de 78 mil perfis do Facebook e todos têm acesso completamente público”, disse hoje à agência Lusa Francisco Rente, do Centro de Investigação em Sistemas (CISUC) da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCTUC).

O estudo, elaborado no âmbito do projeto Vigilis, que avalia o índice de segurança da Internet em Portugal, analisou 47 características presentes em 78.320 perfis e concluiu pela “total ausência de proteção” de dados pessoais disponibilizados pelos utilizadores.

As fotografias são públicas, qualquer um as pode ver. “A maioria revela pormenores de relações e um quarto das pessoas a sua entidade patronal”, exemplificou.

Segundo o coordenador do projeto Vigilis, ao disponibilizar informação “aparentemente básica”, como a morada ou a empresa onde trabalha, um utilizador das redes sociais “torna o seu perfil vulnerável a possíveis ataques piratas ou a situações maliciosas”.

Fonte: <http://www.dn.pt/inicio/tv/interior.aspx?content_id=1748446&seccao=Media>. Data de acesso: 01/05/15.

TEXTO 3

edição impressa

Índice geral do jornal de hoje

Navegue por editoria

poder ★★

TAMANHO DA LETRA + -

COMUNICAR ERROS !

IMPRIMIR

LINK

COMPARTILHAR

◀ TEXTO ANTERIOR

PRÓXIMO TEXTO ▶

Dilma assina lei com regras para internet

Presidente usa evento internacional para explorar politicamente êxito da iniciativa e constrange delegação alemã

Avaliação do governo é que Marco Civil ajuda petista a ganhar votos em território onde rivais têm maior presença

DE SÃO PAULO

A presidente Dilma Rousseff usou ontem um encontro internacional sobre a administração da internet para assinar a lei que estabelece novas regras para o funcionamento da rede de computadores no Brasil e explorar politicamente o êxito da iniciativa.

[...] O evento fez o governo pressionar o Senado para apressar a análise do Marco Civil da Internet, aprovado anteontem após mais de três anos de discussão no Congresso.

[...]

O objetivo principal do encontro é debater o controle da organização internacional responsável pela governança da internet, a Ican (Corporação da Internet para Atribuição de Nomes e Números, na sigla em inglês), hoje controlada pelo governo americano. A ideia é que ela passe a ser dirigida com a participação de outros governos, além de representantes da sociedade civil e do setor privado.

[...]

Dilma voltou a criticar os EUA, apresentando o Marco Civil como uma resposta do país aos programas usados pelo governo americano para monitorar

comunicações na internet, cuja existência foi revelada no ano passado por um ex-funcionário da CIA, a agência de espionagem americana, Edward Snowden.

"Esses fatos são inaceitáveis e continuam sendo inaceitáveis, atentam contra a própria natureza da internet", disse Dilma em seu discurso. "Os direitos que as pessoas têm off-line também devem ser protegidos on-line."

Fonte: Folha de S. Paulo. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/162799-dilma-assina-lei-com-regras-para-internet.shtml>>. Data de acesso: 01/05/15.

PRODUÇÃO TEXTUAL: Chegou a sua vez...

Considerem-se jornalistas a quem foi solicitado que escrevessem, para um grande jornal, uma notícia (ou uma reportagem) sobre a chegada no mercado de um computador com inteligência artificial, capaz de interagir com o seu dono, sabendo suas preferências, que reconhecesse seu timbre de voz etc. Para escrever seu texto, siga as orientações abaixo:

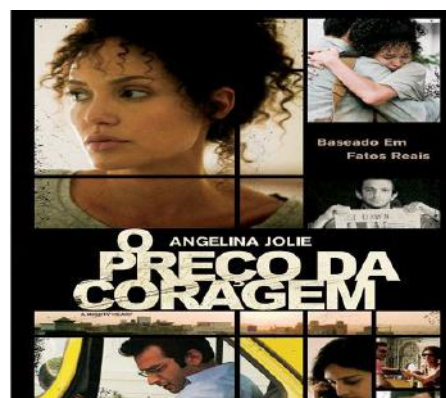
1. Imaginem como seria esse computador, nos moldes do Jarvis (do filme *Homem de Ferro*), ou uma versão melhorada da Siri (*software* de controle de voz do iPhone);
2. Escolham uma das empresas que produzem e comercializam produtos eletrônicos de consumo para ser o fabricante do super computador; na mesma reportagem;
3. Atribuem-lhe um título sugestivo e capriche no subtítulo.
4. Pensem no leitor: a notícia será lida por quem? O texto está claro e objetivo? Suas ideias estão definidas de maneira clara?
5. Escrever é um processo que envolve planejamento. Antes de escrever o texto propriamente dito, planejem o que vão escrever. Que tal criar um roteiro sobre as ideias que não podem estar ausentes do texto?

6. Façam um rascunho e, antes de passar a limpo, realizem uma revisão cuidadosa do que escreveu.
7. Troquem de texto com outras duplas e discutam os textos. Reescrevam seu texto com base na revisão feita por sua dupla e pela dupla que o leu.
8. Avaliem sua notícia! Observem se texto de vocês apresenta uma visão pessoal do assunto escolhido, se o texto ficou leve e atraente, se ele sensibiliza e/ou promove uma reflexão do leitor sobre o assunto, e se a linguagem empregada está adequada ao gênero e ao contexto.

#bombounanet

Quer saber mais?

- Uma dica de filme que fala sobre o universo dos jornalistas – e da notícia, é claro! – é *O preço da coragem (A Mighty Heart)*, baseado na obra de Raul Drewnick, em que o repórter do *Wall Street Journal*, Daniel Pearl, foi para o Paquistão com a missão de entrevistar um fundamentalista paquistanês. A mulher grávida, Mariane Pearl, também jornalista, embarca numa busca para encontrar o seu marido. A história serve para lembrar os riscos e os sacrifícios que os corajosos jornalistas enfrentam para fazer as notícias. Angelina Jolie interpreta o papel de esposa (WINTERBOTTOM, Michael. EUA/ Reino Unido: Paramount Pictures, 2007. 1h40min). Confira!



Fonte: <<http://sindromedobeijaflor.blogspot.com.br>>.
Data de acesso: 01/05/15.

- A Universidade Federal de Goiás (UFG) tem um vídeo no YouTube que fala sobre o curso de jornalismo e como ele funciona. Assista em <https://www.youtube.com/watch?v=WjUFzEQP4F8>.
- O *Profissão Repórter* é um programa jornalístico semanal brasileiro, produzido e exibido pela Rede Globo. Nele, Caco Barcellos e uma equipe de jovens repórteres vão às ruas, juntos, para mostrar diferentes ângulos do mesmo fato, da mesma notícia. Cada repórter tem sempre uma missão a cumprir, o que envolve tarefas tanto na realização da reportagem ao vivo quanto na finalização da mesma. Assista a episódios completos em <http://globo.tv/globo.com/rede-globo/profissao-reporter/integras/>.



Fonte: <<http://logos.wikia.com/wiki/>>. Data de acesso: 01/05/15.

Fontes de pesquisa:

CARVALHO, Laiz; DELMANTO, Dileta. **Coleção Jornadas.port**. São Paulo: Saraiva, 2012.

BALTHASAR, Marisa; FIGUEIREDO, Laura de; GOULART, Shirley. **Coleção Singular & Plural** – Leitura, produção e estudos de linguagem. São Paulo: Moderna, 2012.

UNIDADE didática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. Programa de Iniciação Tecnológica e Cidadania. Disponível em <<http://docente.ifrn.edu.br/>>

<http://www.brasilecola.com>

<http://portaldoprofessor.mec.gov.br>

<http://revistaescola.abril.com.br/fundamental>

UNIDADE 4:

ILUSTRANDO A ATUALIDADE

CONHECIMENTO GERA CONHECIMENTO...

Leia os textos a seguir e, em seguida, responda às perguntas em "Primeiras impressões...".

TEXTO 1



FONTE: <<https://informationbrevis.wordpress.com/category/cursos-e-oficinas/page/2/>>.
Data de acesso: 11/05/15.

TEXTO 2



FONTE: <http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=2395&titulo=Ensino_Inferior>. Data de acesso: 15/05/15.

Primeiras impressões...

Os textos 1 e 2 têm como tema o gênero textual que conhecemos como charge. Reflita e responda:

- O texto 1 é o que chamamos de um texto metalinguístico, ou seja, nele, o emissor está voltado para o próprio código, para a própria linguagem. Por que podemos afirmar essa ideia em relação a esse texto?

Resposta esperada: Porque temos um desenho mostrando como desenhar.

- O que você acha que esse desenho representa?

Resposta esperada: As pessoas que sobrevivem da arte do desenho: cartunistas e chargistas.

- Preste atenção ao texto 2. Ele mostra uma tirinha cujo tema é o universo dos cartuns e das charges. Nele há uma ironia. Identifique-a.

Resposta esperada: O autor ironiza o fato de que embora as pessoas achem legal a arte do cartunista ou do chargista, não consideram-na como um trabalho, um emprego.

- Podemos dizer que o texto 2 faz uma crítica? Em caso afirmativo, a quê?

Resposta esperada: Sim. O texto 2 faz uma crítica à má remuneração de tais profissionais.

CONHECENDO O GÊNERO...

Charge – Ilustrando o cotidiano

“A charge é um desenho humorístico, com vida própria, de caráter político”. Esta é a definição para o gênero textual de acordo com o *Manual geral de redação do jornal Folha de S. Paulo*. A charge tem como fonte de inspiração o noticiário. Veja:

Texto 1



Edição do dia 03/03/2015

03/03/2015 22h28 - Atualizado em 03/03/2015 22h37

Entenda como funciona a delação premiada, base da Lava Jato

Até agora 15 acusados de desvio de dinheiro da Petrobras fizeram acordo de delação premiada, entre eles Alberto Youssef e Paulo Roberto Costa.

Fonte: G1. Disponível em <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/03/entenda-como-funciona-delacao-premiada-base-da-lava-jato.html>>. Data de acesso: 11/05/15.

O texto acima, como já vimos em outra Unidade, é uma notícia que trata de um tema político e criminal da atualidade: a corrupção.

O Brasil tem passado, nos últimos meses, por um momento político muito difícil: índices inflacionais aumentando, desemprego, instabilidade econômica etc. E em meio a tudo isso, denúncias políticas sobre corrupção têm ganhado as páginas dos principais jornais do país.

Uma notícia que tem incomodado a muitos brasileiros diz respeito à corrupção na Petrobrás, maior empresa estatal do país, com a prisão de vários envolvidos. Um dos “privilégios” a que essas pessoas que foram presas podem ter acesso, diz respeito à “delação premiada”, que é um benefício legal concedido a um criminoso delator, que aceite colaborar na investigação ou entregar seus companheiros.

Esse benefício é previsto em diversas leis brasileiras dentro do Código Penal. A delação premiada pode beneficiar o acusado com: diminuição da pena de 1/3 a 2/3 do tempo, cumprimento da pena em regime semiaberto ou, até mesmo, extinção da pena.

A delação premiada é constantemente criticada, uma vez que fica a critério de avaliação do Juiz da causa e de parecer do membro do MP a utilidade das informações prestadas pelo réu.

Agora, observe este outro texto:

Texto 2



Fonte: Jornal NH. Disponível em <www.jornalnh.com.br/conteudo/2014/12/noticias/_regiao/110639-corrupcao-e-delação-premiada-nas-charges-dos-jornais-de-sabado.html>. Data de acesso: 15/05/15.

O texto se constitui em grande parte de linguagem não verbal, não é mesmo? Há apenas um pequeno enunciado em linguagem verbal, embora ele seja importante para a compreensão do conteúdo abordado, pois nos esclarece qual a intenção do menino para com a mãe: contar o que sabe a partir do momento que a mãe concordar em conceder-lhe algum privilégio. Mesmo assim, ele exige de nós, leitores, um nível de interpretação que ultrapassa as fronteiras do que está dito no texto, pois exige que saibamos qual o sentido desse acordo e qual a relação que pode ser estabelecida entre o diálogo da mãe com o filho e a cena que é mostrada em outro plano.

Para compreendermos isso, precisamos nos concentrar nos detalhes do texto. A imagem nos apresenta um vaso de cerâmica quebrada, com uma bola ao

lado. O vaso quebrado suja todo o chão. A mulher, ao ver a cena, parece ficar muito chateada, pois a posição que assume na ilustração é a de quem está chamando a atenção do filho. Atrás da mãe furiosa, vemos um cãozinho extremamente preocupado, atrás de uma parede, na qual está pendurada uma foto do menino abraçado ao cãozinho (o que mostra o envolvimento entre eles) e, logo abaixo – no chão – um outro elemento também provoca sujeira semelhante à do vaso quebrado: dejetos deixados pelo cachorro. Além disso, a fala do menino traz a expressão “delação premiada”. O que isso quer dizer?

Com certeza é uma crítica, você não acha? Uma crítica aos negócios sujos, à corrupção e aos privilégios que estampam os jornais ultimamente. O conhecimento de mundo faz com que percebamos as mensagens implícitas no texto. Assim, o texto, uma charge, estabelece uma relação entre a já muito antiga corrupção que a história de nosso país nos indica e a recente e explanada realidade da delação premiada e das vantagens obtidas por meio dela.

A charge é um texto de natureza humorística que compreende sempre uma crítica a algum momento da realidade. O seu nome, aliás, surge daí. O termo charge é um galicismo, ou seja, foi tomado de empréstimo ao francês. Nessa língua, o termo significa “carga”, com um certo sentido de “carregar”, ou seja, de “exagerar”. O uso desse termo se presta ao gênero textual porque este representa uma espécie de carga crítica acerca de um dado fato da realidade associando, para isso, imagens e texto verbal.

A partir dela, o leitor constrói inferências que o levam a tomar uma atitude crítica e reflexiva diante do tema abordado. No Brasil, a charge sempre teve um alto teor político, o que significa dizer que ela sempre esteve ligada a esse campo social, embora também seja comum na área dos esportes e dos costumes. A que campo você considera que está ligada a charge apresentada nesta unidade?

A charge costuma ser confundida com o cartum ou com a tirinha, embora cada um desses gêneros textuais apresente particularidades que os distinguem entre si. A tirinha é uma sequência narrativa, em geral de três ou quatro quadros, que apresenta personagens caricaturais ou não, vivendo um dado acontecimento ou discutindo um assunto qualquer. A sua diferença em relação à charge se

constitui, exatamente, na sequência, pois a charge, tradicionalmente, apresenta apenas um quadro.

Já o cartum é uma denominação inglesa, que também apresenta um só quadro e difere da charge muito mais pelo conteúdo que pelo formato: o cartum apresenta um conteúdo mais leve e menos crítico que a charge. Para ler a charge, o leitor precisa estar por dentro do que acontece no cotidiano, principalmente nos bastidores da política. O cartum se dedica a acontecimentos mais corriqueiros, do dia a dia, e volta-se mais para costumes e práticas sociais cotidianas.

O fato é que um cartum é sempre um desenho humorístico que pode apresentar também apenas imagem ou imagem e texto verbal. Assim, muitas vezes o uso dos dois termos se confunde e, em determinados momentos, o denominar cartum ou charge pode não fazer muita diferença.

Tradicionalmente, as charges eram veiculadas em jornais e em revistas. Sendo assim, poderíamos considerá-la um gênero textual fundamentalmente jornalístico. Daí seu apego a um dado momento da realidade. Mas novos suportes, como a Internet, possibilitaram a difusão de charges em outros espaços como *blogs* e *sites* de variedade. A partir de sua entrada na Internet, a charge ganhou, inclusive, novos formatos, como a charge animada (temos uma dica na seção *#bombounanet*), um misto de tirinha e de charge com desenho animado, uma vez que se constitui de uma pequena narrativa que se passa em algumas cenas. O suporte virtual proporciona a mobilidade entre uma cena e outra e a sua sonorização. Esse tipo de charge é cada vez mais comum hoje em dia. Aproxima-se, assim, de um novo público leitor, pois passa a ser difundida entre crianças e jovens, um público para quem, tradicionalmente, a charge não se voltava.

Os gêneros textuais, aliás, são assim: eles nascem, se modificam, geram outros gêneros, de acordo com as necessidades dos usuários e as novas situações de comunicação.

REFLETINDO PARA CONHECER...

Observe o texto a seguir com atenção para responder as perguntas de 1 a 5:



Fonte: <<http://humortadela.bol.uol.com.br/charges>>. Data de acesso: 15/05/15.

1. Com referência ao texto lido, podemos afirmar que ele é
- a) uma charge porque discute um determinado problema da realidade cotidiana sob um ponto de vista cômico e crítico, associando imagem e texto.
 - b) uma charge porque apresenta uma inquietação social ampla, não se prende a um fato peculiar do dia a dia e não explora uma visão crítica.
 - c) um cartum porque não reflete sobre um tema político e não adota uma perspectiva cômica ou crítica sobre o tema desenvolvido.
 - d) uma tirinha porque apresenta um tema político e se desenvolve através de uma sequência narrativa.

Resposta: A

2. Coloque **S** se concorda com a afirmativa, e **N**, se não concorda.

(N) O texto é autoexplicativo e não exige conhecimentos fora dele (extralinguísticos) para que seja compreendido.

(N) O texto exige apenas conhecimentos específicos acerca do gênero textual de que se constitui, não extrapolando as informações que estão ali expostas.

(S) O texto explora aspectos específicos sobre dados da realidade brasileira que o leitor precisa conhecer para poder interpretá-lo.

(S) O texto exige outros conhecimentos, além dos linguísticos, para a interpretação do que está sendo exposto.

3. A imagem nos apresenta três torres de petróleo jorrando um líquido que não é negro (como seria o petróleo), mas marrom. Esse líquido inundou todo o terreno onde se encontram essas torres. Além disso, o enunciado afirma que o Brasil tem suficiência em lama. O que isso quer dizer?

Resposta esperada: Que a situação do Brasil, na atualidade, está tão complicada devido à corrupção, que dele está jorrando “lama”, num sentido figurado, o que corresponde à sujeira, a coisas erradas. E nesse tipo de material, o país é autossuficiente.

4. O texto faz uma crítica, você não acha? Uma crítica a quê?

Resposta esperada: Espera-se que o aluno acesse seu conhecimento de mundo estabelecendo uma relação entre a recente descoberta das reservas de petróleo e a já muito antiga autossuficiência em corrupção que a história de nosso país nos indica.

5. Das manchetes abaixo, retiradas de jornais de grande circulação no país, qual se relacionaria com o texto lido?



Fonte: O Globo. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/infograficos/mensalao-caminhos-do-dinheiro/>>. Data de acesso: 13/05/15.

() **ECONOMIA E EMPREGO**

Poço de Libra confirma descoberta de petróleo

Exploração petrolífera

Área explorada está localizada no pré-sal da Bacia de Santos, a cerca de 170 km da costa do estado do Rio de Janeiro

Fonte:< <http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2014/10/poco-de-libra-confirma-descoberta-de-petro>>. Data de acesso: 13/05/15.

(X) **Petrobras está envolvida no maior escândalo de corrupção do mundo, diz Cunha**

O presidente da Câmara, deputado Eduardo Cunha, é um dos 34 parlamentares suspeitos de participar do esquema de desvio de dinheiro público na maior estatal brasileira

Fonte: <http://www.em.com.br/app/noticia/politica/2015/03/09/interna_politica,625418/petrobras-esta-envolvida-no-maior-escandalo-de-corrupcao-do-mundo-diz.shtml>. Data de acesso: 13/05/15.

6. Leia as afirmações a seguir e escolha a opção que contém as informações corretas.

- I. A charge é um texto de tradição jornalística e, desde o início, sempre esteve voltado para a crítica política e de costumes.
- II. A charge fala sobre fatos sociais de forma incisiva e crítica, daí o seu nome, charge, que, em francês, significa carga.
- III. A charge é um texto que, obrigatoriamente, apresenta linguagem verbal, o que exige que o leitor possua um conhecimento linguístico formal e elaborado para compreendê-lo.

- a) Estão corretas apenas as alternativas I e III.
- b) Estão corretas apenas as alternativas II e III.
- c) Estão corretas apenas as alternativas I e II.
- d) Nenhuma das alternativas está correta.

Resposta: C

7. De acordo com o que você estudou ao longo desta unidade,

- a) os gêneros textuais, como as charges, permanecem sempre iguais, sem passarem por transformações ao longo dos anos.
- b) os gêneros textuais nascem, desenvolvem-se, e geram outros gêneros textuais de acordo com as novas demandas sociais e os novos veículos que surgem com o tempo.
- c) os gêneros textuais charge, tirinha e cartum são completamente diferentes entre si e não apresentam características comuns.
- d) os gêneros textuais charge e tirinha podem ter originado um novo gênero textual: o cartum.

Resposta: B

8. Faça a associação da charge com a manchete que traz a notícia que a motivou.

(1)



Fonte: <\\noblato.oglobo.globocom/charges/noticia/2015/05/charge-de-chico-caruso-13-05-2015.html>. Data de acesso: 13/05/15.

(2)



Fonte: <<http://noblato.globo.globo.com/charges/noticia/2015/05/charge-de-chico-caruso-08-05-2015.html>>. Data de acesso; 08/05/15.

(3)



Fonte: <<http://minilua.com/recebi-mail-charges-das-escolas-atuais-100/>>. Data de acesso: 08/05/15.

(2)

Entenda como ocorrem fraudes nos convênios entre ONGs e governos

Ex-ministro do Esporte é investigado por suposto esquema de desvio.
Falta de lei e fiscalização falha facilitam fraudes, dizem especialistas.

Fonte: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2011/10/entenda-como-ocorrem-fraudes-nos-convenios-entre-ongs-e-governos.html>>. Data de acesso: 13/05/15.

(1)

Doleira canta "Amada amante" de Roberto Carlos, em audiência da CPI da Petrobras

Nelma Kodama arranca risada dos deputados ao negar dinheiro na calcinha; André Vargas e Argôlo também serão sabatinados por deputados

Fonte: <<http://oglobo.globo.com/brasil/doleira-canta-amada-amante-de-roberto-carlos-em-audiencia-da-cpi-da-petrobras-16128227>>. Data de acesso 13/05/15.

OPERAÇÃO LAVA JATO »

(3)

Ainda desunida, oposição quer se aproveitar da fragilidade de Dilma

• Unificar discursos e atrair o PMDB são as estratégias para desgastar gestão petista

Fonte:<http://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/05/politica/1425593079_970097.html>. Data de acesso 15/05/15.

Refletindo além do texto...

Texto 1

Fátima

Flávio Lemos e Renato Russo

Vocês esperam uma intervenção divina

Mas não sabem que o tempo agora está contra vocês

Vocês se perdem no meio de tanto medo

De não conseguir dinheiro pra comprar sem se vender

E vocês armam seus esquemas ilusórios
Continuam só fingindo que o mundo ninguém fez
Mas acontece que tudo tem começo
E se começa um dia acaba, eu tenho pena de vocês

E as ameaças de ataque nuclear
Bombas de nêutrons não foi Deus quem fez
Alguém, alguém um dia vai se vingar
Vocês são vermes, pensam que são reis

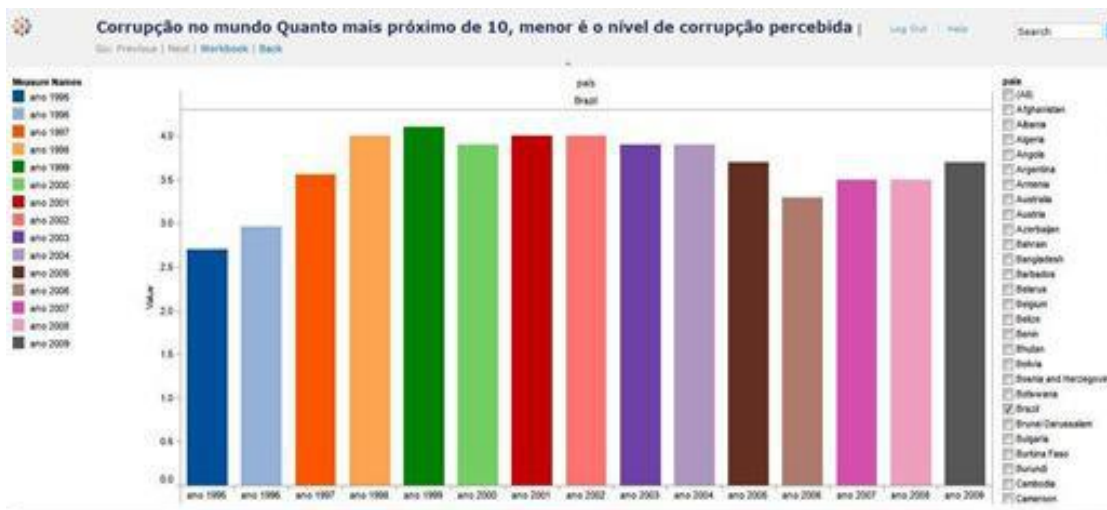
Não quero ser como vocês
Eu não preciso mais
Eu já sei o que eu tenho que saber
E agora tanto faz...

Três crianças sem dinheiro e sem moral
Não ouviram a voz suave que era uma lágrima
E se esqueceram de avisar pra todo mundo
Que ela talvez tivesse nome e era Fátima

E de repente o vinho virou água
E a ferida não cicatrizou
E o limpo se sujou e no terceiro dia
Ninguém ressuscitou...

(Fonte: CAPITAL INICIAL. **Álbum de estúdio de Capital Inicial**. São Paulo: PolyGram, 1986.
Disponível em <http://letras.mus.br/capital-inicial/44843/>. Data de acesso: 18/05/15.)

Texto 2

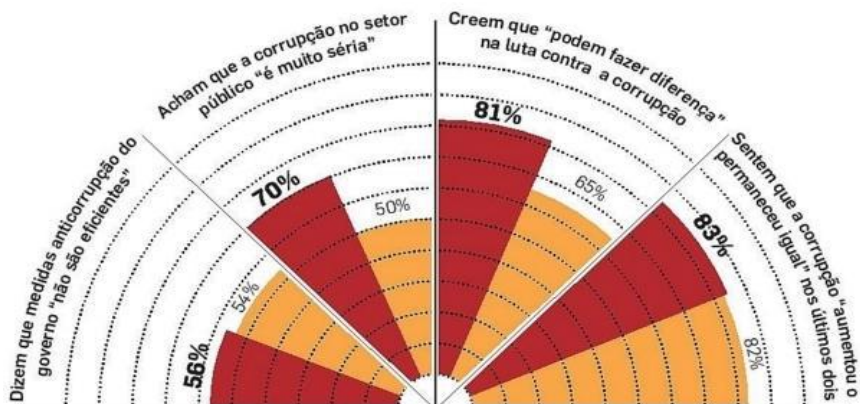


Fonte: <<https://jcasadei.wordpress.com/2010/10/28/brasil-patina-h-mais-de-uma-dcada-no-desafio-de-reduzir-corrupo/>>. Data de acesso: 18/05/15.

Texto 3

Outros questionamentos da pesquisa

■ NO BRASIL ■ MÉDIA MUNDIAL



NO BRASIL

2.002 entrevistados

NO MUNDO

114 mil entrevistados

Fonte:< <http://www.flc.org.br/partidos-sao-corruptos-ou-muito-corruptos-para-81-dos-brasileiros//>>.
Data de acesso: 13/05/15.

Após ler os textos acima, reflita e responda: será que o problema da corrupção no Brasil tem solução ou é algo com o qual o povo já se acostumou e desistiu de lutar? Qual a responsabilidade do brasileiro no que se refere ao assunto?

Resposta pessoal.

PRATICANDO PARA CONHECER...

PRODUÇÃO TEXTUAL: Chegou a sua vez...

No início desta Unidade, vimos uma tirinha que falava sobre a profissão de cartunista. Quando escolhemos uma profissão, muitos fatores são considerados, como as vantagens e desvantagens, o mercado de trabalho, os conselhos de pais, professores e amigos, e a vocação. Suponhamos que, em meio a essas preocupações e escolhas, você tenha lido o texto abaixo, de Maurício de Sousa, que fala sobre as dificuldades que enfrentou no início de sua carreira profissional.

Escreva um texto dissertativo-argumentativo no qual você defenda a ideia que achar mais importante: seguir a vocação profissional ou pensar no mercado de trabalho. Defenda sua posição com argumentos bem fundamentados, claros e coerentes. Seu texto deve ter no mínimo 15 e no máximo 30 linhas.

1. Participe de um debate com seus colegas, levantando opiniões e argumentos sobre o tema.

2. Pense no leitor: seu texto será lida por quem? Ele está claro e objetivo? Suas ideias estão definidas de maneira coerente?
3. Pense em seus objetivos: você quer entreter o leitor, sensibilizá-lo, ou fazer com que ele reflita sobre o assunto proposto?
4. Escrever é um processo que envolve planejamento. Antes de escrever o texto propriamente dito, planeje o que vai escrever. Que tal criar um roteiro sobre as ideias que não podem estar ausentes do seu texto?
5. Faça um rascunho e, antes de passar a limpo, realize uma revisão cuidadosa do que escreveu.
6. Troque de texto com um colega e discutam os textos. Reescreva seu texto com base na revisão feita por você e seu colega.
7. Avalie sua texto! Observe se seu texto apresenta uma visão pessoal do assunto escolhido, se o texto ficou leve e atraente, se ele sensibiliza e/ou promove uma reflexão do leitor sobre o assunto, e se a linguagem empregada está adequada ao gênero e ao contexto.

“Desista! Desenho não dá futuro!”



Essa frase ecoava na minha cabeça como mil sinos batendo num funeral.

Mas como?

E os rabiscos que eu fazia desde criança? Com o acompanhamento entusiasmado de meus pais e parentes?

E as historinhas que havia criado na escola, em gibizinhos de edição única e “consumidos” avidamente, de mão em mão, pelos colegas? E os cartazes que eu fazia para o comércio de Mogi, até que já bem remunerados? E os pôsteres que eu realizava para as alunas da Escola Normal - futuras professorinhas - sobre os mais diversos temas, até que belos e coloridos... e bem pagos.

E minha colaboração ao Jornal de Esportes da terra, com a criação de personagens símbolos para todos os clubes esportivos da região? ... e os desenhos coloridos, bonitos (e decalcados de belas ilustrações dos desenhos de Disney) que eu fazia para impressionar minhas paquerinhas?

Ah, não!

Não podia ser verdade.

Mas ... quem falava era um profissional tão importante, tão conhecido, famoso que... não podia estar enganado. Antes da frase de gelo eu até que estava animado. Tinha juntado vários desenhos meus, armei uma pastinha e me mandei para a redação do jornal Folha da Manhã, em São Paulo. Sabia que ali havia um departamento de arte. Tinha esperanças de conseguir nem que fosse um estagiozinho.

Fui recebido pelo chefe do departamento: ilustrador famoso. Tinha até colaborado durante muito tempo na revista mais importante da época: O Cruzeiro. Agora dirigia os destinos artísticos da Folha. Ele tomou minha pasta das mãos, ar bonacheirão, simpático, folheou desenho, fechou a pasta, olhou pra mim e soltou a frase-bomba: “- Desista! Desenho não dá futuro!” E continuou com outros “conselhos”: “- Por que não tenta outra coisa na vida? Você é jovem. Pode escolher qualquer coisa melhor do que passar anos e anos riscando papel! Vá fazer qualquer outra coisa que dê dinheiro!”

(Fonte: <ftp.puc-rio.br/pub/vestibular2007/provas_dia0412_manhaG2.pdf.> Data de acesso 13/05/15.)

#bombounanet

Quer saber mais?

- A *Charges.com.br* é um dos maiores e mais premiados sites de humor do Brasil. Todo dia você encontra uma animação inédita de Maurício Ricardo e muito mais. Quer conferir? Visite o site charges.uol.com.br.
- Assista ao vídeo da música Fátima, que a banda Capital Inicial executou ao vivo para o programa *Acústico MTV* no link <https://www.youtube.com/watch?v=ULufDCOxWgQ>.



Fontes de pesquisa:

CARVALHO, Laiz; DELMANTO, Dileta. **Coleção Jornadas.port.** São Paulo: Saraiva, 2012.

BALTHASAR, Marisa; FIGUEIREDO, Laura de; GOULART, Shirley. **Coleção Singular & Plural** – Leitura, produção e estudos de linguagem. São Paulo: Moderna, 2012.

UNIDADE didática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. Programa de Iniciação Tecnológica e Cidadania. Disponível em <<http://docente.ifrn.edu.br/>>

<http://www.brasilecola.com>

<http://portaldoprofessor.mec.gov.br>

<http://revistaescola.abril.com.br/fundamental-2>